

Um sexo que são vários

A (im)possibilidade do intersexo
enquanto categoria humana



Um sexo que são vários

A (im)possibilidade do intersexo enquanto
categoria humana

Imagem de capa: Marcel Duchamp: *Reproduction of L.H.O.O.Q.* (1919)

Dissertação de mestrado em Estudos Feministas, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sob a orientação da Professora Doutora Maria Irene Ramalho e da Professora Doutora Adriana Bebianio.

BORN QUEER: dear doctors

I was born genderfuck. Blue-blooded genderqueer. It's in my D.N.A. My G.E.N.E.S. My anarchic intersex body.

I was born girl, but like a salmon, sequential hermaphrodite, growing into some kind of manhood (...)

But, interrupting the sequence, they cut off my dick (retaining sensation).

Was it anger at your own confusion castrating me - Mr. Durham Smith - ?

(...) Snip Snip. "There you are dear, much better."

Or hermaphroenvy? Too much girl; too much man. Was it your miserly anxiety at my gender gluttony, my gender abundance?

(...)

They cut out my testicles, but now, like a hermaphrodite Samsom (my mother was my Delilah) I'm back, stronger than ever, to push down the walls of the gender temple crying, "Love me. I'm wild and free."

I'm bonded to my masters, the doctors and I locked together for life. Like some ultimate marketing ploy, they hooked me on hormones to replace what they removed. I'm an Eostroaddict.

Testostrofiend. The slips of paper, the chemist, my nightly fix.

My virginity was taken with a knife - Professor Roger Pepperall - by my middle-aged, white man, surgeon lover (I hardly knew him). Was he rendered impotent by my fused labia, my chastising hymen, impenetrable to flesh alone?

(...)

My first, and we never even kissed. I'll never forget you.

I'm never lonely now. I've got my psychic shadow, my man-self, to play with. He's my butch mentor. He never got a name. Like a siamese twin brother of potential (one brain, two possible bodies) he was sacrificed so I could live. A girl with a hole is better than a boy with a bush.

So they made me feel. 'Cause they made me feel. Oh, they made me feel like a natural woman. Or not. Well, maybe a little. And I'm man enough to admit it.

Hermaphroditus, my freak ancestor, my namesake, my pop idol, whispers from ancient Europe, "I was therefore you are."

But today, it's attempted gendercide: and I'm a survivor with a warriors scars and a pirate's cry, saying,

"Fuck the gender-police!"

And I'm singing, laughing, loving.

And I'm OUT, LOUD and PROUD.¹

¹ Este poema não se encontra publicado e foi-me gentilmente cedido pela autora, Eli se Mbessakwini, realizadora, performer e escritora. O texto é discursado numa curta-metragem com o mesmo nome do poema – *Born Queer: Dear Doctors* (2004).

Resumo

Existe uma influência recíproca entre biologia e cultura: sendo o corpo o local onde se inscrevem significados culturais, ele interfere nesses significados ao mesmo tempo que por eles é alterado. Apesar de a biologia demonstrar a complexidade do corpo humano, que em muito extrapola a simplista fórmula ideológica dos dois sexos, a maioria das sociedades, em prol da preservação do seu sistema sexual binário normativo, não reconhece o intersexo como mais uma variação sexual, mas como deformação patológica. A reflexão sobre a intersexualidade, tomada aqui pelo recurso à biologia, à filosofia, à teoria feminista e à teoria *queer*, é fundamental para desconstruir aquele sistema e permitir o reconhecimento de uma variação sexual positiva. O principal objectivo é demonstrar a multiplicidade biológica e cultural do sexo. O sexo não é uno. Não se tem um sexo, é-se vários sexos.

Palavras-chave: intersexo, sexo, identidade sexual, normatividade, *queer*.

Abstract

There is a reciprocal influence between biology and culture: the body being the place where cultural meanings are inscribed, it affects these meanings while also being affected by them. Although biology is witness to the complexity of the human body, which surpasses by far the simplistic ideological formula of the two sexes, most societies, aiming at the preservation of its normative binary sexual system, do not recognize intersex as one more sexual variation but classifies it as a pathological deformation. By bringing together biology, philosophy, feminist theory and queer theory, this dissertation proposes reflection on intersexuality as essential for deconstructing the binary system and allowing for the recognition of a positive sexual variation. The main objective is to demonstrate the biological and cultural multiplicity of sex. Sex is not one. One does not have one sex, one is many sexes.

Keywords: intersex, sex, sexual identity, normativity, *queer*.

Índice

I - INTRODUÇÃO	5
Apresentação e justificação do tema	5
Clarificação de conceitos	8
Transexualidade e intersexo – uma realidade da antiguidade à actualidade	15
II - DA TEORIA À PRÁTICA – DO <i>QUEER</i> AO INTERSEXO	19
Intersexo: a importância da teoria <i>queer</i>	19
Determinação/regulação sexual	23
Variações de sexo ou “síndromes”	27
Transexualidade	38
Sociedades com sistema sexual não binário	43
III - REFLEXÃO	48
O carácter construído do sexo e o carácter (não)construído da identidade sexual	48
Norma <i>versus</i> Transgressão	52
<i>Gender Hackers</i> – Identidades fora da norma	60
IV - A RECUPERAÇÃO DA DIFERENÇA PELA HOSPITALIDADE DERRIDIANA	68
BIBLIOGRAFIA	73

I

INTRODUÇÃO

Apresentação e justificação do tema

“Que para examinar a verdade é necessário, uma vez na vida, pôr todas as coisas em dúvida, tanto quanto se puder”

Descartes, *Os Princípios da Filosofia*

Apesar de não me pensar como cartesiana, admito a epígrafe citada como inteiramente adequada ao pretendido nesta investigação: problematizar o sistema sexual vigente nas sociedades ocidentais, não para encontrar uma verdade do sexo, mas para pôr em dúvida a verdade do sexo, que pretensiosamente se tem vindo a afirmar, sobretudo a partir do século XIX. O sistema sexual em que nos inserimos é binário, apenas admite dois sexos, mas, até que ponto é esse binarismo válido? Perante a teima em categorizar as pessoas enquanto um ou outro sexo (masculino ou feminino²), recorro à intersexualidade para demonstrar em que moldes são construídas essas categorias sexuais e se inserem os corpos nelas. A diferença estabelecida entre estas categorias conjuga vários aspectos que vão da biologia ao social, sendo cada um deles delimitado discursivamente e reduzido a categoria política. A mesma régua que mede o tamanho dos genitais para comprovar a “normalidade” ou avaliar o grau de “anormalidade”, delimita outros factores: cromossomas, hormonas, brinquedos, vestuário, profissão, objecto de desejo sexual, entre outros. Cria-se uma fronteira rigorosamente demarcada entre o que implica ser mulher e o que implica ser homem, fronteira essa que se descobre ténue quando posta em questão. Desta feita, toda a definição de homem ou mulher enquanto verdade do sexo não pode ser senão um sofisma.

Este trabalho terá dois momentos fundamentais: um de carácter biológico e outro de carácter teórico-reflexivo. Aproprio-me das palavras inscritas no livro *The Evolution of Sex* (1889), de Arthur Thomson e Patrick Geddes – “We must insist upon the biological considerations underlying the relation of the sexes” (267) – para lhes dar novo sentido. No livro supracitado, o objectivo da biologia seria reafirmar a diferença sexual dualista, ao passo que neste trabalho será reafirmar múltiplas diferenças sexuais. Considero de extrema importância dar a conhecer o espectro biológico do corpo humano no que toca ao sexo, pois existem pes-

² Poderia acrescentar “respectivamente”, uma vez que, segundo a tradição feminista, o sexo feminino corresponde ao “outro sexo”.

soas cujas características sexuais primárias ou secundárias não preenchem os requisitos passíveis de serem integrados em nenhum dos dois sexos reconhecidos. Para resolver esta situação, que a ciência e a cultura dominantes consideram uma anormalidade, as entidades médicas reconhecem-se no direito de intervir, de modo a “normalizá-la”, um procedimento que se traduz na violação do corpo pelas tecnologias e sua inserção numa das duas categorias de sexo consideradas “normais”. Segundo as entidades médicas, estas intervenções devem ser realizadas ainda em terna idade para evitar confusões com o nome no registo civil e com todo o processo de socialização. Apesar de, conforme atenta Alice Dreger (2000: 162), a genitália ambígua poder ter implícitos distúrbios metabólicos, os genitais em si próprios não são doentes. É evidente que não me posiciono contra a realização de tratamentos a pessoas intersexo quando realizadas por motivos de especial perigosidade para vida,³ mas objecto os que visam a “normalização” estética e o encaixe numa categoria sexual, não só devido às consequências físicas que isso acarreta, mas também porque, mais do que cicatrizes, imprimem um sexo que porta a carga de uma identidade sexual, que só por si dita parte do destino de alguém que não teve poder de escolha, podendo resultar em graves consequências a nível psicológico. Como demonstrarei, o “tratamento” da intersexualidade não tem fundamento científico, mas apenas fundamentos ideologicamente consolidados: o machismo, o sexismo e a heterossexualidade. Por isso, é imperativa e urgente a despatologização da intersexualidade, a não realização e mesmo criminalização de qualquer cirurgia sem o consentimento da pessoa em questão. Um “tratamento” será considerado bem sucedido quando o novo sexo coincide com a identidade sexual, por exemplo, quando uma pessoa redesignada para o sexo feminino cumpre com os devidos estereótipos a esse sexo associados, assumindo-se como mulher “feminina” e heterossexual - a relação sexual com o sexo oposto é o principal factor de critério para o dito sucesso. Dentro deste contexto, o êxito está interiormente ligado uma coincidência, do ponto de vista heterossexista, entre identidade sexual e sexo de criação, e, acrescento ainda, jamais deveria ser considerado notável o acto da retirada de determinadas competências sexuais em função de outras, sem o devido consentimento da pessoa em questão.

Quando faço uso da palavra “síndrome”, para referir por exemplo a síndrome de Turner, não pretendo de modo algum encarar os casos como patologia nem tomar uma posição de piedade para com os sujeitos intersexo. Faço-o apenas por uma questão de identificação e necessidade de recorrer ao vocabulário existente, na ausência de outro, ainda por criar. Distancio-me da posição de vários autores como Gerald Ramsey, que tomam as pessoas interse-

³ A título de exemplo, uma das formas da hiperplasia adrenal congénita implica perda de sal, pelo que se torna importante realizar um tratamento que consiste na hidratação com reposição de sódio.

xo por pessoas sós, deslocadas, deprimidas, frustradas e insatisfeitas com o *status* biológico sexual (1998: 44). Assumo a intersexualidade, sob que designação for, como uma variação sexual, assim como o é o denominado “sexo masculino” e o “sexo feminino”. Neste sentido, aproveito para destacar a declaração de Alice Dreger em artigo publicado no *The New York Times* (1998b): “when I ask people with dark skin if they would change their color, they tell me no, and when I ask women if they would rather be men, they tell me no, and I get the same response when I ask people with unusual anatomies if they would take a magic pill to erase their unusual features.”

É de extrema importância discutir a intersexualidade já que este é um assunto controverso sobre o qual pouco se sabe. Devido a isso, nem a sociedade preconceituosa nem as próprias entidades médicas tomam a melhor atitude para com as pessoas intersexo. A questão do intersexo põe em questão os outros sexos, as fronteiras, os ideais de beleza, a orientação sexual, a identidade sexual, a legislação, os serviços médicos, a ética... Se por um lado disponho da biologia para comprovar a diversidade do sexo,⁴ por outro disponho da filosofia, da teoria feminista e da teoria *queer* para discutir esta diversidade e a situá-la na sociedade.

Num primeiro momento, apresento palavras-chave cujos significados não encontram um consenso universal, aproveitando-me dessa fragilidade para escolher um rumo conceptual alternativo. Faço uma breve introdução à teoria *queer*, sublinhando a sua importância para entender a intersexualidade. Entrando na área da biologia, apresento as principais variações sexuais nos corpos, sempre que possível, acompanhadas pelo testemunho de alguém que as incorpora.⁵ Termino o capítulo falando de sociedades cujo sistema sexual não é binário. A discussão dos elementos apresentados até então inicia-se com o desenvolvimento da problematização da noção de género entendida como construção social e como escolha, e da noção de sexo como anatomicamente imutável, em diálogo com Judith Butler. Chegada à conclusão de que o sexo, mais que o género, é de carácter construído/discursivo, socorro-me de Foucault para contestar o controlo dos corpos, principalmente dos corpos intersexuados, pela biopolítica. Passo a discutir a questão da “norma” e da “habitabilidade” em Judith Butler, a qual teoriza acerca das categorias merecedoras de reconhecimento enquanto humanas, e reflecto sobre a posição do intersexo nestes conceitos, advogando identidades transgressoras e

⁴ Devido a esta diversidade o termo mais correcto a usar ao longo do trabalho seria “intersexos”, e não “intersexo” no singular, conforme farei. Contudo, não é de toda minha intenção reduzir os corpos intersexuados a uma essência. Qualquer tentativa desse tipo seria frustrada pois não existe um conjunto único de características biológicas que defina a intersexualidade.

⁵ Por uma questão de disponibilidade, a maioria desses testemunhos provém dos Estados Unidos. É de revelar que foi lá onde ocorreram as primeiras cirurgias “especializadas” de redesignação sexual e onde surgiram os primeiros movimentos de activismo intersex.

a recusa às restrições normativas do sexo. Situando essa recusa no corpo, demonstro como Beatriz Preciado a efectuou, e discuto a possibilidade da criação de novas identidades e novos sexos. Perante a evidência da multiplicidade sexual, concluo com o acolhimento incondicional derridiano da diferença, que até então se tem pensado pejorativa.

Clarificação de conceitos

“Há apenas palavras inexactas para designar alguma coisa exactamente.”

Deleuze e Parnet, *Diálogos*

Admitindo a (im)possibilidade de conceptualização das palavras e a vulnerabilidade natural à apropriação das mesmas, passo a (tentar) esclarecer os conceitos-chave deste argumento que, ao estilo derridiano, não passarão de “quase-conceitos”:⁶

- Identidade sexual – também designada por “género” ou “identidade de género”, corresponde ao sentimento de um indivíduo relativamente à sua sexualidade e papel socio-sexual. A noção, tal como a conhecemos, é cultural e não biológica, e há uma tendência em associar a identidade sexual ao sexo anatómico, ou seja, admitindo a sociedade ocidental apenas dois sexos, limita-se a dois sentimentos possíveis, o de masculinidade e de feminilidade, atribuindo a cada um papéis sociais, dividindo as pessoas por género. O que caracteriza cada uma das identidades é, então, socialmente determinado; no entanto, como tentarei demonstrar, a identidade é algo único a cada pessoa, como se de um código genético se tratasse, não podendo ser completamente educada, tem como única componente social a associação livre ou sujeição de cada pessoa a cada papel que lhe pré-existe enquanto modelo a seguir, sendo a transexualidade a melhor prova disso. Por outras palavras, a associação de

⁶ Os conceitos tentam arquivar dimensões pré-verbais e transmiti-las através da linguagem, daí que, serão sempre incompletos. Assim sendo, a linguagem não poderá traduzir, totalmente, o pensamento, os objectos e/ou os acontecimentos. Para Derrida, toda a apropriação da língua não pode ser senão ex-propriação ou des-posseção, na medida em que o sujeito não é “proprietário” da língua mas, antes, “herdeiro” dela: “il n'y a jamais d'appropriation ou de réappropriation absolue. Parce qu'il n'y a pas de propriété naturelle de la langue” (Derrida, 1996: 46). Se, por um lado, é a língua que nos fala, por outro, e como lembra Heidegger na *Carta sobre o humanismo*, é a língua que torna o ser falante. Por consequência, enquanto seres falantes que somos, tentamos traduzir literalmente o pensamento através das palavras, mas sem sucesso. Ou seja, as palavras são vulneráveis, portando em si um desvio que não se deixa apropriar e nunca traduzindo sem *resto* (de todo) o que querem dizer. Isto pode ainda significar que, enquanto seres falantes, contaminamos a linguagem e podemos reinventá-la (note-se a quantidade de palavras cujo actual significado se afasta do significado etimológico, ou os vários significados atribuído a um mesmo significante).

cada pessoa aos papéis sexuais predominantes é a possibilidade de ela expressar os seus desejos em concordância com tais modelos oferecidos pela cultura, podendo, no entanto, essa expressão ser feita em desacordo, caso não haja identificação pessoal com os ditos modelos.⁷

O uso do termo género ao longo do trabalho não deve ser confundido com o uso de sexo. Assumo o género como a personalidade sexual de cada pessoa, e sexo como o fenómeno biológico, mas jamais pretendendo insinuar algum tipo de ligação entre ambos, tão-pouco sugerir que se reduzem ao dualismo. A nomeação dos sexos genitais e a sua atribuição a pessoas dividindo-as em homens e mulheres é um acto social, por isso, assumindo uma proposição de índole kantiana, o sexo nunca poderá existir em si mesmo fora da perspectiva do conhecimento humano, fora dos esquemas mentais que possibilitam apreender os objectos dados. As/os obstetras, ao observarem a genitália da criança recém-nascida, estipulam o sexo de acordo com as dimensões médias e esquemas visuais que possuem em suas mentes, de tal modo que o sexo não depende da sua natureza, nem apenas da forma como aparece, mas da forma como é percebido. Os sexos são interpretações culturais e podem sofrer “emendas” se os tamanhos ou formas não forem aceitáveis dentro do que é assumido como “norma” no entendimento geral. Por este motivo pretendo desvelar o carácter cultural do sexo. Não nego as variações genitais; contudo, essas não se reduzem a duas e não determinam tão-pouco a identidade da pessoa, isto é, o sexo não determina o género. Ainda que determinasse, admitindo que a associação seria sexo feminino / género feminino, sexo masculino / género masculino, teria de haver espaço para uma série de correspondências entre outras variações genitais e de géneros.

- Transexual – é um termo de difícil conceptualização pois não existe um consenso universal acerca do que define a transexualidade. Na Direcção-Geral das Políticas Internas do Parlamento Europeu (Castagnoli, 2010: 3), transexual está definido como sendo a pessoa que mudou de sexo e / ou se submeteu a uma terapia hormonal. Deste ponto de vista, transexual será uma pessoa que se sente em desconformidade com o seu corpo e sexo genital, e que por esse motivo recorreu a técnicas de modificação corporal que podem implicar cirurgia de resedignação sexual (CSR), terapia de reposição hormonal (TRH), mastectomia, vaginoplastia, faloplastia, e ainda, em alguns casos de transexuais femininos, cirurgias plásticas para redução do maxilar, retirada de costelas, implantes de silicone⁸ e toxina botulínica (mais

⁷ Aproximo-me da linha de pensamento de John Boswell. O historiador defende que crescimento, desenvolvimento e cultura mostram-nos como expressar os nossos desejos inatos (as estruturas sexuais variam de cultura para cultura), mas não os podem criar totalmente (Boswell *apud* Fausto-Sterling, 2000: 15-16).

⁸ Abro uma nota para a administração de silicone sem vigilância médica realizada por “bombadeiras”. Quando as transexuais não têm possibilidades monetárias, recorrem às bombadeiras para estas lhes injectarem silicone

conhecida por *botox*). Nesta perspectiva, ressalta um sentimento de identificação física com a fisionomia do sexo oposto.

Segundo a *Classificação Internacional de Doenças-10 (CID-10)*, item F.64.1, a transexualidade define-se como:

a desire to live and be accepted as a member of the opposite sex, usually accompanied by a sense of discomfort with, or inappropriateness of, one's anatomic sex, and a wish to have surgery and hormonal treatment to make one's body as congruent as possible with one's preferred sex.

Na óptica desta definição, a pessoa transsexual pode ou não sentir desconformidade com o seu sexo anatómico, recorrendo ou não a técnicas de modificação corporal, mas implicando sempre um desejo de pertencer socialmente ao sexo oposto e viver como tal de forma permanente. Aqui, sugere-se o sentimento de pertença ao género estipulado para o sexo oposto, e não necessariamente a identificação física ou genital às formas do sexo oposto. No *CID-10*, a transexualidade está reportada, a par do travestismo,⁹ como sendo uma patologia, um “distúrbio de identidade sexual”.¹⁰ Adoptarei a definição da bióloga Anne Fausto-Sterling (2000: 22), que associa a transexualidade ao sentimento de inconformidade entre o sexo emocional, ou identidade sexual, e o sexo físico, satisfazendo-se a componente psicológica através da alteração da componente física. Admitindo que pessoas transexuais são aquelas que pretendem mudar, estão em processo de mudança, ou já mudaram de sexo genital ou aparência física, elas podem ser agrupadas em dois grupos: *Trans pre-op* - ainda não operadas mas que pretendem operar, *trans post-op* - as já operadas. Utilizarei ainda os acrónimos MtF (male to female) para designar transexuais femininas, e FtM (female to male) para designar transexuais masculinos.

- *Transgender* – este é um termo abrangente. A pessoa *transgender* (ou transgénero) pode ser considerada aquela que se identifica com a identidade do sexo oposto mas não sente necessidade de uma transformação física, assim como pode ser aquela que de outras formas (travestismo e transexualidade) rejeita o “seu género”. *Transgender* corresponde deste

por um preço acessível. O que acontece na maioria dos casos é que a silicone usada é industrial e não médica, podendo causar graves problemas, desde infecções à migração da silicone para outras partes do corpo, o que pode ser fatal. A este respeito ver o artigo de Murray (2011). Neste sentido parece mais fácil transmutar para homem do que para mulher. Exige-se mais às mulheres para serem aceites, correndo, as transexuais, o risco de pagarem o preço da vida por isso.

⁹ Travestismo segundo a definição do item F64.1, capítulo V (“Mental and behavioural disorders”), do *CID-10*: “Dual-role transvestism - The wearing of clothes of the opposite sex for part of the individual's existence in order to enjoy the temporary experience of membership of the opposite sex, but without any desire for a more permanent sex change or associated surgical reassignment, and without sexual excitement accompanying the cross-dressing. Gender identity disorder of adolescence or adulthood, nontranssexual type.”

¹⁰ Para “gender identity disorders” consultar o grupo F-64, capítulo V, do *CID-10*.

modo à recusa das expectativas de género atribuídas ao seu sexo e à identificação identitária com o sexo oposto, seja pelo simples desejo de vestir roupas ou se comportar conforme o “outro sexo”, seja porque pretende alterar o sexo anatómico.¹¹ A pessoa que não pretende mudança de sexo mas que manifesta a identidade esperada para o sexo oposto também pode ser designada “transsexual *non-op*”.

- *Genderqueer* – este termo pode ser encarado como o correspondente, de âmbito psico-socio-sexual, ao intersexo. *Genderqueer* é o verdadeiro sentimento de ambiguidade, ou de não-identificação com nenhum dos estereótipos de género. Esta noção aproxima-se ao que a WPATH¹² (2011: 5) denomina de *gender nonconforming*. A não-conformidade de género reserva-se a pessoas que rejeitam as normas de género atribuídas ao sexo correspondente ao designado no nascimento. Isto não implica que se identifiquem ou queiram pertencer ao sexo oposto, significa apenas que rejeitam a delimitação essencial do papel de género, desde a orientação sexual, à profissão, maternidade, etc., podendo ser aplicado a casos como o do homem que almeja ser mulher, ou o da mulher que recusa ser mãe. Tenho reservas em aceitar como *genderqueer* uma mulher que recuse apenas um papel tradicionalmente esperado feminino - o desejo de ser mãe; ou um transsexual, já que o seu *gender* não é *queer*, mas sim bem definido. É aliás uma característica das pessoas transexuais, esta de não sentirem confusão com o seu género, ao contrário do que a designação no *CDI-10* sugere.

- Androginia – este conceito pode ser confundido com de intersexualidade devido à sua etimologia, que soma o grego *άνδρoς* (masculino) com *γυνή* (feminino). No *Banquete* de Platão, a androginia poderia ser lida agora sob o conceito de intersexo, pois nesta obra, o andrógino é descrito por Aristófanes como sendo um dos três sexos inicialmente existentes, que continha em si o sexo masculino e o sexo feminino. Mantereí a distinção entre intersexo e androginia conforme entendida hoje em dia, correspondendo apenas à parte estética da pessoa que reúne características ditas masculinas e características ditas femininas, seja pelo corte de cabelo, uso de maquilhagem, roupas, acessórios, ou mesmo pelas características físicas, mas não genitais. A androginia não deve ser comparada ao travestismo, pois a pessoa andrógina tanto veste roupas criadas para mulheres como para homens, ou roupas masculinas criadas para mulheres e vice-versa, não se reduzindo apenas àquelas criadas para o “sexo oposto”. A androginia está bastante em voga no mundo da moda, revelando-se um estilo sofisticado. Apesar de tendência actual, a androginia não é acontecimento de agora. No início dos anos 20 do século XX, surgiu na Europa e Estados Unidos um estilo, assumido apenas por

¹¹ Cf. Castagnoli (2010: 3-4).

¹² World Professional Association for Transgender Health.

mulheres, que rompeu com a imagem tradicional destas - o estilo *garçonne* -, que reunia cabelos curtos (“cabelos à Joãozinho” em Portugal), saias pelos joelhos e atitudes irreverentes.¹³ Por volta da mesma altura, em Inglaterra, Virginia Woolf também se referia à androginia mas de um ponto de vista intelectual. Desenvolveu em *A Room of One’s Own* (1929) uma teoria do “espírito andrógino”, ou “androgynous mind”, o qual seria o estado ideal de uma mente criativa aspirando à perfeição humana.¹⁴ Apesar de teorizada apenas em 1929, V. Woolf já teria materializado em *Orlando: A Biography* (1928), através do personagem principal Orlando - que sofre uma repentina metaforose sexual -, a forma ideal da pessoa andrógina.

- Hermafrodita - Para Aristóteles o hermafroditismo era a condição de existência de um sexo extra, não funcional, a somar, como um tumor, ao verdadeiro sexo, funcional. A causa de tais “deformidades” residia na quantidade de matéria fornecida pela mãe (Long, 2006: 14).¹⁵ Não só para Aristóteles como até ao século XIX, a genitália masculina foi vista como sendo superior à feminina, e esta como sendo a não total formação daquela, um órgão inacabado (Dreger, 2003: 34).¹⁶ Se uma mulher se desenvolvesse muito assemelhar-se-ia a um hermafrodita ou a um homem, e um homem pouco desenvolvido assemelhar-se-ia a uma mulher ou a um hermafrodita (Ibid. 35). Também na *Encyclopaedia Medica* (1900: 491) o hermafroditismo está indicado como sendo a camuflagem do sexo verdadeiro por malformações, ou ainda como sendo aplicado a casos cujos indivíduos apresentam gónadas dos dois sexos.

Nos seres humanos, o hermafroditismo verdadeiro revela-se pela presença de ambos os tecidos ovarianos e testiculares nas mesmas ou em diferentes gónadas. Na zoologia e botânica, o hermafroditismo verdadeiro revela-se em animais ou plantas que possuem órgãos sexuais masculinos e femininos, sendo capazes de desempenhar tanto o papel de macho como o de fêmea. Nas plantas, os dois sexos estão, geralmente, presentes em simultâneo, sendo possível uma auto-fecundação. Nos animais, a auto-fecundação existe nos chamados hermafroditas monóicos, como acontece nas ténias. Animais como as minhocas ou os caracóis -

¹³ “Nucas rapadas, saias pelo pescoço e decotes pelo joelho”, eram as apreciações dos mais críticos, segundo Irene Vaquinhas (2004: 9)

¹⁴ Cf. Wright (2006), Abranches (1980).

¹⁵ Segundo Aristóteles, a mãe proveria a “substância” (ou matéria) e o pai a “forma” (características específicas). Esta crença encontra fundamento na sua doutrina hilemórfica, a qual defende que todas as coisas são compostas por matéria e forma.

¹⁶ Não seria despropositado, na sequência deste pensamento, ponderar que se o sexo feminino era tido como um sexo masculino inacabado, então o feminino seria já uma espécie de hermafroditismo, uma “malformação” a somar ao sexo masculino, que se encontra, então, degenerado.

hermafroditas dióicos – apesar de não se auto-fecundarem, possuem ambos os sexos activos em simultâneo, o que permite uma dupla fecundação a quando da cópula.

Na ciência, para referências a humanos, prefere-se o uso da expressão “desordem (ou transtorno) do desenvolvimento sexual ovotesticular” à expressão “hermafrodita”. No entanto, a palavra desordem/transtorno porta uma carga negativa que remete para perturbações e deficiências, por isso, existem propostas alternativas: o biólogo Milton Diamond (2006) relembra que em *Sex Errors of the Body*, John Money, utiliza o termo “error” ao invés de “disorder”, já que aquele seria menos estigmatizante e seria um enfoque apenas à anatomia e não à pessoa em si; Diamond, demarcando-se da posição de Money, considera ainda que é o facto de a medicina moderna tomar as variações sexuais como erros biológicos que legitima as intervenções médicas nos corpos. Propõe antes o termo “variation”, uma vez que as designações médicas afectam bastante os indivíduos, nomeadamente o uso do termo “disorder”, que provoca sentimento de inferioridade. “Terms such as error or disorders reveal an unwelcome arrogance in light of medicine's limited vantage” (Ibid.). Por outro lado, mas com o mesmo objectivo de Diamond, Elizabeth Reis sugere “divergence” como alternativa tanto ao termo quase mitológico “hermafrodita”, que seria “vago”, “humilhante” e “sensacionalista”, como ao termo “intersexual”, que seria, ora demasiado político, ora demasiado sexual e mal aceite pelos familiares, e por fim ao termo “disorder”, pois “atypicality does not necessarily mean disordered” (Reis, 2007: 536-538).¹⁷

Tal como apenas se compreende a homossexualidade quando posta ao lado da heterossexualidade, a noção de hermafrodita só existe mediante as noções de macho e fêmea. É, portanto, necessária uma delimitação estrita do que é o sexo masculino e o sexo feminino para poder existir o hermafroditismo; no entanto, como se verá ao longo do trabalho, essa delimitação é estrita somente no modo discursivo, e não real.

- Intersexo – O primeiro uso do termo “intersexualidade” por parte da biologia foi feito por Richard Goldschmidt no artigo "Intersexuality and the Endocrine Aspect of Sex", para o jornal *Endocrinology*, em 1917, referindo uma série de ambiguidades sexuais, incluindo o hermafroditismo (Dreger, 2003: 31). Contudo, o termo já tinha sido usado por outros autores enquanto referência à homo e bissexualidade, e o próprio Goldschmidt admitiu que a homossexualidade seria uma forma de intersexualidade. A palavra ganhou popularidade a partir do artigo supracitado como substituta do termo hermafroditismo, prevalecendo na

¹⁷ Elizabeth Reis foi alvo de críticas por parte da OII (Organisation Intersex International) por usar o acrónimo DSD, ainda que a primeira letra corresponda a “divergence”, uma vez que esta terminologia continua a ser estigmatizante.

literatura médica a partir de meados do século XX. Actualmente, a noção é usada na biomedicina para designar variações sexuais, sejam em relação à genitália externa ou não. Alice Dreger (ibid. 31) distingue hermafrodita de intersexo, apesar de consentir que ambos dizem respeito a corpos sexualmente ambíguos. Segundo a autora, intersexo designa um indivíduo *entre* os sexos, e hermafrodita designa pessoas com características sexuais masculinas e femininas, sendo como que um sexo duplo (não um terceiro sexo).

Segundo o *Dorland's Medical Dictionary* (Dorland, 1988 *apud* Ramsey, 1998: 43), intersexo reporta-se a “um indivíduo que apresenta mistura, em vários graus, de características de cada sexo, incluindo forma física, órgãos reprodutivos e comportamento sexual”. No site de informação médica *Medline Plus*, a intersexualidade é definida como sendo um grupo de condições que apresenta discrepância entre os genitais externos e os internos.

De acordo com Fausto-Sterling (1993), o termo é vulgarmente usado na medicina para englobar os três tipos de hermafroditismo: hermafroditismo verdadeiro (*herms*) - quando uma pessoa possui um testículo e um ovário; pseudo-hermafroditismo masculino (*merms*) - quando há presença de testículos e aspectos da genitália feminina, mas ausência de ovários; pseudo-hermafroditismo feminino (*ferms*) - na presença de ovários e aspectos da genitália masculina, mas inexistência de testículos. É necessário ter em consideração que cada uma dessas categorias não apresenta um grau fixo de características “masculinas” e “femininas”, variando de pessoa para pessoa. Ainda assim, a bióloga sugere que *herm*, *merm* e *ferm* (termos inventados pela própria) sejam considerados como três categorias de sexo, a acrescentar às duas já existentes. Não obstante, adverte que mais do que considerar a existência de cinco sexos, pretende afirmar que o sexo seja um *continuum* vasto e maleável.

De uma forma sucinta, pode dizer-se que intersexo é a circunstância em que a concordância entre cromossomas sexuais, hormonas sexuais, genitália e características sexuais secundárias foge ao estipulado que determina uma pessoa como masculina ou feminina, sendo portanto impossível determinar o, digamos, “sexo global” da pessoa. Comparativamente ao desuso de hermafroditismo, no campo médico da actualidade evita-se o uso do termo intersexualidade, optando-se pela expressão “desordem do desenvolvimento sexual”. Ao longo do trabalho referir-me-ei à intersexualidade através de “intersexo”, e não de “desordem” ou “hermafroditismo”, excepto, evidentemente, em citações. Aplicarei o termo hermafrodita em situações de referência a casos até ao século XIX, uma vez que eram assim designados.

Transexualidade e intersexo – uma realidade da antiguidade à actualidade

Os mais antigos relatos que existem sobre formas de transgenderismo reportam à Assíria (séc. VII A.C), cujo rei Sardanápalo vestia roupas de mulher, e ao Império Romano (séc. III), cujo imperador Elagábalos foi travesti¹⁸. No século XVII, a Suécia viu a sua rainha, Cristina Augusta, renunciar ao trono. Esta era considerada bissexual, tinha maneirismos ditos masculinos e voz grossa, vestia roupas de homem e chegou mesmo a auto-renomear-se de Conde Dohna. O Visconde Cornbury (séc. XVII-XVIII), governador das colónias de New Jersey e Delaware, vestia frequentemente em público roupas de mulher. Em França (séc. XVIII) o espião do rei Luis XV, Geneviève d'Eon, viveu metade da sua vida como homem e a outra metade como mulher. Recentemente, uma equipa de arqueologia descobriu, na República Checa, um esqueleto masculino, datado entre 2900-2500 A.C (Idade da Pedra), enterrado de acordo com os rituais aplicados às mulheres (deitadas sobre o lado esquerdo e cercadas de utensílios domésticos). Acredita-se que o esqueleto em questão seja de um *transgender*.¹⁹ Na mitologia grega, Tirésias é a figura por excelência do ser transexual, tendo vivido tanto enquanto homem como enquanto mulher, em momentos distintos da vida. O adivinho desfrutou o lisonjeio de experimentar o prazer de ambos os sexos, em momentos distintos, em seu corpo. Ainda na mitologia grega, a figura por excelência hermafrodita é *Hermafrodito*, filho do deus *Hermes* e da deusa *Afrodite*, que ter-se-á unido ao corpo da ninfa *Salmanis* e assim permanecido eternamente uma entidade com dois sexos - *Hermafrodite*.²⁰

O século XIX foi áureo em casos de hermafroditismo. Um dos mais famosos foi o de Herculine Barbin (França, 1838-1868), hermafrodita registrado e criado como rapariga (Adélaïde Herculine Barbin), mas que fora, em idade adulta, coagido a mudar de identidade, depois de ter sido considerado um homem pelos médicos, que constataram a existência de um pénis (apesar de possuir também vagina). Pouco depois de ter assumido a nova identidade, Herculine acabou por se suicidar.²¹ Existem ainda casos famosos como: Gottlieb Göttlich, hermafrodita criado como rapariga mais tarde declarado homem pela constatação de que o que se pensava ser uma hérnia dupla serem afinal testículos descendentes. Göttlich ganhou dinheiro a viajar por vários países a exhibir-se em escolas de médicos; Marie-Madeleine Lefort, pseudo-hermafrodita feminina. Os seus genitais consistiam num clitóris hipertrofiado,

¹⁸ Existe mesmo a possibilidade de ter sido castrado, uma vez que os médicos da altura tinham técnicas bastante desenvolvidas em cirurgias cosméticas para corrigir os danos das lutas entre os gladiadores.

¹⁹ Notícia em artigo de Stephanie Pappas (2011).

²⁰ O mais conhecido relato deste mito faz parte da obra poética *Metamorfoses* de Ovídio, livro IV.

²¹ Para conhecer a auto-biografia de Herculine ver Michel Foucault e Herculine Barbin (1980).

lábios vaginais fundidos e órgãos sexuais internos que se descobriram como sendo femininos quando realizada a autópsia; Maria Arsano (Itália) viveu a vida inteira (80 anos) como mulher, não obstante, durante a autópsia foi sabido que tinha testículos internos.²²

Sempre existiram pessoas transexuais, assim como homossexuais e intersexuais; contudo, a sociedade insiste em classificá-las como anómalas e doentes. Segundo Foucault (1994), foi a partir do século XVIII que se começou a racionalizar o sexo, a classificá-lo e regulá-lo. Prosperou o interesse pela sexualidade das crianças, das pessoas “loucas”, das criminosas e homossexuais – sexualidades “desviantes”. Durante os séculos XIX e XX multiplicaram-se os discursos e com eles as perversões. Foram estipuladas normas de desenvolvimento sexual de acordo com as idades; as perversões eram condenadas nos tribunais; era considerado/a doente mental quem praticasse as irregularidades sexuais, sendo as mesmas controladas pedagogicamente ou através de tratamentos médicos. As instituições de saber e poder controlavam a sexualidade, tornando-se os discursos sobre o sexo locais de poder que se viam perturbados pelos sexos ambíguos. Devido à racionalização do sexo e consigo o aumento do acesso aos cuidados médicos, inclusive ginecológicos, deu-se uma multiplicação dos discursos, sobretudo publicações médicas, experimentando o século XIX um aparente súbito aumento de casos de sexo atípico. Contribuiu também a proliferação de feministas e homossexuais assumidos/as, considerados/as “hermafroditas comportamentais”, que desafiavam os limites da sexualidade (Dreger, 2003: 26). As consequências de tal diversidade resumiram-se numa delimitação demasiado rigorosa de masculinidade e feminilidade por parte da comunidade médica e científica, qualificando o que se desencaixasse nos padrões de raro, imoral e não-natural. No mundo contemporâneo ocidental, tais classificações ainda vigoram: em 1977 a Classificação Internacional de Doenças da Organização Mundial de Saúde (OMS) constava na sua lista de doenças mentais (CID-9) a homossexualidade. O código da CID vigente (CID-10) não apresenta a homossexualidade como patologia²³ mas anuncia, como já referi, critérios

²² Todos estes casos estão relatados em Dreger, 2003.

²³ A *Revista da Ordem dos Médicos* apresentou na edição de Janeiro de 2011, um artigo altamente homofóbico, assinado por William H. Clode, identificado como chefe de Serviço Hospitalar do Instituto Português de Oncologia (de quem, no entanto, o IPO se desvincula afirmando que tal pessoa nunca trabalhou para a instituição. Cf. Lusa, 2011). As pessoas homossexuais e à homossexualidade são atribuídas expressões como “aberrantes”, “daltónicos sexuais”, “doentes”, “portadores de taras”, “repugnantes”, “higiene degradante”. O bastonário dos médicos considerou “normal” tal publicação, e ainda afirmou, despropositadamente: “se nós usássemos a nossa opinião pessoal para decidir quais os artigos que eram ou não publicados estávamos a regressar a um esquema de censura que nos recorda um passado não muito distante que não é desejável nem recomendável” (Ibid). Ainda na linha de artigos recentes de carácter homofóbico, a *Revista da Ordem dos Advogados* publicou na edição de Abril/Junho de 2011 um artigo que defende a inconstitucionalidade do casamento entre pessoas do mesmo sexo e que parece aproximar a homossexualidade a uma questão de experiência tornada hábito. O autor do artigo (José de Oliveira Ascensão, professor catedrático da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa) afirma

de diagnóstico para o “transtorno de identidade sexual” (*gender identity disorder*), patologizando pessoas que se identificam e desejam vestir, actuar, ou ser, conforme o determinado para o sexo oposto, seja temporária (“travestismo bivalente”), seja permanentemente (“transsexualidade”).²⁴ Tais desejos, contrários aos pressupostos para o seu sexo, mais não são do que a masculinidade em mulheres e a feminilidade em homens tornada patologia. Também a intersexualidade está patente no *CID-10* nas suas mais variadas formas, no capítulo IV - *Endocrine, nutritional and metabolic diseases*, e no capítulo XVII - *Congenital malformations, deformations and chromosomal abnormalities*.

Hoje em dia, o verdadeiro hermafroditismo é considerado um fenómeno raro. É difícil saber a frequência de nascimentos sexualmente ambíguos, pois na literatura médica encontram-se divergências significativas, seja porque existem discórdias sobre o que deve ser considerado intersexo, seja pelo factor contextualização, pois os números são sempre relativos às variáveis lugar e tempo. A título de exemplo, a taxa de hiperplasia adrenal congénita na Nova Zelândia é de 43 num milhão, enquanto entre os esquimós Yupik do sudeste do Alasca é de 3,500 num milhão (Fausto-Sterling, 2000:20). Uma das causas da chamada deficiência da enzima 5alfa-redutase (5-AR) é genética, por conseguinte, em locais isolados onde ocorrem casamentos consanguíneos há pouca variedade genética, logo uma preponderância genética a essa variação enzimática. O factor cultural também é relevante pois existem culturas em que o sexo raramente é examinado, o que impossibilita o conhecimento e registo das incidências, ou ainda, culturas que por exemplo, consideram o macro-clitóris um fenómeno anormal, portanto intersexo, e outras que o consideram normal, sendo descurado nas estatísticas. O factor temporal também é relevante. Note-se o tratamento hormonal dado a muitas mulheres nos E.U. em 1960 para prevenir o aborto espontâneo: como consequência verificou-se um surto de nascimentos de crianças com hiperplasia adrenal congénita. Citando Alice Dreger (2003: 42), “it is not possible to provide with any great certainty a statistic of the frequency of births in which the child's sex falls into question”, “Such a statistic is always necessarily culture specific”. Existem sempre mais casos na totalidade do que casos conhecidos. Dreger (Ibid.) sugere entre um a três para cada duzentos nascimentos, nos Estados Unidos. De acordo com uma pesquisa realizada por Anne Fausto-Sterling em conjunto com um grupo da Universida-

ainda que o termo “homofobia” apareceu de forma a legitimar a homossexualidade e a condenar quem se coloca contra ela, deslocando assim o mal de um grupo de pessoas para outro. Ver notícia em Miguel Oliveira (2011).

²⁴ Em vésperas das próximas edições dos manuais de diagnósticos da APA (Associação Psiquiátrica Americana) (em 2013) e da OMS (em 2015), o ano de 2012 será o ano pela despatologização das identidades trans promovida pela *Campanha Internacional Stop Trans Pathologization – STP 2012*. Para informações e manifesto ver site oficial da *STP 2012* (www.stp2012.info).

de de Brown, estima-se que em cada mil nascimentos, dezassete dessas crianças sejam intersexuais de alguma forma (Fausto-Sterling, 2000: 20).²⁵

Na maioria das sociedades existe a idealização de que os seres humanos se dividem de forma paradigmática em homens que possuem cromossomas XY, pênis, testículos, características sexuais secundárias como barba e massa muscular, e mulheres, que por seu turno possuem cromossomas XX, vagina, clitóris, ovários, sistema que permita o desenvolvimento fetal, características sexuais secundárias como desenvolvimento de quadris e mamas, e escassa pilosidade facial. Indivíduos que não reúnam harmonicamente estas características são lançados para a anormalidade patológica. A intersexualidade e a incapacidade de lidar com ela são a melhor evidência de que o sistema sexual é insuficiente para abarcar o variadíssimo espectro da sexualidade. Comprova o que afirmou Anne Fausto-Sterling no famoso artigo “The five sexes”, publicado em 1993 pela revista *The Sciences*: “there are many gradations running from female to male”. Este artigo foi mais tarde (2000) considerado pela própria autora, como um estímulo, metaforicamente falando, à saída do armário das pessoas intersexuais, fazendo parte desse grupo individualidades que organizaram movimentos de activismo político, como é o caso de Charlie Chase, fundadora da Intersex Society of North America (ISNA). A questão do corpo intersexual é também a questão dos corpos separatistas, o “feminino” e o “masculino”. A existência do intersexo desestabiliza os modelos binários mulher / homem, feminino / masculino, homossexual / heterossexual.

²⁵ Leonard Sax, em “How common is intersex? A response to Anne Fausto-Sterling” critica a estatística, demasiado abrangente, de Fausto-Sterling, de 1.7% nascimentos de intersexuais, uma vez que a bióloga engloba o síndrome de Klinefelter, o síndrome de Turner e a hiperplasia adrenal como sendo casos de intersexo. Segundo L. Sax, a maioria dos clínicos considera intersexos apenas os casos, que são raros, em que a pessoa possui genitália masculina e feminina, excluindo portanto casos de discordância entre sexo cromossomático e sexo anatómico não ambíguo (e.g. fêmea genética XX com órgãos genitais masculinos). Para uma estatística geral ver ISNA, “How common is intersex”.

II

DA TEORIA À PRÁTICA – DO *QUEER* AO INTERSEXO

Intersexo: a importância da teoria *queer*

“Queer says, defiantly, that we don’t care what they call us”

Alan Sinfield, *The Wild Century*

Nos finais do século XIX, o termo “queer” passou a ser utilizado para designar depreciativamente pessoas homossexuais. A origem da palavra é obscura e desde cedo ganhou sentidos pejorativos, contudo, como nos lembra Eve Sedgwick (1993: viii) e conforme sugere o OED,²⁶ a etimologia situa-se, possivelmente, na raiz indo-europeia *twerkw* e significa literalmente *através de*; originou a palavra alemã *quer* (atravessar), a latina *torquere* (torcer) e a inglesa *athwart* (através). É devido a esta propriedade flutuante que Eve Sedgwick (Ibid.) considera o *queer* um momento contínuo e “*troublant*”. O termo *queer*, sendo estrategicamente de impossível definição,²⁷ tem na sua tradução literal para o português termos como esquisito, anormal, excêntrico, e é usado, em países de língua inglesa, para adjectivar algo de forma negativa. Conforme Butler (2002: 318), o termo *queer* operou como prática linguística que humilhava a pessoa nomeada, produzindo assim um sujeito – o sujeito *queer* – através da interpelação humilhante repetida. Apesar do vínculo inicial ao insulto, a palavra tem vindo a perder tal negatividade porque foi ousadamente assumida pelas pessoas homossexuais como afirmação identitária.²⁸ Hoje em dia, o *queer* re-inventado não se refere apenas a homossexuais mas a tudo o que, recorrendo à definição de David Alperin (*apud* Amaral e Macedo, 2005: 185), no campo da sexualidade está para lá do dominante e legítimo, e ocupa em relação a estes uma “posicionalidade excêntrica”.

²⁶ Cf., “Queer”, *Oxford Dictionaries* (2011).

²⁷ Estabelecer uma definição definitiva de *queer* seria ir contra o propósito político do termo.

²⁸ O maior contributo à reapropriação do *queer* deve-se ao grupo Queer Nation, fundado no ano de 1990 em Nova Iorque. Este grupo, que militava contra a violência homofóbica nas ruas e nos *media*, ficou famoso pelo seu activismo e frases de ordem como “We’re Here! We’re Queer! Get used to it!”. Se, inicialmente, o termo *queer* foi encarado como chocante, rapidamente foi adoptado pela comunidade gay e lésbica, de tal modo que foram criados núcleos do grupo em outras cidades. Manifesto do Queer Nation em *Queers Read This* (1990).

Acontecimentos no final da década de 1960, nos EUA e Europa, como o Stonewall americano²⁹ ou o Maio de 1968 em França, abriram portas ao surgimento de uma teoria gay, lésbica e, mais tarde, *queer* (Cascais, 2004: 25). Mais rigorosamente, a teoria *queer* é uma corrente surgida a partir dos estudos gays e lésbicos, da teoria feminista, dos estudos culturais norte-americanos e do pós-estruturalismo francês, no final da década de 1980,³⁰ num clima de política de direita nos Estados Unidos e Inglaterra, ao mesmo tempo que se questionava a política de identidades, nomeadamente por autoras como Eve Sedgwick, Teresa de Lauretis, David Halperin, Judith Butler, Steve Seidman, Michael Warner, Beatriz Preciado, Judith Halberstan. Segundo Macedo e Amaral (2005: 185), as primeiras contribuições feministas para a teoria *queer* encontram-se na obra *Pleasure and Danger: Exploring Female Sexuality*, uma colectânea de ensaios sobre sexualidade e política organizada por Carol S. Vance em 1984. Esta obra inclui o artigo marcante de Gayle Rubin, “Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality”. Rubin critica aqui o pensamento dominante sobre a sexualidade (a heterossexualidade sendo a única forma aceitável, todas as outras formas de erotismo, condenáveis) e advoga eloquentemente o reconhecimento de múltiplas formas de desejo, aquilo a que chama “benign sexual variation” (283). Não é difícil detectar aqui o embrião daquilo que viria a constituir-se como teoria *queer*, livre do feminismo conservador que não seria “o melhor instrumento para enfrentar convenientemente o problema da variação sexual” (Rubin, 2003)

Foi a partir das teóricas acima mencionadas que o termo ganhou re-significados. Para De Lauretis (1991: iv), responsável pela expressão “teoria *queer*”, este seria “um outro horizonte discursivo ou outra forma de pensar o sexual”. A palavra *queer* é de difícil conceptualização pois é “uma categoria em formação constante” (Jagose, 1996, *apud* Macedo e Amaral, 2005:161), mas num sentido geral contesta identidades fixas e “interroga os processos sociais que produzem, reconhecem, naturalizam e sustentam” essas identidades (Pino, 2007). Esta categoria demonstra a organização sexual binária mulher/homem, heterossexual/homossexual das sociedades, e questiona a forma como isso influencia a sexualidade, os desejos, as identidades e instituições sociais. A propósito deste panorama organizacional, Judith Butler (1999:

²⁹ A 28 de Junho de 1969 e nos dias que se seguiram, deram-se no bar Stonewall Inn, em Nova Iorque, e nas ruas envolventes, uma série de conflitos violentos entre pessoas homossexuais frequentadoras do bar e a polícia, que repetidamente se dirigia ao bar para espancar a clientela. Pela primeira, vez um grande número de homens e mulheres reagiram à acção da polícia. Este foi um momento importante, impulsor dos movimentos de defesa dos direitos LGBT. Várias são as marchas de orgulho LGBT que se realizam actualmente no dia 28 de Junho.

³⁰ G. Rubin (2003: 193) relembra a anterioridade dos trabalhos, não institucionalizados academicamente, elaborados no início de 1970 pelo movimento de libertação gay (na actualidade designar-se-ia “movimento pelos direitos homossexuais”), a partir de pesquisas baseadas no movimento homofílico (inícios do séc. XX – 1960).

23) atribui a designação de “intelligible genders” às pessoas que se deixam dominar pela normatividade, submetendo-se à linearidade que liga sexo, identidade sexual, desejo e prática sexual.

O *queer* vai contra essencialismos, categorizações fechadas que definem sujeitos *a priori* e enfatiza vários pontos de cruzamento nos indivíduos, como etnia, nacionalidade, classe social, religião. Rejeita a existência de papéis sexuais essenciais e biologicamente determinados. A teoria *queer* está em constante evolução, transgride as fronteiras criadas convencionalmente com base numa suposta naturalização dos sexos e de identidades, vai além de limites binários para reclamar uma pluralidade de sexualidades através da subversão, desconstrução e questionamento, tentando politizar o que se situa fora do limiar do legítimo, tradicional e legalmente correcto, para que as vidas *queer* sejam legíveis, valorizadas, mercedoras de apoio e de reconhecimento, conforme exige Judith Butler em *Undoing Gender*. Em *Gender Trouble* e *Bodies That Matter*, a autora já tinha explorado as possibilidades de “ruptura permissiva” e da “re-significação” das normas sexuais, as quais, apesar de impostas de forma rígida, são inerentemente instáveis. Através da noção de “performatividade” (primeiramente apresentada em *Gender Trouble*), Butler demonstra como a repetição dos actos (normativos) no corpo nos torna sujeitos dotados de uma identidade (masculina ou feminina). A identidade sexual é, para a autora, um efeito (e não causa) da reiteração dos actos, que por seu turno são efeitos do falocentrismo e da heterossexualidade compulsória.³¹ A identidade não será, então, a expressão de uma essência, mas uma estilizada repetição de actos culturalmente estabelecidos. A prática da paródia *drag* foi tomada, por Butler, como uma forma de subversão ou ressignificação das categorias corporais. O *drag* evidencia o carácter performativo do género ao permitir que qualquer pessoa, independentemente do sexo (Butler assume, aqui, apenas dois sexos), escolha um e o imite. A teoria da performatividade foi o momento impulsionador da teoria *queer*, recusando fundacionalismos biológicos, rompendo com o heterossexismo dos estudos feministas e dando atenção à existência de gays, lésbicas, travestis e *drags*.

Ao longo da década de 1990, os estudos *queer* viram o alargamento do seu objecto de estudo. Já não se tratava apenas de gays e lésbicas: eram agora incluídos intersexuais e transsexuais. A teoria da performatividade de Butler foi alvo de crítica, nomeadamente por parte de Beatriz Preciado,³² visto que, segundo esta autora, não abarca certas variedades corporais

³¹ Para heterossexualidade compulsória ver o artigo de Adrienne Rich, “Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence” (1986).

³² Ver a entrevista de Carrilho a Preciado (2010: 53).

como transexuais, esquecendo os processos corporais e transformações sexuais desses corpos, assim como as técnicas de manutenção de sexo destinadas aos corpos ditos normais. Considero que através do *drag*, Butler demonstrou, com efeito, a plasticidade da performatividade do gênero, mas devo concordar com Preciado acerca do esquecimento de outros corpos, nomeadamente o intersexo, protótipo que rompe com as categorias do corpo, do sexo, do gênero e da sexualidade, a meu ver, de forma superior à paródia *drag*. A crítica feita também por parte de movimentos organizados de transexuais vai além da noção de performatividade, pois pretende debater transformações reais, sejam físicas, sociais ou políticas.

A teoria *queer* demonstra o paradoxo identitário em que vivem os sujeitos *queer*, num constante conflito com as normas, não sendo reconhecidos socialmente ou o sendo negativamente por ousarem viver de forma não normativa. Para alcançarem reconhecimento e uma vida habitável,³³ precisam de encarnar identidades reconhecidas. Os movimentos transexuais e intersexuais, assim como outros movimentos políticos, devem atentar na socialização da vida corporal e na sua situação paradoxal.

De acordo com Butler em *Undoing Gender*, as normas sexuais *desfazem* os sujeitos. Isto implica, por um lado, que as pessoas, principalmente intersexuais e transexuais, para terem reconhecimento social, precisam de se desfazer do que são; por outro lado, algumas são desfeitas por não terem esse reconhecimento, perdem dignidade enquanto seres humanos. A intersexualidade é o paradigma deste paradoxo identitário, à qual se soma a invisibilidade. Quantas pessoas intersexuais conhecemos? As que nascem com essa condição, são, regra geral, submetidas desde cedo a uma redesignação sexual através de vários “tratamentos” que as irão “normalizar” e adaptar a uma das duas categorias sexuais normativas. Como um efeito bola de neve, quanto mais se esconde a existência intersexual, mais estranheza se cria à sua volta e com maior negligência se reage ao fenómeno. Ao longo de *Undoing Gender*, Butler preocupa-se com a questão da habitabilidade e considera essa a orientação que deve tomar a teoria *queer*, lutando por uma mudança das normas das sociedades a fim de renegociar o que é ou não habitável, pois, até agora, tem sido muito difícil uma pessoa *queer* ter uma vida suportável. É devido a esta questão da habitabilidade que nem todas as pessoas intersexuais se opõem às cirurgias de redesignação sexual e que algumas transexuais mudam de sexo.

Drags, lésbicas *butch/femme*, gays efeminados ou “ursos”, transexuais, travestis e intersexuais podem, partindo da sua diferença corporal, estética ou psicossocial, tomar uma posi-

³³ Em *Undoing Gender*, Butler desenvolve a noção de “livable life”. Apenas tem uma vida passível de ser vivida, ou suportada, a pessoa que vive conforme as normas e que por esse motivo é reconhecida enquanto ser humano. Butler propõe que se repensem os limites da humanidade e que se interroguem os termos que constroem a vida de certas pessoas.

ção política e enfrentar as regras normalizadoras que lhes são impostas, reivindicando outras formas corporais e identitárias. Mas não só. Não é apenas o *queer* o responsável pelas reivindicações. Pessoas que se assumem como mulheres e homens heterossexuais deveriam lutar contra a imposição heteronormativa³⁴ e a ideologia do corpo perfeito, sexualmente diferenciado, porque ninguém o tem sem recorrer à artificialidade. Um exemplo prático do dia-a-dia é a depilação que a maioria das mulheres “tem” de fazer porque “é feio ter pêlos”, apesar de os pêlos serem algo natural a todos os indivíduos, independentemente do sexo. Podia ainda acrescentar as cirurgias plásticas, os implantes, as lipoaspirações, etc. A tentativa de “normalização” dos corpos não se dá apenas nos intersexuais, mas em todos, uma normalização que aspira à perfeição. Mas, como relembra Butler (2004: 7), mais do que se colocar contra uma categorização das sexualidades, a teoria *queer* luta agora contra a legislação não-voluntária das identidades, isto é, contra a imposição de uma identidade sexual.³⁵ A teoria *queer* luta assim por estratégias que contornem os conflitos impostos pelas normas sexuais que existem em nome da qualidade de vida. Ainda segundo Butler (2004), os seres humanos vivem através de categorias de reconhecimento moldadas por normas sociais que determinam o que é ou não humano; não obstante, a autora admite que é imperativo manter em aberto a noção de humano, questionando sempre em torno dele, assim como o que torna as vidas habitáveis e verdadeiras.

Determinação/regulação sexual

A diferença sexual e a aparente verdade anatômica³⁶ servem apenas para legitimar a organização política (Preciado, 2008: 61-62) e perpetuar as relações de poder. Quando um corpo se apresenta ambíguo, tudo se fará para que entre na normalidade da diferença sexual,

³⁴ Acerca de uma categoria recentemente surgida - *heteroqueer* (“produtores de uma ciência não-heteronormativa”) - ver Cristina Santos (2005).

³⁵ Elucidando: quando nascemos é-nos atribuído um sexo que em tudo nos irá condicionar ao longo da vida devido aos papéis de gênero a ele associados. A maioria das pessoas conforma-se com a cópula sexo-gênero a si atribuída, mas outras não, por isso mudam de sexo. Poder-se-ia dizer que alcançaram o poder de legislar voluntariamente a sua identidade. Num panfleto divulgado no âmbito da campanha *STP 2012* pode ler-se “Já imaginou que outra pessoa decidia, por si, se você é homem ou mulher?”. Decidirem por nós se somos do sexo masculino ou feminino é decidirem/leisgislarem a nossa identidade. Essa decisão é tomada a cada nascimento, a nenhuma pessoa é dado o direito de crescer sem um sexo estipulado, mas essa ação torna-se extremamente perigosa quando aplicada a intersexuais, porque, somado à responsabilidade que esse sexo acarreta, permanecem os danos físicos.

³⁶ Segundo Preciado (2008: 86-87), para a produção dessa diferença em muito contribuíram as técnicas de representação do corpo através dos desenhos anatômicos e pornográficos desenvolvidos partir do século XVII, assim como, e principalmente, a invenção da fotografia em finais do século XIX, que atribuiu realismo visual e qualidade de verdade à diferença.

fazendo-se para tal, valer das tecnologias, caso contrário este corpo causaria um desequilíbrio na organização da sociedade. Os corpos sexualmente ambíguos (e não só, conforme veremos no capítulo seguinte) são controlados pela medicina, submetidos a processos de “normalização” para que sexo, corpo, comportamento, sexualidade e caracteres secundários do corpo funcionem em harmonia entre si e com a ideologia da sociedade heterossexista. Esse controlo iniciou-se durante o século XIX no momento em que surgiram teorias sobre a variedade do corpo sexual e das sexualidades “perversas”, que levou a biomédica a investigar as causas e características importantes à definição do sexo. A mulher barbuda que no século XVII³⁷ não suscitava curiosidade por parte da ciência passou a ser objecto de estudo científico. A diferença sexual tinha alcançado estatuto de natural, sendo tudo o que divergisse dos limites uma abominação. A história da repressão, ou melhor, da aparente repressão do sexo, está muito bem relatada por Foucault na *História da sexualidade*. Segundo este autor, a par do desenvolvimento do capitalismo ao longo do século XVII iniciou-se a repressão sexual, já que os interesses económicos e de transmissão de propriedade e acumulação de riqueza implicavam uma necessidade de regulamentação. Deste modo, a prática sexual foi regulada, medicalizada e quase proibida, mas, em compensação, os discursos multiplicaram-se quando no século XVIII se deu um incitamento político, económico e técnico para que se falasse, racionalizasse, classificasse e regulasse o sexo. Assim, todos os comportamentos sexuais, e todas as variações corporais foram objecto de análise e interpretação, principalmente durante os séculos XIX e XX. Com a multiplicação dos discursos, seguiu-se conseqüentemente a multiplicação das perversões, perversões essas que sempre existiram, mas aque agora estavam catalogadas e patologizadas. Pessoas hermafroditas eram consideradas criminosas ou filhas de criminosos/as, devido à anatomia que “confundia a lei que distinguia os sexos e prescrevia a sua conjugação” (Foucault, 1994: 42). A homossexualidade, desde que foi caracterizada pela medicina, psicologia e psiquiatria, foi considerada não tanto um acto sexual mas um estado emotivo, uma inversão em si do masculino ou feminino, uma “androginia interior, um hermafroditismo de alma” (Ibid. 47). Posto isto, seria inconcebível ver nascer um hermafrodita e não regularizar a situação, e assim, a partir de meados do século XX iniciaram-se as primeiras cirurgias de redesignação sexual, de modo a combater tal “aberração”. A forma como se realizavam as cirurgias era bastante precária nos procedimentos médicos e para alterar isso em muito contribuíram o activismo dos movimentos de intersexuais e as evoluções científicas a partir de finais do século XX e inícios do século XXI. Hoje em dia, as entidades que decidem

³⁷ Recorde-se o quadro de José Rivera (séc. XVII), *La mujer barbuda*.

sobre o sexo da criança intersexual são a endocrinologia, a pediatria, a urologia, a psicologia, a cirurgia e a genética.

Seguindo a linha de pensamento de Alice Dreger, o modo como a intersexualidade foi sendo encarada conheceu três fases: a “Era das Gónadas”, a “Era Cirúrgica” e a “Era do Consentimento”.³⁸ Na primeira fase, entre 1870 e 1950 a determinação da verdade do sexo era feita de acordo com as gónadas (ovários e testículos). Seria considerada hermafrodita quem possuísse gónadas masculinas e femininas. Surgiu a classificação taxonómica de hermafrodita verdadeiro e pseudo-hermafrodita de acordo com as variações gonadais. Entre 1950 e 1980, foram realizadas as primeiras cirurgias de construção sexual, em que o cirurgião pediatra, olhando apenas à anatomia e à função sexual e reprodutiva, operava o sexo da criança, designando-se o resultado por “sexo de criação”. A ideia de que o comportamento sexual era educado, ou seja, resultado de processos de socialização, foi crucial para ser considerada legítima a cirurgia. Baseado neste princípio e tendo o apoio teórico do psicólogo e sexólogo John Money, o primeiro centro médico³⁹ a oferecer uma equipa multidisciplinar organizada para lidar com intersexuais foi a Johns Hopkins University. Money acreditava que os indivíduos nasciam com identidades neutras, motivo pelo qual o sexo poderia ser alterado durante os primeiros meses de vida e a criança educada em conformidade com tal alteração.⁴⁰ Para que a identidade sexual não sofresse perturbações, seria imperativo omitir à criança que a própria tinha sido submetida a tal operação e os motivos da mesma. Ainda nos dias que correm, em pleno século XXI, muitas pessoas somente descobriram que foram alvo de tais manobras por desconfianças que levaram a investigações. Tal omissão conduz tanto à suspeita dos serviços médicos como pode provocar atritos familiares. A eficácia das cirurgias ainda não está confirmada; em contrapartida, conhecem-se bem os resultados negativos: cicatrizes físicas, depressão, stress pós-traumático, falta de auto-estima e perda de sensibilidade sexual.

No final da década de 1980, as pessoas que, nos Estados Unidos, sofreram as cirurgias começaram a manifestar o seu desagrado. O que seria uma tentativa de normalizar corpos foi, na realidade, uma mutilação dos mesmos. Posto isto, as escolhas para as cirurgias passaram a

³⁸ Para aprofundar esta distinção ver Alice Dreger, 1998a.

³⁹ Segundo os dados oferecidos por Dreger em “What’s the history behind the intersex rights movement?” na secção de FAQs da ISNA.

⁴⁰ Em 1967, depois de uma circuncisão mal feita em um de dois gémeos, Money sugeriu a castração da criança e redesignação de sexo para o feminino. A operação pareceu ter sido um sucesso até que, aos 14 anos, a criança ameaçou suicidar-se se voltasse ao consultório do psicólogo, pois não aguentava mais ter de fingir que se sentia rapariga. Cf. Milton Diamond e Keith Sigmundson (1997), “Sex Reassignment at Birth: A Long Term Review and Clinical Implications”, onde os autores relatam a história dos gémeos sem mencionar os respectivos nomes, e *As Nature Made Him*, biografia autorizada por Reimer (o gémeo penalizado), escrita por Colapinto, onde existem relatos chocantes acerca da metodologia do psicólogo. Apenas em 1994 Money admitiu que a exposição hormonal pré-natal afecta a identidade sexual.

ser decididas em conjunto com outras entidades, incluindo a mãe e o pai. Foi a chamada “Era do Consenso”. A intersexualidade deixou então de ser objecto de estudo apenas da medicina e biologia, passando também a ser abordada por áreas como a sociologia, a antropologia, o feminismo e os estudos *queer*. Actualmente, em caso de atipicidade, a redesignação do sexo é feita com base na capacidade reprodutora de uma potencial fêmea, ou no tamanho do pénis ou clitóris. Independentemente das gónadas, se o pénis for considerado insuficiente para penetrar uma vagina “normal”, será então transformado em clitóris, e criada uma neovagina. Se o clitóris for grande de mais, não será, contudo, transformado em pénis, pois conforme o cirurgião Hendricks, citado por Fausto-Sterling (2000: 59), “you can make a hole but you can’t build a pole”. Se a criança tiver ovários, independentemente das outras variáveis, será designada com sexo feminino, pois deverá ser mantida, acima de tudo, a capacidade de reprodução. À semelhança dos “corpos dóceis” de Foucault (2001), estes deverão ser produtivos e submissos.

Em 1993, várias pessoas intersexuais fundaram a ISNA, o primeiro movimento activista de intersexuais, com o objectivo de divulgação de informações e obtenção de controlo sobre os seus próprios corpos. “We oppose the idea that eliminating our physical differences is the way to address social issues we may encounter; rather, we believe in addressing social difficulties intersex people may experience through social and psychological interventions.” (ISNA, 2001: 1). A directora executiva, Cherly Chase, como de resto toda a equipa, esforça-se por combater as cirurgias precoces realizadas para esculpir o corpo de acordo com o socialmente aceite, e que não têm outro fim senão o conforto dos familiares. O que acontece com as pessoas intersexuais é que raramente lhes são mostradas alternativas, sendo a elas (se em idade adulta) e aos familiares exposto apenas o que é “o normal”, numa dimensão quase moral, e o que deve ser feito para entrarem nos padrões. As entidades médicas, ao invés de instruídas para ensinar como aceitar e viver com a diferença, porque elas próprias a não aceitam, estão preparadas apenas para “normalizar” a situação do ponto de vista estético e consequentemente político.

Em torno da intersexualidade há ainda uma grande obscuridade, ela é mesmo inexistente aos olhos de muita gente já que não se debate sobre o assunto. É um tabu, considerada uma doença rara cujo tratamento deve ser feito sigilosamente para não perturbar o bom nome das famílias. Com o panfleto criado pela ISNA intitulado “Feminism and Intersex Movement:

This is OUR Vagina Monologue”⁴¹ (2002) pretendeu-se combater essa mesma invisibilidade nos casos de mutilação genital no ocidente (feita em intersexuais), recorrendo ao exemplo da peça *The Vagina Monologues*, de Eve Ensler, que se refere a mutilações genitais ocorridas apenas em África.

Variações de sexo ou “Síndromes”

I realized recently that I suffer from a genetic condition. Although I have not actually had my genome screened, all the anatomical signs of Double-X Syndrome are there. And while I could probably handle the myriad physiological disorders associated with my condition -- bouts of pain and bleeding coming and going for decades, hair growth patterns that obviously differ from "normal" people's -- the social downsides associated with it are troubling. (...) Perhaps you know Double-X by its more common name: womanhood. (Dreger, 1998b)

Este poderia ser o relato de alguém portador de uma anormalidade caso vivêssemos numa era da, pode assim designar-se, “polinormatividade”. Contudo, trata-se de um relato subversivo de uma mulher “normal” dentro da era da heteronormatividade dualista.

Apresentarei aqui casos de variedade sexual, cromossómica, anatómica, hormonal e identitária. Para compreender as variações sexuais mais comuns inerentes à complexidade do corpo humano, enumero uma breve distinção geral entre vários tipos de sexo que se podem considerar:

Sexo genético (ou cromossomático) – dos 23 pares de cromossomas que, geralmente, os seres humanos têm, um desses pares é responsável pelos cromossomas sexuais (X e Y), sendo o par XX considerado representativo do sexo feminino e o par XY do sexo masculino. Os cromossomas sexuais são portados pelos gâmetas (ou células sexuais) que no momento da fecundação se unem e originam o ovo ou zigoto. Sendo assim, o espermatozóide (gâmeta masculino) conduz o cromossoma X ou o Y e o óvulo (gâmeta feminino) porta o cromossoma X. O ovo será então, geralmente, constituído pelo cromossoma X ou Y do espermatozóide e pelo cromossoma X do óvulo. Como veremos, o sexo não pode ser apenas caracterizado pelos cromossomas, pois estas duas variações cromossomáticas (XX e XY) não são regra para todos os indivíduos, existindo mesmo uma infinidade de combinações.

⁴¹ Este artigo inclui um excerto do artigo “The Missing Vagina Monologue” de Esther Morris (2001).

Sexo gonadal (ou gonádico) – recordando a “era das gónadas” de Alice Dreger – sexo gonadal é aquele determinado pelas gónadas (glândulas sexuais), sendo os testículos considerados como gónadas masculinas e os ovários como gónadas femininas. Até à quinta semana de gestação, as gónadas do feto são indiferenciadas, dependendo a sua diferenciação dos cromossomas sexuais.

Sexo genital (ou anatómico) – aquele representado pelos órgãos sexuais externos.

Sexo legal – é o sexo registrado no cartório e nos documentos da pessoa.⁴²

Sexo de criação – é o modo como a criança é criada em função dos seus genitais.

Sexo psicossocial – comumente designado por género, é a identidade sexual de cada pessoa, isto é, o papel socio-sexual de cada uma.

Sexo hormonal – a testosterona é designada de hormona masculina e o estrogénio de hormona feminina, contudo, ambas são produzidas tanto pelos ovários como pelos testículos.

Por pessoa do sexo feminino entende-se, ordinariamente, alguém com sexo genético 46, XX, sexo anatómico constituído por vulva e vagina, sexo gonadal constituído por ovários, e que a partir da puberdade desenvolve seios e ancas (características sexuais secundárias femininas). Por pessoa do sexo masculino entende-se o indivíduo de sexo genético 46, XY, sexo anatómico constituído por pénis (considera-se pénis o falo com o mínimo de 2,5cm ao nascimento), sexo gonadal constituído pelos testículos, que a partir da puberdade desenvolve características sexuais secundárias ditas masculinas – desenvolvimento de massa muscular, crescimento piloso facial e corporal, engrossamento da voz.

Por vezes, aquando do nascimento de uma criança, o sexo genital pode suscitar dúvidas: o órgão erétil pode ser demasiado grande para um clitóris “normal” ou demasiado pequeno para um pénis “normal”; a genitália pode ser anatomicamente do sexo feminino mas os lábios vaginais envolverem testículos, ou pelo contrário, parecer ter um pénis e apresentar vagina. Mas não só no nascimento se encontram ambiguidades. O que no início parecia ser “normal” pode mais tarde revelar discrepâncias, seja nos próprios órgãos genitais, seja nas características sexuais secundárias.

O hermafroditismo verdadeiro é considerado um fenómeno raro e não se sabe ainda como pode uma mesma protogónada desenvolver tanto tecido ovariano como testicular - ovo-

⁴² No ano de 2011, foi aprovada pela Assembleia da República de Portugal a “lei da identidade de género” que permite a mudança de sexo e de nome próprio no registo civil, bastando para isso um relatório-médico que comprove o diagnóstico de “perturbação de identidade de género”, dispensando a pessoa de interpor uma acção em tribunal contra o Estado, como acontecera até então. Vide *Diário da República*, 1.ª série – N.º 52 – 15 de Março de 2011, Lei n.º 7/2011.

testis. A maioria destes casos apresenta-se com cromossomas XX, havendo contudo casos de XY ou mesmo de ambos os tipos (são os casos de quimerismo que veremos abaixo). A genitália apresenta-se tanto como tipicamente masculina como feminina, ou ambígua.

O pseudo-hermafroditismo feminino, que constitui sensivelmente metade dos casos de ambiguidade genital (Dreger, 2003: 37), conta com a presença de ovários e outros órgãos internos femininos, cromossomas XX, genitália externa masculinizada (o tamanho do clitóris aproxima-o de um pénis, ou os lábios vaginais estão unidos de modo a parecer-se com um escroto) devido à exposição de altos níveis de andrógenos durante o desenvolvimento embrionário. Os casos podem variar desde uma total virilização dos genitais até um crescimento discreto do clitóris. O que ocorre durante a gestação é determinante: um tumor na glândula supra-renal da gestante, o que é raro acontecer, pode provocar um excesso de produção de andrógenos, o que por sua vez provoca a masculinização da genitália feminina; a administração, por parte da gestante, de hormonas androgénicas ou contacto com toxinas ambientais são também responsáveis pela masculinização genital; mais frequente é hiperplasia adrenal congénita (HAC) – apesar de combinação cromossomática XX e presença de ovários, dá-se uma super produção de andrógenos nas glândulas adrenais do feto, masculinizando o aspecto da genitália, levando a uma identificação masculina da criança.⁴³

O pseudo-hermafroditismo masculino pode ser dividido em duas categorias sintomáticas gerais: síndrome de insensibilidade andrógena (ou feminilização testicular) e deficiência da enzima 5-AR. Todos os indivíduos apresentam sexo cromossómico XY e possuem testículos.

No caso da insensibilidade andrógena, o corpo carece de um receptor de andrógenos, ignorando assim as mensagens dessas hormonas (testosterona e dihidrotestosterona). Consequentemente, os genitais não se masculinizam e possuem todas as características genitais ditas femininas (clitóris, vagina e lábios). Contudo, ao invés de ovários, encerram testículos internos ou nos lábios vaginais e, apesar de estes produzirem testosterona, ela não é lida pelas células do corpo, portanto, não haverá resposta corporal à hormona, ou seja, não se desenvolverão características ditas masculinas, vigorando apenas as distintivas femininas, uma vez que os testículos também produzem estrogénios. As características sexuais secundárias desenvolvem-se como se de uma mulher normativa se tratasse (seios, ancas, poucos pêlos

⁴³ A HAC deve-se a uma deficiência, total ou parcial, das enzimas que sintetizam corticóides na glândula adrenal ou supra adrenal, sendo a mais vulgar (em 90% dos casos) a enzima 21-hidroxilase (D21-OH). Pode ser detectada no nascimento devido a um aspecto virilizado da genitália feminina, ou a partir da segunda semana através de sintomas relacionados com o desequilíbrio hidroeletrólítico (este é um dos casos em que é necessária intervenção médica por questões de saúde). Em caso de deficiência parcial a descoberta pode ser mais tardia através de sintomas como hirsutismo, amenorreia e infertilidade.

corporais, pernas e braços longos), mas não ocorre menstruação. Um caso controverso é o do famoso biólogo Ben Barres que foi criado como menina, embora tenha sempre sentido desconforto com a sua feminilidade. Durante a adolescência foi-lhe diagnosticada agenesia mulheriana (ausência de vagina e útero) e logo submetido a uma vaginoplastia, sem qualquer hipótese de escolha ou alternativa à operação. Enquanto estudava biologia, concluiu que afinal teria síndrome de insensibilidade andrógena, uma vez que fazia todo o sentido ser geneticamente masculino com insensibilidade às hormonas andrógenas, somando ao facto de pessoas com agenesia vaginal não sofrerem de “perturbações de identidade”. Anos mais tarde, depois de um cancro da mama realizou uma mastectomia bilateral (apesar de contrariado pelos médicos), e afirmou “I remember leaving that doctor’s office feeling like this was the best thing that had ever happened to me” (Rudacille, 2005: 26). Mais tarde iniciou o tratamento hormonal, retirou os ovários (ooforectomia) e actualmente vive como homem.

Outro caso não menos famoso, mas mais recente, foi o da atleta Sul-Africana, Caster Semenya. A vitória, em 2009, da medalha de ouro no campeonato mundial de Atletismo, por parte de Caster na competição de 800 metros rasos por dois segundos de avanço em relação ao segundo lugar, levou à desconfiança se seria a atleta realmente uma mulher. Foi submetida a testes de ADN e o resultado revelou sexo genético masculino (XY). Apesar de ter genitália feminina, não possui ovários nem útero, mas sim testículos internos. Tem níveis de testosterona três vezes superiores aos das mulheres “normais”.⁴⁴

Depois deste caso foi criada, pelo Comité Olímpico Internacional (COI) e pela Associação Internacional de Federações de Atletismo (IAAF), uma política para lidar com atletas cujo desenvolvimento sexual seja invulgar. O ponto 1.3 do regulamento da IAAF relativo à “Elegibilidade das mulheres com hiperandrogenismo” é bastante explícito: “No female with hyperandrogenism shall be permitted to compete in the female category of an International Competition until her case has been evaluated by the IAAF in accordance with these Regulations.” Sendo assim, o nível de andrógenos produzidos pelas atletas deverá ser menor que a média produzida pelos homens ou, caso sejam níveis similares, deverá ter resistência androgénica de modo a não usufruir de nenhuma vantagem (ponto 6.5). Caso essas condições não se verifiquem, a atleta deve ser monitorizada por um tratamento médico (ponto 6.8.2). Alice Dreger, no artigo que regidiu para o *The New York Times* (2011a), em jeito de revelação do

⁴⁴ Vários são os casos de intersexualidade no desporto: Stella Walsh corredora olímpica de 100 metros, conforme a autópsia revelou, possuía genitália masculina, cromossomas XX e XY; Eva Klobukowska, reprovou no teste de sexo cromossomático em 1965, acusando cromossomas XY (deu contudo à luz anos mais tarde); Santhi Soundarajan reprovou no teste de sexo em 2006. Para casos de intersexo no desporto ver Dworkin, “Intersexual Female Athletes”, 2009.

sexismo explícito do novo regulamento, lembra que as hormonas em questão não são naturalmente exclusivas dos homens, sendo que tanto mulheres como homens produzem andrógenos, entre os quais testosterona. Este regulamento é aplicado apenas para a competição de mulheres, esquecendo que variação na produção de hormonas também acontece nos homens. Porém, é de revelar que a utilização de testosterona sintética pode ser acusada no teste de *dopping*.

De acordo com o manual da IAAF, *IAAF Regulations Governing Eligibility of Athletes who have Undergone Sex Reassignment to Compete in Women's Competition*, nenhuma mulher transexual (MtF) pode participar numa competição internacional na categoria feminina sem antes ser avaliada pela IAAF (ponto 1.3) e ser conferido que a atleta não terá vantagem sobre as adversárias. O mesmo não se passa no caso de um transexual masculino (FtM) que pretenda competir na categoria masculina (ponto 1.4), não há regulamentação para transexuais FtM.

Existia anteriormente um controlo sobre a feminilidade através de um teste em células da bochecha.⁴⁵ Em 1988, a atleta Maria Patiño foi impedida pelo COI de continuar a sua carreira na equipa olímpica espanhola devido à presença de um cromossoma Y nas suas células, e de testículos nos lábios vaginais (ou *labia*) - não seria portanto uma mulher. Depois de várias consultas, foi-lhe diagnosticada a síndrome de insensibilidade andrógena, ou seja, apesar de produzir testosterona, as suas células não detectavam esta hormona, motivo pelo qual não apresentava sinais externos de “maculidade”. Apesar de depois de dois anos de luta se ter chegado à conclusão de que a atleta era “suficientemente feminina para competir” e de ela ter conseguido reingressar na equipa, os testes com base nos cromossomas continuaram a ser feitos. Se o caso tivesse ocorrido na actualidade, a atleta não teria estado dois anos fora das competições, uma vez que possui resistência andrógena. Como se pode constatar, a determinação do sexo é algo bastante volátil.

No caso de deficiência 5-AR (segunda forma sintomática de pseudo-hermafroditismo masculino), existe uma falha na enzima (5alfa-reductase) responsável por converter a testosterona que o feto-macho produziu pelos testículos em dihidrotestosterona (DHT), o andrógeno mais potente do ser humano. Aquando do nascimento, os órgãos podem parecer ambíguos, mas geralmente as crianças exibem um aparente clitóris (que na realidade é um pénis peque-

⁴⁵ O surgimento de “testes de sexo” através de testes cromossómicos por parte da OIC adveio da desconfiança de que, nas Olimpíadas de 1968, as equipas da Europa do Leste tinham homens disfarçados de mulheres paravangloriar a causa comunista. Contudo, o único caso conhecido reporta a 1936, em que Hernann Ratjen, membro da Juventude Nazi, concorreu como “Dora” na competição feminina de salto em altura, ficando em 4º lugar nas finais. Até à data de 1968, a confirmação do sexo das atletas era feita pela exibição dos genitais e seios a examinadores. (Fausto-Sterling, 2000: 2-3)

no), *labia* e uma pequena vagina. Não obstante, na puberdade, o aumento de produção de testosterona responsabiliza-se pelas mudanças corporais próprias da dita masculinidade, sem necessidade da transformação em DHT. Nesta altura, é normal os testículos descerem aos lábios e o aparente clitóris crescer, assemelhando-se a um pénis.⁴⁶

A intersexualidade é dividida, de uma forma genérica, em hermafroditismo verdadeiro e pseudo-hermafroditismo, mas fora destas “ambiguidades normativas” existem outras, menos referidas porque menos comuns. Podem ainda existir características invulgares nos genitais que não sejam classificadas de intersexuais, são exemplo disso o macro-clitóris e a hipospádia⁴⁷.

Durante os processos de divisão celular podem ocorrer erros que resultam em alterações cromossómicas. Estas podem ser numéricas ou estruturais, conforme afectem o número de cromossomas ou a sequência de genes num cromossoma. Como explicado em cima, geralmente, as mulheres têm cromossomas XX e os homens XY, de cariótipo (número total de cromossomas numa célula somática) 46. Não obstante, existe toda uma pluralidade de combinações cromossómicas possíveis, sendo designadas por “síndrome” as que não sejam 46, XX em mulheres ou 46, XY em homens. Por vezes ocorre uma não-disjunção dos cromossomas, no caso da Síndrome de Down (ou Trissomia 21) no cromossoma 21. Assim, ao invés de por célula existirem dois cromossomas 21, existem três, tendo por isso o embrião um total de 47 cromossomas por célula em vez de 46. Este tipo de variações também se verifica nos cromossomas sexuais: apenas um espermatozóide ou um óvulo podem possuir um, dois ou mais cromossomas X, assim como um espermatozóide isolado pode manter mais que um cromossoma Y. Um atraso na anáfase pode causar a perda de um cromossoma X ou Y. Mesmo depois da fertilização pode ocorrer este tipo de alterações nos cromossomas sexuais. O próprio tamanho do cromossoma Y pode variar entre pessoas com o “normal” cariótipo 46,XY. Existe, enfim, uma série de possibilidades cromossómicas sexuais: 45,X; 47,XXX; 48,XXXX; 49,XXXXX; 47,XYY; 47,XXY; 48,XXXY; 48,XXYY 49,XXXXY; 49XXXXYY.

⁴⁶ A obra vencedora do prémio Pulitzer em 2003, *Middlesex*, de J. Eugenides, retrata de forma distinta a história de uma menina (Callie) que devido à variação na enzima 5-AR se tornou num homem (Cal), sem contudo, nunca se ter “sentido deslocada enquanto rapariga” (472), e mantendo alguns maneirismos dessa época - “Quando vou a andar no passeio, sou dominada pela sua forma de andar feminina, e o movimento devolve-me uma espécie de emoção” (50).

⁴⁷ A hipospádia é uma condição em que no pénis a uretera não abre na glândula mas algures ao longo do falo até a base, dificultando o acto de mictar em pé, motivo pelo qual se considera importante operar desde cedo, assim como um clitóris avantajado, por nenhum motivo funcional mas estético.

Entre as síndromes de números invulgares de cromossomas, a mais comum é a Síndrome de Klinefelter.⁴⁸ Pessoas com esta síndrome têm cariótipos que reúnem mais do que um cromossoma X e um ou mais cromossoma Y (por exemplo XXY).⁴⁹ O cromossoma Y é responsável por prover as pessoas de pénis e contém também material genético relativo à altura. Por possuírem pénis, estas pessoas são determinadas homens, no entanto, elas possuem uma quantidade maior de cromossomas X que o habitual. Homens com cariótipo 47, XXY têm como características estatura elevada, testículos pequenos, pénis de tamanho “normal”, pouca pilosidade corporal, membros do corpo longos e podem apresentar ginecomastia.

Um tratamento à base de testosterona pode “normalizar” as características sexuais secundárias, porém, a infertilidade que afecta a maioria não tem solução. A ginecomastia pode ser resolvida com uma cirurgia plástica, mas todas intervenções realizadas servem apenas para reforçar a identidade masculina. Alice Dreger (2003: 41) adverte para o facto de esta síndrome não ser, necessariamente, considerada de tipo intersexual. De facto, o sexo anatómico não chega a ser ambíguo e muitos dos casos não chegam a ser diagnosticados.

Na Indonésia (2010) um homem foi preso acusado de falsificar documentos a fim de se poder casar com uma mulher. Alterina Hofan, quando nasceu (1977 em Jayapura) tinha genitália feminina e foi registado com um nome feminino, contudo, aos sete anos começou a desenvolver genitália masculina e a ter comportamentos de rapaz. Sentindo-se mais homem que mulher, em 2006 conseguiu autorização para mudar o nome nos documentos. Em 2008 casou-se com uma mulher, Jane Deviyanti, mas a mãe desta, que se opôs ao relacionamento desde o início, apresentou contra Hofan uma acusação de falsificação de documentos e de sequestro da filha. De facto, na certidão de nascimento de Hofan estava um nome feminino. Desta sequência resultou a prisão do acusado, primeiramente numa prisão masculina, posteriormente, depois de realizados testes de AND, numa prisão feminina, permanecendo no entanto numa solitária já que era ainda considerado homem pelo corpo policial. A Comissão Nacional de Direitos Humanos da Indonésia criticou as medidas policiais que agiram de acordo com a errónea conclusão de que Hofan falsificou documentos para obter um nome

⁴⁸ Em 1942, Harry Klinefelter publicou no *Journal of Clinical Endocrinology*, o seu primeiro artigo: “A Syndrome Characterized by Gynecomastia, Aspermatogenesis Without Aleydigism, and Increased Excretion of Follicle-Stimulating Hormone” onde realizou uma descrição de nove homens que tinham em comum o facto de terem mamas desenvolvidas, poucos pêlos faciais e corporais, testículos pequenos, corpo longo, e serem estéreis. Quarenta anos depois descobriu-se que essas pessoas possuíam um, ou mais, cromossoma sexual extra, que a ginecomastia não é regra para todas as pessoas com esta síndrome (apresenta-se contudo na maioria), assim como nem todos possuem testículos considerados pequenos. Cf. Klinefelter, 1986.

⁴⁹ Existem algumas resistências em considerar a variação cromossomática XXYY como sendo fazendo parte da síndrome de Klinefelter. Para mais informações aceder ao site do grupo *The XXYY Project* (<http://xxyyysyndrome.org>).

masculino e poder casar-se com uma mulher. Foi-lhe decretada uma sentença de cinco anos de prisão. Estamos perante uma situação de homofobia legalizada, já que o casamento entre duas mulheres não é reconhecido na lei, e Hofan, é geneticamente uma mulher. Kores Tambunan, advogado de defesa, alertou para umas análises independentes realizadas no Hospital de Cipto Mangunkusumo que determinavam Hofan como um homem, um homem com síndrome de Klinefelter. Ao fim de seis meses de julgamentos, com um exame a declarar a feminilidade de Hofan e outro a declarar a masculinidade, os próprios juízes fizeram o “exame físico”, observando os genitais do acusado. De facto, Hofman, declarou um dos juízes, “does have a penis, albeit small and below the normal size of that of an adult man”.⁵⁰

A segunda síndrome mais frequente entre os casos de números invulgares de cromossomas é a Síndrome de Turner ou XO, e manifesta-se por cromossomas de cariótipo 45, X. Esta síndrome é caracterizada pela perda de um cromossoma X ou Y, restando apenas um X, motivo pelo qual a pessoa XO é considerada do sexo feminino. Isto pode acontecer por vários motivos, entre os quais, quando um espermatozóide com um cromossoma X fertiliza um óvulo sem cromossoma X, ficando o zigoto com apenas 45 cromossomas, ou quando há um atraso na anáfase e se perde um cromossoma. No nascimento verifica-se que externa e internamente as crianças são do sexo feminino mas não idênticas às de cariótipo 46, XX. Geralmente têm vagina e útero normalmente desenvolvidos, mas o mesmo não acontece com os ovários, apresentando apenas um vestígio destes - gónadas vestigiais - que não produzem quantidades “normais” de hormonas. A produção hormonal de estrogénios pelos ovários na puberdade é fundamental para o desenvolvimento das mamas, pêlos púbicos, quadris e para o aparecimento da menstruação. Deste modo, pessoas com cariótipo 45, X não apresentam evolução das características sexuais secundárias, e apenas algumas menstruam. A ovogénese⁵¹ ocorre de forma normal no embrião, mas milhões de ovócitos morrem devido à ausência do segundo cromossoma X, e, aos dois anos de idade, não haverá óvulos e os ovários degenerarão. O que acontece é o aparecimento da menopausa antes de poder haver menarca. Quase 95% destas mulheres são, portanto, inférteis, podendo ainda assim engravidar por doação de óvulos. Relativamente às características físicas, as mulheres com Síndrome de Turner apresentam geralmente estatura baixa, tórax escavado, pescoço alado. Esta síndrome já foi associada ao retardo mental, no entanto, sabe-se hoje em dia que uma não implica o outro, apesar de pessoas XO terem melhor desempenho verbal do que não verbal (perceptivo e espacial).

⁵⁰ Notícia em Andriyanto (2010).

⁵¹ Processo de formação dos ovócitos - células reprodutoras femininas.

A Síndrome de Mayer-Rokitansky-Küster-Hauser (MRKH), também conhecida por agenesia vaginal, ausência congênita da vagina ou Síndrome de Rokitansky, revela-se por uma agenesia mülleriana - não completa formação da vagina, colo do útero, uretra, e/ou trompas de falópio - em pessoas de cariótipo genético 46,XX.

Não são conhecidas as causas desta síndrome, sabe-se apenas que não se prendem com a exposição hormonal de andrógenos. Pode ser detectada no nascimento como em qualquer outro momento. Quando se manifesta em crianças, a opinião destas não é tomada em consideração, assim como em qualquer caso de atipicidade genital, sendo submetidas a uma vaginoplastia o quanto antes. O motivo para a cirurgia é geralmente estético, traduzindo-se na “normalização” estética da genitália, ou “normalização” das funções sexuais, normalização essa, heterocentrada e machista, já que a dilatação é feita em ordem a receber um “pênis normal”, e não por motivos de saúde ou pela intenção de prover à mulher prazer físico. Afigura-se ser mais importante e conveniente (aos homens) ter órgãos sexuais fabricados como que por catálogo, que não darão prazer sexual à mulher, que deixam cicatrizes físicas e psicológicas, que poderão originar precalços como infecções, do que ser-se naturalmente e de forma diferente saudável. Esther Morris em “Beyond the Monologue”⁵² assim o confirma: “It was about denying adequate health care because an “adequate vagina” was more important.”

Voltando ao artigo “Feminism and Intersex Movement: This is OUR Vagina Monologue” (1), também aí se denuncia a objectificação das vaginas. À fala do pai da criança que nasceu sem vagina - “Darlin’. We’ve got an interesting situation. You were born without a vagina. But the good news is we’re gonna get you the best homemade pussy in America. And when you meet your husband he’s gonna know we had it made specially for him.” - respondeu a ISNA:

We feel that the play not only misrepresents our experiences as intersex people, but also trivializes our pain and confusion due to surgeries done to us. It also suggests that women’s bodies are made solely for their husbands, and that we should alter our bodies to match what is desired by them.

Em *Sexing the Body* (2000:58), Fausto-Sterling menciona, relativamente a intersexuais masculinos, que não é o que o órgão sexual faz ao corpo a que está ligado, mas antes a sua relação com os outros corpos aquilo que define a masculinidade, por isso se amputa o pênis do recém-nascido que se apresenta, a um olhar quase adivinho, demasiado pequeno para penetrar uma vagina no futuro. Comparativamente, nos casos acima descritos, e de resto em

⁵² Este artigo foi publicado no *Journal of Gay and Lesbian Psychotherapy*, July 2006, mas encontra-se publicado conjuntamente ao “The Missing Vagina Monologue” em sítio online (respectivamente referenciado na bibliografia). A citação corresponde à página 10 do artigo conjunto.

todos os casos de MRKH em que são realizadas vaginoplastias, tais criações não pretendem servir o corpo da proprietária, antes servir outro corpo como se de um proprietário se tratasse.

Muitas destas mulheres podem sentir-se anormais devido à sua diferença, desencaixadas do resto da sociedade. É necessário abandonar o preconceito da diferença, dos rótulos criados socialmente e as mesmidades que eles pretendem reproduzir. Esther Morris nasceu sem vagina e quando tal foi descoberto, aos 13 anos, foi submetida a quatro operações de forma a “normalizar” a situação. Quando iniciou a sua actividade (hetero)sexual sentiu-se revoltada, já que todo o transtorno por que passou não resultou em nada de positivo no seu corpo. “After all that trouble I discovered that a penis would respond to anything. I felt abused in the most intangible way, a victim of arrogance and assumption” (Morris, 2001: 4). As vaginoplastias são criações ou reconstituições de vaginas de modo a torná-las funcionais, aptas a receberem um pénis de tamanho normal, ou seja, são realizadas para “normalizar” o órgão sexual e evitar perturbações psicológicas, para que as mulheres se sintam “normais” e não sofram com inaptidão à penetração. As entidades médicas assumem a relação heterossexual como a única viável, e ainda que argumentassem que nas relações lésbicas também existe penetração vaginal, irrelevam a falta de prazer de que a neovagina “goza”. A resposta para a questão de Morris - “Why is a woman’s sexual function defined by her relationship to a penis rather than her own sexual body?” (Ibid. 12) - está numa sociedade dominada por um pensamento heterofalocêntrico. A anatomia e funções sexuais são determinadas a partir de uma conjecturada relação heterossexual e com um pénis.

Geralmente, as células somáticas têm o mesmo número de cromossomas. No entanto, como visto acima, pode ocorrer células diferentes conterem diferentes números de cromossomas. Quando tal acontece em células provenientes de um zigoto, o caso é denominado de mosaicismo. As células de um embrião modificam-se, perdendo ou ganhando cromossomas. Assim, um mosaico é uma pessoa com dois, ou mais, cariótipos diferentes, que advêm de duas, ou mais, linhagens celulares derivadas do zigoto, possuindo cada uma um número diferente de cromossomas. A causa do mosaicismo é devida, regra geral, à não-disjunção dos cromossomas nas mitoses no início do desenvolvimento embrionário. Uma pessoa pode, por exemplo, ter células com cariótipo 45, X e células diferentes com 46, XX. Também existem mosaicos com três cariótipos diferentes de cromossomas sexuais. Por exemplo: 46,XY/45,X/46,XX (caso masculino) ou 45,X/46,XX/47,XXX (caso feminino). No caso de mosaicismo, os dois diferentes tipos de células provêm de uma única célula e núcleo.

Quando os diferentes tipos de células são provenientes de células distintas (origem genética diferente, i.e., células derivadas de diferentes indivíduos), estamos perante um caso de quimerismo, por exemplo, decorrente da junção de dois embriões no trato reprodutor feminino. Muitas vezes não existem sintomas de quimerismo, mesmo nos cromossomas sexuais, pelo que é impossível ter estatísticas fiáveis. Uma pessoa quimera desenvolver-se-á como mulher se todas as células da gónadas tiverem dois cromossomas X. Caso todas as células sejam constituídas por um cromossoma X e um Y, o resultado será um homem. Se as células forem variadas, existe probabilidade da pessoa ter: um ovário e um testículo; dois ovotestis; um ovotestis e um ovário; um ovotestis e um testículo. Conforme existem estas possibilidades de variações, também existe um leque de diferentes aparências genitais externas.

Passo a apresentar o exemplo, recolhido em Callahan (2009), de Kailana Alaniz:⁵³

A 10 de Outubro de 1910 (Washington) nasceu uma menina a quem deram o nome de Dorothy. Porém, um mês mais tarde o seu certificado de nascimento foi preenchido com o nome Rudolph Andrew Alaniz. A criança foi criada como um menino, tendo sido submetida a várias cirurgias para se masculinizar. Desde os dez anos sentia que devia ser uma rapariga, e, quando lhe perguntavam se não estava contente por ser um rapaz, respondia: “I am one of the most miserable people on this planet” (Callahan, 2009: 72). Aos 22 anos ingressou no exército e devido a uma lesão teve de realizar uma ressonância magnética. Foram detectadas gónadas internas (possivelmente testículos ou ovotestis) e um útero não desenvolvido. Posto isto, realizaram-se exames ao sangue onde foi detectada hiperplasia adrenal congénita e cromossomas de cariótipo 46,XY/45,XO – ou seja, mosaicismo. A principal suspeita para tal seria um defeito congénito na enzima 21-hidroxilase, que leva a uma subprodução de cortisol.

Um feto feminino recebe uma baixa quantidade de andrógenos, das glândulas adrenais, e uma alta quantidade de estrogénio das glândulas adrenais e ovários. Um defeito na enzima 21 baixa a pressão de cortisol e estimula a hipófise a segregar ACTH (hormona adrenocorticotrófica que estimula a produção de, principalmente, cortisol, na glandula adrenal). Este excesso de ACTH provoca o crescimento e divisão das células nas glândulas adrenais e uma superprodução de 17-hidroxiprogesterona (17-OH-progesterona), o que leva a uma superprodução de andrógenos adrenais. Consequentemente, e dependendo de vários factores, pode dar-se um diferente desenvolvimento do útero, trompas de falópio e vagina, sofrendo o feto uma virilização genital.

⁵³ O primeiro nome, Kailana, é o seu nome actual, adoptado posteriormente a todas as mudanças, quando assumiu uma identidade feminina.

Geralmente, pessoas com hiperplasia adrenal sofrem de hipercortisolismo (ou Síndrome de Cushing), um conjunto de sintomas que reflectem o excesso de cortisona, mas neste caso tal não se verificou. No fim de todos os exames, concluiu-se que era portador de hiperplasia adrenal congénita, mosaico 46,XY/45,XO, e que possuía tecidos gonadais dos dois sexos. Kailana não compreende o diagnóstico de HAC, visto que passou a maior parte da vida sem tratamento. Não sabe tão-pouco qual dos 17 tipos de HAC tem, sabe apenas que produz em excesso 17-OH-progesterona, o que provoca um aumento de cortisol em situações de stress.

Neste caso foi sublinhada a negligência dos médicos relativa às informações sobre os procedimentos e implicações do tratamento. Kailana vê-se perante uma situação em que apresenta sinais comuns à HAC e à Síndrome de Cushing, sem saber em qual realmente se mantém. Sabe que a sua glândula adrenal direita foi removida na infância e suspeita, sem saber o motivo, que lhe tenham feito alterações genitais cosméticas, inclusive uma reconstrução peniana. Devido a isso está de relações cortadas com a família. Sente-se indignada por lhe terem omitido os factos acerca da mudança de sexo e revoltada perante a filosofia médica de esconder os registos clínicos de pessoas como ela. “The lack of information and the acknowledgement of what we are has made me a very bitter person, especially when dealing with doctors” (Ibid. 73).

Na ressonância magnética que realizou pode ver-se que a forma fálica não é a “normal” para um homem. Aos 37 anos, altura em que Kailana fez o depoimento, não mantinha relações amorosas, tomava suplementos de estrogénio, tinha as mamas desenvolvidas mas de resto não aparentava ser mulher. O facto de ser uma “verdadeira hermafrodita”, ter um “trans-torno” genético que lhe confina uma parte anatomicamente feminina, dá-lhe confiança para fazer a transição para mulher.⁵⁴

Kalina pretende que, ao invés de tentarem encaixá-la em diagnósticos de síndromes, condições genéticas, transtornos, etc., que em nada a esclarecem, seja simplesmente aceite como intersexual ou hermafrodita. Reclama o seu corpo, este pertence só a si e ninguém tem legitimidade para agir sobre ele, nem tão-pouco para obrigá-la a optar por um sexo. Esta escolha imposta por parte dos médicos pode tornar a vida uma tortura: “While doctors still continue to spread the belief that assigning a child as a girl or a boy is extremely crucial to their well-being, for those who they chose (the) wrong (sex for), our lives are just tortured” (Ibid. 74).

⁵⁴ A contrapor esta confiança, temos as pessoas transexuais, que não estando fisicamente *entre* os sexos, pretendem mudar de sexo a partir de nenhum ponto anatómico que indique alguma ambiguidade.

Transexualidade

“I went to say good-bye to myself in the mirror. We would never meet again”

Jan Morris, *Conundrum*

Foi escrito em 1987, por Sandy Stone, transexual MtF, o texto que seria o ponto de partida para os estudos sobre transexualidade. Em jeito de manifesto, “The «Empire» Strikes Back: a Posttransexual Manifesto” foi, em parte, uma resposta à feminista lésbica, Janice Raymond, que tinha criticado⁵⁵ em “The Transexual Empire: the Making of the She-Male” (1979), o facto de Sandy ser uma transexual (MtF) e ter trabalhado na empresa Olivia Records, um colectivo de mulheres feministas, contaminando o ambiente com a sua energia “masculina” e tirando protagonismo às suas colegas. Stone realizou uma análise pós-estruturalista da identidade sexual que contribuiu para a libertação dos discursos médicos e feministas que anulavam as experiências de vida das pessoas transexuais. Chamou à atenção para a definição de transexual em *The Stanford Gender Dysphoria Program* (1974), segundo o qual uma pessoa transexual seria aquela que se identifica com a identidade sexual do sexo oposto. No entanto, não deveria ser confundida esta identidade, que diz respeito a um aspecto performativo enquanto repetição de actos sociais, com a identificação do sexo físico, que leva os indivíduos dizerem, tão comumente, que “nasceram no corpo errado”. Esta contraposição entre sentimento de disforia corporal ou identificação com o modelo corporal do sexo oposto, e sentimento de identificação com a identidade do sexo oposto deixa dúvidas sobre em que consiste afinal a transexualidade.

A intersexualidade pode ser comparada à transexualidade na medida em que ambas, directa ou indirectamente, reportam a uma ambiguidade, seja de sexo, seja de identidade sexual, criando um sentimento de confusão e questionamento. Também se relacionam na medida em que a pessoa transexual operada acabará por ser intersexo, já que haverá “incoerência” sexual entre o seu corpo, que foi alterado, e o seu interior (pelo menos no que se refere ao sexo cromossómico).

Na grande maioria das declarações de transexuais sobre a sua infância, há a afirmação de que desde cedo se sentiam num corpo errado, sabiam que eram do sexo oposto, queriam fazer e vestir o mesmo que as crianças do outro sexo. Partindo de um programa do *Tyra Show*

⁵⁵ A título de exemplo: “Rape . . . is a masculinist violation of bodily integrity. All transsexuals rape women’s bodies by reducing the female form to an artifact, appropriating this body for themselves. . . . Rape, although it is usually done by force, can also be accomplished by deception.” (Raymond *apud* Stone, 1994: 3-4)

dedicado à transexualidade (“Transgendered Children”), tomarei daqui o exemplo de Josie e de Kennedy. Joey é agora, com 8 anos, Josie, uma transexual feminina. Bastante feminina no sentido tradicional: cabelo comprido, gosta de saltos altos, usa vestidos, a sua cor favorita é o rosa. Aos quatro anos já se considerava uma rapariga, e actualmente, com oito anos, afirma que sempre o foi. Quando a confrontaram: “but you have a penis!”, simplesmente respondeu, “well, it’s just a birth defect”. A mãe sente que foi injusta com ela, pois não a compreendia, chegando mesmo a pensar na possibilidade de o seu filho ser apenas gay.⁵⁶ Quando pela primeira vez chegou à escola vestida de rapariga foi bem recebida e aceite pelas outras crianças, mas quando estas foram para casa dizer que o Joey vestia saias e que agora era uma rapariga, a aceitação não foi a mesma. Chegou mesmo a ser formulada uma petição por parte de pais e mães a reclamar a sua expulsão escolar. Para além de ter sofrido violência verbal ao ser chamada de “girl with a dick”, “queer”, “dyke”, “bitch”, sofreu de violência física da parte de alunos mais velhos.⁵⁷

Outro exemplo retirado do mesmo programa é o de Kennedy, que com 7 anos assume uma identidade masculina apesar de ser biologicamente feminino. A mãe afirma que tiveram muitos problemas porque a sua filha só gostava de “coisas de rapazes”. Aos 3 anos deixava-a vestir roupas e sapatos de rapaz mas dizia para a filha que ela era apenas uma menina que gostava de coisas de rapazes. Desde os dois anos que se recusava a vestir vestidos, pontapeando a mãe quando o tentava vestir. Bateu na professora quando esta o advertiu de que devia usar a casa de banho das meninas e não dos meninos. “I wanna do boy stuff. I don’t wanna do girl stuff. That’s why I wanna be a boy”. Esta afirmação leva-me a pensar se, em alguns casos, como o deste exemplo, não será o desejo de mudar de sexo afinal uma forma de fugir aos constrangimentos sociais e expectativas que a sociedade divide pelos sexos. Aqui, e quase exclusivamente, alguém diz «eu quero ser “X” porque quero fazer “Y”» ao invés da habitual explicação tautológica, “eu quero ser “X” porque me sinto “X”». Kennedy quer ser rapaz porque não gosta de fazer coisas de raparigas, quer brincar com os rapazes, não quer

⁵⁶ Uma relação que pode causar controvérsias é esta entre a homossexualidade e a transexualidade, pois tudo depende do que é que afinal define o sexo. Se uma pessoa tem pénis e se sente uma mulher, gostando de homens, ela não se considera homossexual, porque sabe que a sua identidade é feminina. No entanto o “pormenor” de ter um pénis faz a diferença perante a sociedade, que a cataloga como sendo gay.

⁵⁷ A violência a transexuais e travestis é, de resto, um acontecimento frequente, sendo maior a incidência em transexuais femininos. Gwendolyn Ann Smith criou o site chamado “Remembering Our Dead” (www.rememberingourdead.org) como forma de homenagear Rita Hester, transexual assassinada em 1998, e onde tenta listar as pessoas vítimas de transfobia. A partir desta homenagem, celebra-se a 20 de Novembro o Dia da Memória Trans (Transgender Day of Remembrance – TdoR). Recorde-se o polémico caso da transexual Gisberta, que aconteceu no Porto em 2006. Após três dias de espancamento e sevícias sexuais, foi atirada para um poço onde acabou por morrer. O facto de a autópsia ter indicado afogamento como causa da morte, levou à atenuação das penas dos responsáveis pelo sucedido, que foram condenados não por homicídio mas por “ofensas corporais agravadas”, não sendo, portanto, ninguém responsabilizado por aquela morte.

vestir vestidos, etc. Se a sociedade onde vive lhe permitisse, independentemente do sexo, brincar com coisas ditas de rapazes e não ter de vestir vestidos, será que um dia mais tarde ele iria querer mudar o sexo genital, submeter-se a uma série de cirurgias para construir um pénis e passar o resto da vida a tomar hormonas? Alice Dreger (2011b) questiona: “What if a boy could go to school in a dress and still be a boy?”. De facto, ao ouvir o pequeno Kennedy à luz dos conceitos de Money, parece que estamos diante um caso de andromimética, e não propriamente um caso de disforia sexual. Mas ao fazer isso estamos a excluir a hipótese de um desejo relacionado com um querer uma estética corporal diferente, como aumento de massa muscular, crescimento de pêlos, barba, ter um pénis... Postas ambas as hipóteses, continuo a questionar-me sem encontrar uma resposta: muda-se de sexo em nome de uma identidade e de uma expressão social que se quer atingir, ou porque existe de facto uma disforia corporal, uma necessidade de ter um corpo diferente? Alice Dreger (2011b) atenta para a perigosidade de mudança de sexo prematura em crianças, uma vez que o facto de rapazes quererem fazer coisas de rapariga ou vice-versa pode ser apenas uma manifestação de homossexualidade,⁵⁸ e que podem no futuro até se travestirem por diversão, não significando, porém, que queiram os seus órgãos genitais alterados. Considera ainda (2010) que crianças *gendernonconforming* estão apenas a expressar a sua maneira própria de ser:

They are expressing more subtle, more complex, and more varied messages of self. What they need isn't therapy; what they need is to know that it's okay to be gender nonconforming. It's perfectly okay to be a male who has feminine-typical interests, behaviors, and desires, or a female who has masculine-typical interests, behaviors, and desires.

Buck Angel, nascido em 1972 em Los Angeles, é um transexual masculino (FtM), estrela porno nos EUA, conferencista, aparece em programas de televisão, nas rádios, internet e jornais, não só por ser um actor porno transexual com vagina, mas por ser um defensor activista da liberdade e saúde sexual. Na página principal do seu site (www.buckangel.com) somos recebidas com a frase “It's not what's between your legs that defines your gender”. Sempre foi uma “maria-rapaz” na juventude e pensava que era lésbica porque se sentia atraída por mulheres. Na altura ainda não tinha ouvido falar em transexualidade, por isso vivia infeliz e chegou a tentar várias vezes o suicídio. Chegou ainda a ser modelo por dois anos, mas o facto de ter de estar sempre maquilhada e ser obrigada a usar vestidos levou-a a desistir. Quando soube que era possível mudar de sexo começou por tomar testosterona e passado

⁵⁸ Acautelos que não significa isto, contudo, que todas as pessoas homossexuais manifestam preferência por actividades atribuídas socialmente ao sexo oposto.

dois anos, depois de passar por dez cirurgias que lhe advertiram das cicatrizes, dirigiu-se a um que operava homens com ginecomastia, e retirou as mamas. Quando começou a trabalhar como actor pornográfico tentaram usá-lo como um “divertimento de circo”, queriam transformá-lo num *freak*, por isso criou a sua própria empresa e, actualmente, mais do que serem um negócio, os seus filmes têm uma mensagem política, mostram como é possível um homem não ter pénis e ter igualmente prazer sexual sem preconceitos. O paradoxo que encarna pela combinação de uma vagina com símbolos socialmente ditos masculinos (roupas, tatuagens e piercings, cabelo rapado e barba), reforça a ideia de que masculinidade não se liga necessariamente a um pénis.⁵⁹ É casado com uma mulher, embora goste de homens e mulheres, e relativamente à orientação sexual diz-se sexual e não bissexual, uma vez que mantém relações não só com homens e mulheres com sexo genital masculino e feminino, respectivamente, mas também com mulheres de sexo genital masculino.

Buck Angel decidiu não se submeter à cirurgia de redesignação sexual devido a uma profunda investigação sobre o assunto que o levou à conclusão de que a construção de um pénis é algo ainda em fase experimental sem resultados positivos. Efectivamente, a maioria dos transexuais FtM opta por não fazer a cirurgia de construção peniana pois esta não traz quaisquer vantagens em termos de prazer.

Contrariamente ao exemplo de Buck Angel, tomo o exemplo de uma pessoa que precisa de pénis para se sentir homem: João Pedro Almeida, transexual *pre-op* FtM. Num contexto de debate, realizado no âmbito da segunda Marcha Contra a Homofobia e Transfobia,⁶⁰ perguntei-lhe se a sua identidade sexual é definida pelos órgãos genitais, ou seja, se precisava de ter um pénis para se sentir homem, e se estava disposto a abdicar do prazer sexual, que eventualmente poderia perder com as cirurgias, em função disso, ao que me respondeu: “Não vou perder o prazer sexual porque nunca o senti”. O que lhe daria prazer seria penetrar, e não ser penetrado. Ao contrário do que é comum ouvir, aqui admite-se “preciso de um pénis para me sentir homem”. Para João Pedro, sentir-se homem vai além de um aspecto estético e socio-performativo, chegando ao emocional e físico: o prazer no desempenho sexual. Isto é, não lhe basta a repetição de actos ditos “masculinos”, sejam eles ter barba, entrar no WC masculino, vestir roupa de homem e ser reconhecido como tal. Se por um lado, para a maioria dos transexuais poder viver estas realidades em harmonia com um corpo semi-masculinizado é o suficiente para se sentirem homens, mesmo que não tenham pénis, para João Pedro não. A

⁵⁹ Assim como, em contrapartida, as *she-males* (nome usado na indústria do sexo para designar pessoas mulheres transexuais MtF que mantêm o pénis) demonstram que se pode ser feminina mantendo um pénis.

⁶⁰ Marcha realizada em Coimbra pela primeira vez em 2010, organizada por um grupo de associações e pessoas individuais que viria mais tarde a chamar-se *PATH* (Plataforma Anti Transfobia e Homofobia).

performance da sua identidade vai além destas repetições de actos, precisa de ir mais longe, ao prazer que o acto sexual lhe trará, coisa que não acontecerá enquanto não for “homem completo”. Portanto, ao contrário da supracitada definição de transexual (em *The Stanford Gender Dysphoria Program*), aqui a identificação com o sexo oposto não é apenas identitária mas também corporal.

Os casos de Buck Angel e de João Pedro diferem e aproximam-se ao mesmo tempo, em parte, com o da modelo Lea T. Lea é uma transexual MtF *pre-op*, que pretende fazer a CRS apenas por uma questão estética e social, e porque, sentindo atracção por homens heterossexuais (embora não descartando a hipótese de se vir a apaixonar por uma mulher), poderá vir a ter “uma relação mais hétero”, como a própria afirmou.⁶¹ Admite, porém, que o facto de ter vagina não a tornará mais feliz, apenas facilitará a vida no que diz respeito ao emprego e mudança de nome nos documentos. A modelo confessa não gostar do seu corpo, mas declara, por outro lado, não ter vergonha dele. Por isso e como forma de activismo transexual, pousou nua para a revista *Vogue Paris*. Lea T. já desfilou para a marca Givenchy tanto na colecção de roupas femininas como masculinas.⁶²

Sociedades com sistema sexual não binário

Brigitte Baptiste, biólogo e investigador universitário na Colômbia, ao contrário de Buck Angel, nasceu com sexo genético masculino mas aos 35 anos começou a vestir-se de mulher e aplicou implantes mamários, no entanto, não se sente homem nem mulher, recusando-se a encaixar nas categorias de sexo. Afirma: “O corpo e a vida são muito mais flexíveis do que querem que acreditemos. Portanto, não pretendo ser mulher, nem pretendo ser homem. Não tenho interesse em nenhuma dessas definições.”⁶³

Há sociedades em que a divisão dos sexos não é tão acentuada como nas sociedades ocidentais. Por exemplo, na pequena cidade indígena do México, Juchitán, os homens podem vestir-se de mulher e viver como uma – são designados de *muxes* - sem que isso seja um transtorno à organização da sociedade, que é bastante unida. É culturalmente aceite e chega

⁶¹ Cf. Diguê (2011).

⁶² É tendência recorrente de Riccardo Tisci, estilista responsável pela marca, vestir as/os modelos com uma aparência andrógina. Ainda no mundo da moda lembro Andrej Pejic, modelo do sexo (biológico) masculino que desfila tanto enquanto modelo masculino como modelo feminino, inclusivé, foi recentemente escolhido pela marca de lingerie Hema para representar a linha de soutiãs push-up. Já foi eleito, pela revista FMH, uma das mulheres mais sexy do mundo. Ver notícia(s) em “Este não é um modelo qualquer”, 2011.

⁶³ Declarações realizadas no episódio 2 intitulado “Mutações sexuais”, do documentário *Tabu América Latina*, realizado pela National Geographic (2010)

mesmo a ser uma benção para a maioria das famílias. Acredito que o facto de a organização dessa cidade ser de índole matriarcal pode ser o motivo da maior inclusão no que respeita não só a variações de sexualidade como de todo o tipo. Alguns *muxes* casam-se com mulheres e constituem família, enquanto outros optam por viver com homens, não existindo portanto conexão necessária entre homossexualidade e *muxe*, ou seja, um homem não precisa de assumir uma identidade masculina do ponto de vista estético e de papel social (e.g. na profissão) para ter um comportamento heterossexual, episódio bastante improvável de se ver na nossa sociedade. Pelo facto de existir toda uma história cultural ancestral, para a comunidade, ser *muxe* não deve tão-pouco ser visto como sinónimo de ser transexual. Ser *muxe* não é uma questão de sexualidade (heterossexualidade ou homossexualidade) nem de poder, é antes uma questão de papel social, constituindo um terceiro papel de género.⁶⁴

Na Ásia Meridional, ao contrário do que acontece no Ocidente, a transexualidade é mais bem aceite que a homossexualidade,⁶⁵ e existe uma cultura de homens, designados por Money (1988: 98) de ginomométricos, que vivem como mulheres. Em Países como Índia, Paquistão e Bangladesh são conhecidos por *hijras*, na Tailândia por *kathoey*, em Burma por *acaault*. A cultura *hijra* tem uma tradição ancestral de castração e travestismo, mas hoje em dia as *hijras* podem ou não ser castradas, realizar CRS completa e tomar hormonas de feminilização se assim pretenderem. A sua identidade tem um fundamento mítico e acredita-se que têm poderes de benção e maldição, por isso são respeitadas e/ou temidas por parte da população. Apesar de em Jaipur as *hijras* ainda serem reconhecidas com algum mérito, principalmente pela população mais velha, e desempenharem o seu papel tradicional (dançar e cantar) em cerimónias de casamentos e nascimentos, nas grandes cidades, como Bombaim e Deli, são bastante discriminadas e, por não conseguirem emprego, vêm-se obrigadas a recorrer à prostituição e à mendicidade.⁶⁶ Uma das *hijras* mais famosas da Índia é Shabnam Mausi, a primeira *hijra* a ingressar a Assembleia Legislativa de Madia Pradesh.

Até há pouco tempo, a Índia era o único país do mundo a reconhecer legalmente três sexos (feminino, masculino e outro). À sua semelhança, o Paquistão criou, em 2011, um novo sexo nos documentos de identificação – “transexual”. Podem identificar-se como transexuais as pessoas que se travestem, as que fizeram ou não CRS, e os eunucos ou intersexuais. A este respeito, a Austrália criou, também em 2011, mais uma opção na escolha do sexo dos passa-

⁶⁴ Cf. Lynn Stephe (2002)

⁶⁵ No Paquistão e em Bangladesh os actos homossexuais ainda são criminalizados. Na Índia deixaram de o ser em 2009.

⁶⁶ Cf. Stuthrell (2004: 75-113).

portes – “indeterminado”. Evitam-se assim retenções nos aeroportos devido à incongruência entre o sexo no passaporte e o aspecto físico.

Na Tailândia, o termo *kathoey*, ou *ladyboy*, é um conceito que abarca vários tipos de pessoas consideradas um terceiro sexo, que vão desde transexuais femininos com pénis, a transexuais femininos com vaginas cirurgicamente construídas ou outro tipo de alteração cirúrgica, a simplesmente um homem efeminado. Devido à lei budista do karma, acredita-se que os *kathoey* nasçam assim como consequência das más acções cometidas em vidas passadas. Apesar de ser uma espécie de punição, o facto de a cultura tailandesa ser uma cultura budista confere-lhe um carácter de tolerância, pelo que, tendencialmente, os *ladyboys* são alvo de piedade ao invés de discriminação. Apesar de a Tailândia ser um país que praticamente faz das CRS um comércio, sendo aquele que mais cirurgias de mudança de sexo realiza (o preço está a baixo da média relativamente aos preços internacionais), a lei não permite a mudança de sexo legal, isto é, de nome, mantendo assim reservado para os *kathoey*s um estatuto social de terceiro sexo. Um dos casos mais famosos, neste caso transexual operado, é o de um ex-monge budista e ex-campeão de Muay Thai (boxe tailandês), Parinya Kiatbusaba, mais conhecida por Nong Toom.⁶⁷

No sul de Sulawesi (também conhecido por Celebos), uma das ilhas da Indonésia, subsiste um povo – *bugis* - que reconhece a existência de quatro sexos e um “para-sexo”: *oroane* - homens masculinos; *makunrai* - mulheres femininas; *calalai* - mulheres que vivem como homens; *calabai* - homens que vivem como mulheres; *bissu* - sacerdotes, figuras andróginas que encarnam características físicas (não necessariamente) e estéticas dos *oroane* e das *makunrai*. À luz dos conceitos de Money, as *calalai* seriam andromiméticas (sem pretensão de mudança sexual), uma vez que imitam o estilo de vida, roupas e comportamentos dos homens, e envolvem-se sexualmente com mulheres. Já os *calabai*, apesar de se comportarem como mulheres em muitos aspectos, rejeitam algumas normas a elas determinadas, por exemplo, a interdição de saídas à noite desacompanhadas, tendo eles as suas próprias normas. Uma das suas principais formas de reconhecimento é a organização de casamentos. Os/as *bissus* não só incorporam características de homem e mulher, como conjugam humanidade e espiritualidade, realizando contactos com as divindades.⁶⁸

Comparativamente a *bissu*, existem os “dois-espíritos”, também designados pela antropologia por *berdache*, que no seio da cultura indígena nativa das Américas são pessoas que possuem duas almas, uma masculina e outra feminina. Segundo Preves (2005: 42), foram

⁶⁷ A sua história inspirou o filme Ekachai Uekrongtham, *Beautiful Boxer* (2004).

⁶⁸ Cf. Graha (2002: 27).

documentadas pessoas *berdache* em 150 sociedades da América do norte. Devido à colonização esta tradição tendeu a desmoronar-se, contudo, ainda existem algumas tribos, nomeadamente a tribo Navajo ou a tribo Blackfoot (Lakota), onde vigora este tipo de sistema sexual. Os “dois-espíritos” são homens efeminados que desempenham um papel importante na economia da família e nas cerimónias religiosas, e devido a isso detêm um estatuto social privilegiado. Executam alguns trabalhos de mulher e misturam comportamento, vestimentas e papéis sociais dos outros dois sexos. Não são considerados homens nem mulheres. Podem viver em celibato ou manter relações com homens ou, não tão frequentemente, com mulheres.⁶⁹

Na República Dominicana habita uma população, nas regiões isoladas das montanhas, que considera a existência de três sexos: homem, mulher e *guevedoche* (significa “testículos aos doze anos”). Aqui é bastante vulgar uma rapariga, durante a puberdade, se transformar num rapaz, sendo tal fenómeno visto com normalidade e aceito pela comunidade. Devido à pouca variedade genética daquela aldeia, a linhagem da população mantém a deficiência na enzima 5-AR, originado assim casos de uma variação do chamado pseudo-hermafroditismo masculino. A mesma ocorrência acontece em Sambia, na Papua Nova Guiné, mas aqui com a denominação de *kwolu-aatmwol*.⁷⁰ Aqui, apesar de serem considerados um terceiro sexo, são criados como sendo do sexo masculino, com algumas diferenças, contudo, nos rituais de masculinização na puberdade. Tanto em Sambia como na República Dominicana, quando se verifica ambiguidade no nascimento, não é realizada nenhuma correcção, contrariamente ao que acontece no ocidente, deixando a criança desenvolver-se e mudar de sexo de forma natural.

Em Samoa existem homens biológicos que vivem como mulheres, mantendo relações sexuais com outros homens (não aplicam a palavra homossexualidade) – são denominados *fa'afafine*. Acredita-se que a existência deste grupo de pessoas adveio da necessidade que houve no passado em criar rapazes como raparigas, devido à escassez de mulheres para as lides domésticas.

⁶⁹ Cf. Williams, “The Berdache Tradition”.

⁷⁰ Um dos rituais de passagem de puberdade na tribo Sambia é a prática de sexo oral pelos jovens a um homem mais velho, com a devida ingestão do sémen. Se uma criança for criada como rapariga e se sofrer virilização na puberdade, não poderá passar pelo ritual de masculinização, por isso, a quando do nascimento há um grande cuidado na procura de alguma ambiguidade, para o caso de se tal se verificar, a criança não ser criada como do sexo feminino. Os *kwolu-aatmwol* passam por mais fases de sexo oral, de modo a reforçarem a sua masculinidade, e não podem passar pela última fase do ritual, mantendo-se assim um certo nível de discriminação. Cf. Preves (2005: 40).

Muitos outros casos poderiam ser enumerados, mas esta secção não se pretende exaustiva. O importante a retirar destes exemplos é a consciência de que o sistema sexual que vigora no ocidente não é universal, e que podem abrir-se portas a outras possibilidades, independentemente de limites linguísticos ou de organização política, porque se existem sistemas que permitem uma maior inclusão, e portanto uma maior permissão de habitabilidade a formas de vida, seria de todo o interesse para uma sociedade como a ocidental que se quer humanitária, livrar-se dos constrangimentos e desculpas de carácter organizacional e deixar viver as pessoas numa anarquia sexual positiva.

III REFLEXÃO

O carácter construído do sexo e o carácter (não) construído da identidade sexual

Em toda a sua obra, principalmente em *Gender Trouble*, Butler advoga que a diferença sexual não é importante, o natural não existe, por isso não há distinção entre sexo natural (biológico) e sexo socialmente construído. Aceitar o sexo como natural e o género como construção seria aceitar que aquele expressa uma essência do sujeito. O sexo, tal como o género, não é natural, é discursivo e cultural, portanto não faz sentido diferenciar um do outro. Sendo assim, aquilo a que se tem vindo a chamar “género”, não é senão “sexo” (1999: 10-11). Concordo que o género não seja a manifestação socialmente construída do sexo biológico, expressando uma essência do sujeito, mas considero que o corpo (no sentido que expressa o processo de aculturação) é a expressão da essência do sujeito, essência não no sentido impessoal e universal, mas no sentido de uma afecção interior, única e pessoal.

Assim como a orientação sexual não é uma escolha, também a identidade sexual o não é. Pode fazer-se o esforço de “viver no armário”, ou enfeitar-se com um vestido para agradar à mãe. Mas esta atitude é, em jeito butleriano, devir desfeito/a, fingir ser-se quem não se é em prol de uma vida habitável. A vida habitável é aquela que, através de categorias de reconhecimento, possibilita uma vida suportável. Desta forma, devém desfeita a pessoa ex-intersexo redesignada para um determinado sexo, e que se sente desconfortável com o mesmo, assim como com as expectativas identitárias, pois a categoria de reconhecimento a que foi submetida torna a sua vida insuportável. O mesmo acontece com a pessoa transexual. Simone de Beauvoir afirmou, “On ne naît pas femme: on le devient”. Quem pode tornar-se mulher? De facto, como constatou Butler, não há traço no trabalho de Beauvoir de que a pessoa que se torna mulher seja fêmea. O transsexual masculino, biologicamente feminino, nunca se tornou mulher. O intersexo, redesignado para o sexo feminino, que sempre rejeitou a identidade feminina apesar de incitado a adoptá-la, também não se tornou mulher. O macho biológico, transexual feminino, tornou-se mulher, acolheu no seu corpo aquilo que a sociedade interpreta como sendo de mulher, em função da sua identidade que por mérito próprio se encaixa na feminilidade, i.e., não pela coacção ao desempenho do género feminino, mas porque o faz de forma espontânea, porque se sente conforme.

Para aprofundar esta questão, convém retroceder até ao momento em que o termo género entra em cena no feminismo:

A primeira pessoa a cunhar o termo *gender* com a componente socio-sexual foi o psicólogo e sexólogo John Money em 1955.⁷¹ O termo *gender* seria mais inclusivo que *sexo* pois abarcaria não só a componente genital, mas a componente social. A identidade de género seria o sentimento de masculinidade, feminilidade ou ambivalência que persistiria em cada pessoa. O papel de género seria marcado pelas acções de uma pessoa em conformidade com a identidade de género. Para Money, assim como para a população em geral, existe um continuum entre *sexo* anatómico e *género*, excepto em casos de disforia de género que culminam na transexualidade, onde não existe “coerência” entre interior e exterior.

Sem o termo *gender*, segundo Money (1988: 53), não seria possível dizer (e.g. a respeito de um transexual masculino) “a male gender role despite a female (46, XX) genetic sex”, e ter-se-ia de recorrer a uma explicação quase exaustiva para explicar que o *sexo* do papel sexual divergia do *sexo* anatómico - “a male sex role, except that his sex role with the sex organs was not male, and his genetic sex was female”. Género popularizou-se como sendo uma categoria social que molda o comportamento, e *sexo* como sendo uma categoria biológica inerente ao corpo.

As feministas, a partir do final da década de 1960, apoiaram-se nesta separação ideológica entre *sexo* e *género* para rejeitar o determinismo biológico e demonstrar como as desigualdades de género (inferiorização das mulheres) provinham de criações culturais, nomeadamente a partir do ensaio de Gayle Rubin “The Traffic in Women: Notes on the 'Political Economy' of Sex” publicado em 1975.⁷² A partir da asserção de Marx, de que um escravo negro é antes de tudo um negro, e só se torna escravo mediante uma relação, Rubin propõe-se a encontrar a relação que coloca as mulheres numa situação de opressão. Com base no que designa por “sex/gender system”, Rubin afirma que todas as culturas moldam as pessoas de forma convencional, de acordo com o *sexo* biológico. Segundo a própria, “a «sex/gender system» is the set of arrangements by which a society transforms biological sexuality into products of human activity, and in which these transformed sexual needs are satisfied” (Rubin, 2006: 88). A autora comprova o sistema *sexo/género* patente nos sistemas de parentesco de Lévi-Strauss, que criam socialmente e a partir da anatomia dos corpos dois géneros dicotómicos, devendo-se a subalternidade das mulheres não à sua biologia mas à relação com os

⁷¹ Para explicação do próprio autor sobre a apropriação do termo *gender*, ver Money, 1988: 52-53.

⁷² Esta publicação ingressou primeiramente na antropologia organizada por Rayna Reiter, *Toward an Anthropology of Women*. Contudo, a referência que faço corresponde ao mesmo artigo em Ellen Lewin, 2006.

homens, enquanto estatuto de objecto de troca entre eles. Na esteira de feministas francesas da década de 1970, como Luce Irigaray ou Júlia Kristeva, que procuraram uma teoria psicanalítica alternativa, Rubin denuncia o carácter sexista da teoria psicanalítica edipiana de Freud, que assimila as regras e tabus do sistema de parentesco (note-se o incesto), que divide os sexos, constrói o desejo heterossexual e logra a primazia da masculinidade. Estavam lançados os dados para desmantelar o carácter cultural das normas de masculinidade e feminilidade – sistema sexo/género.

Apesar do termo género enquanto categoria social do sexo, independente da componente biológica, ter-se popularizado entre as feministas de segunda vaga, já anteriormente (1949), Simone de Beauvoir teria antevisto a mesma noção sem contudo usar o termo “género”, quando no *Segundo sexo* demonstrou que ser mulher não se relaciona unicamente com a anatomia, mas sim com a construção social. Esta constatação é feita no ensaio “Variations on sex and gender: Beauvoir, Wittig, and Foucault”, onde Butler coloca em diálogo a teoria do *Segundo sexo* de Beauvoir, de que “não se nasce mulher, torna-se mulher”, com a do ensaio “Não se nasce mulher” de Monique Wittig, que considera anacrónica a distinção entre sexo e género, e a rejeição da categoria “sexo natural” tomada por Foucault, de modo a provar que a distinção entre sexo e género está subentendida no *Segundo sexo*, apesar de não explicitamente com esse termo, e reformular a categoria “género” como um projecto cultural. Tanto em Wittig como em Beauvoir, o género será o lugar corporal que recebe significados culturais que serão interpretados através do processo da “escolha”. O género é então a corporalização da escolha, e o corpo, o lugar de significados de género. Assombra-me automaticamente uma questão: se o género é uma escolha, porque é que existem operações de mudança de sexo em nome de um género “desconforme” ao sexo de nascença? Se o género fosse uma escolha, certamente as pessoas transexuais, ao invés de mudar de sexo, mudariam de género, já que este seria um procedimento opcional. Butler não colocou esta questão mas poderia tê-la colocado porque reflectiu sobre a consequência de se pensar que somos nós quem escolhe determinado género, o que nos põe à partida numa posição de sujeito cartesiano, ou seja, um sujeito autónomo, consciente, anterior à cultura, capaz de se colocar no lado de fora do género,⁷³ já que também é anterior a ele, de o objectivar e de o eleger. Butler propõe-se livrar a teoria de Beauvoir deste “fantasma” cartesiano, recorrendo para tal à concepção de identidade encarnada e às possibilidades das almas desencarnadas. Explica o que é corpo e alma em Sar-

⁷³ Um sujeito cartesiano seria capaz de se colocar do lado de fora do sexo também, mas a discussão de Butler reduz-se ao género.

tre e qual a relação entre as duas entidades: a consciência existe no corpo e para além dele, é transcendente e encarnada; por sua vez, o corpo só existe no modo de ser superado, sendo ele próprio uma superação de si. Enquanto em Sartre existe uma dualidade intrínseca à identidade pessoal, na definição de consciência como algo ao mesmo tempo encarnado e transcendente, em Beauvoir a tensão não se prende com o “no” ou “para além do” corpo, mas sim na passagem do corpo natural ao corpo aculturado (Butler, 1986: 507) - no “devir”. Este devir não implica uma liberdade desencarnada no momento antes da encarnação cultural, ou seja, não somos sujeitos objectivantes, fora de nós, já que somos desde sempre o nosso corpo e só depois nos tornamos no género. Então, o movimento de deslocação de sexo a género ocorre internamente, dentro de um corpo, “é interno à vida encarnada” (Ibid. 507). É impossível determinar o início temporal do género, pois este não se origina subitamente num momento a partir do qual manteria a sua forma fixa. Beauvoir assume o acto de escolha como um acto semi-consciente, similar à escolha pré-reflexiva de Sartre, do qual só nos consciencializamos depois de o ter feito. Butler assim o confirma, “Becoming a gender is an impulsive yet mindful process of interpreting a cultural reality laden with sanctions, taboos and prescriptions.” (Ibid. 508) Para além da interpretação, pressupõe a reprodução e organização de toda essa informação de modo contínuo ao longo do tempo. Parece-me aqui que o devir apenas se aplica ao género e não ao sexo. Paira de novo um fantasma, desta vez o transexual cartesiano, consciente da escolha corporal de um outro sexo. Retomando a afirmação de que somos desde sempre o nosso corpo e só depois nos tornamos género, como pensar alguém que escolhe mudar o seu sexo anatómico em função do seu género? Porque não pensar o movimento de deslocação de género a sexo? De certo modo, parece-me que existe afinal uma certa liberdade desencarnada antes de encarnar o corpo que vai ser aculturado, isto é, antes de encarnar o corpo que vai ser alterado de acordo com as normas que constituem o outro sexo. Ecoando: escolha de um corpo alterado conforme as normas - parece-me que caímos num paradoxo. A pessoa transexo vai, deliberadamente, abandonar o seu corpo actual para encarnar um outro corpo, mas, sendo este corpo modificado de acordo com normas, perde-se aqui o livre arbítrio cartesiano. Tal como Butler libertou o género do cartesianismo, a pessoa transexual nunca será inteiramente cartesiana quando “escolhe” mudar de sexo porque, em última análise, permanece submissa tanto ao seu género como às normas que o regulam fisicamente. Porém, algo parece indubitável: o movimento deu-se de género para sexo (corpo), do interior para o exterior, parece que somos primeiro o género e só depois o corpo (corpo aculturado e mutável).

Não se pode negar que o que é expectável para cada um dos dois sexos foi, e continua a ser, construído socialmente. A diferença sexual, física, continua a ser reforçada pelo género e este a ser a organização cultural daquela, mas a identidade sexual de cada pessoa não pode ser manipulada, ou melhor, não pode ser manipulada com sucesso. Se assim fosse não haveriam *transgenders* nem *genderqueers*, isto é, pessoas que rejeitam o género programado na sua educação, porque a educação que recebemos mais não é do que uma (tentativa de) manipulação da nossa identidade. Consoante apareçamos com o que consideram vagina ou pénis,⁷⁴ ensinam-nos a aceitar e a identificar com determinadas expectativas. Assim como transexuais não se encaixam no género a elas inicialmente estipulado, *genderqueers* recusam um encaixe tanto num como noutra (género masculino e género feminino), mantendo-se numa ambiguidade, ou numa espécie de intersexualidade identitária. No fundo, mantendo-se elas próprias, num estado além-género, e não se deixando reduzir em essências. O género, tal como o conhecemos, apenas existe devido à repetição das expectativas a que as pessoas se sujeitam, repetições essas que são inúmeras mas sempre iguais, diferente do eterno retorno do diferente que Nietzsche proclamava.

Norma *versus* Transgressão

“A normalidade não era normal”

(Callie, *Middlesex*)

“Sometimes a normative conception of gender can undo one’s personhood, undermining the capacity to persevere in a livable life.”

(Butler, *Undoing Gender*)

Em *Os anormais*, Foucault desvela que a questão do monstro (termo usado para designar, entre outras, a pessoa hermafrodita) é essencialmente uma questão de lei, “ele constitui, em sua existência mesma e em sua forma, não apenas uma violação das leis da sociedade, mas uma violação das leis da natureza” (Foucault, 2001: 69). O monstro, por ser o excepcional, coloca em questão o sistema jurídico, infringe a lei e coloca-se fora dela. Tal como a Jus-

⁷⁴ Não refiro “ou outro” porque mesmo que nasçamos com genitais atípicos, estes serão “corrigidos”, de modo que não existem expectativas para um sexo atípico.

tiça em Derrida está para além do direito, apelando a este sempre uma resposta, os monstros de Foucault estão para além das leis, importunando-as, apelando-as à mudança. Os “monstros hermafroditas” da Idade Clássica foram considerados por Foucault (2011: 83-85) privilegiados em relação aos da Idade Média e até inícios do século XVII, que eram queimados vivos pelos simples facto de terem dois sexos (aleadamente um dos sexos ser-lhes-ia atribuído por Satanás, depois de um coito com este). A partir do século XVII, ninguém foi condenado por hermafroditismo, mas antes, perante a obrigatoriedade de escolha por um dos sexos (à semelhança do que ainda acontece hoje em dia), por ter relações sexuais com pessoas do mesmo sexo. A condenação era então não pela natureza do corpo mas pelo comportamento – a monstruosidade perdeu o estatuto jurídico-natural e ganhou o de jurídico-moral, principalmente a partir do século XIX. A escolha por um dos sexos servia apenas para saber que roupas usar, se teria obrigatoriedade em casar e com quem (uma pessoa do sexo oposto). Este tipo de monstruosidade perturbava as regularidades jurídicas não só no âmbito do casamento mas também no do baptismo ou nas regras de sucessão.

Os casos de intersexualidade da actualidade, à semelhança do que acontecia na Idade Média e Clássica, ainda desestabilizam o considerado natural, o que é moral, e as leis. Colocam em questão o sistema médico, o sistema jurídico e a organização das instituições. Veja-se o caso do atletismo, cujas competições viram as suas regras serem alteradas em termos de determinação de sexo para admissão de atletas femininas, ou a confusão que o sexo de Alterina Hofan provocou nas prisões (Cf. Capítulo II, *supra*).

Quando existe uma “transgressão” produzida pela natureza, a biopolítica trata de a domesticar. A partir do século XVIII, os esforços que até então existiam em prol da defesa de vida do soberano passaram a existir em prol da defesa da população. A defesa que até então se situara ao nível da existência jurídica (soberano) deslocou-se para a existência biológica, ao exercer-se positivamente sobre a população: “ao velho direito de fazer morrer ou de deixar viver se substitui um poder de fazer viver ou rejeitar a morte” (Foucault, 1998: 140). O poder dedicou-se à manutenção e gestão da vida, criou-se uma série de teorias para a obtenção da sujeição dos corpos e do controlo da população – entrou-se na era do Biopoder.

Adaptando esta teoria à actualidade, quando nasce um intersexo o poder político inscreve-se no *bios*, alterando-lhe o corpo. Esta alteração mais não é do que a defesa dos interesses da “população”, disfarçada de uma pseudo-defesa em nome do bem-estar da pessoa, porque a organização da maioria das sociedades não está preparada para abarcar corpos intersexuados nem identidades *genderqueers*. O que parece ser um poder positivo para o bem-estar da pessoa intersexo (a CRS) é afinal a única solução que as entidades médicas encontram

para colmatar a incapacidade, delas próprias e da maioria das instituições, em lidar com um sexo diferente, por não saberem posicioná-lo na sociedade. As guerras, assim como as cirurgias de redesignação sexual, fazem-se em nome do bem-estar da população pela resguarda do seu sistema organizacional. Em plena democracia, o direito continua a ignorar a justiça a que apelam as minorias, perpetuando-se a relação assimétrica minoria-maioria, justiça-direito. A viragem do poder para a manutenção da vida da população no século XVIII ainda persiste, não obstante, esta manutenção da vida continua a fazer morrer. Continua a desfazer outras possibilidades de ser.

Como já explicado, para Judith Butler (1999) o sujeito é definido na sequência dos actos que performatiza, resultando num efeito dos mesmos e não na causa. A repetição dos actos no corpo levará ao reconhecimento do sujeito enquanto mulher ou homem (porque o género enquanto prática ocorre num cenário de constrangimentos), e em última análise, enquanto humano, porque apenas estas duas categorias são reconhecidas como dotadas de humanidade.⁷⁵ Influenciada pela importância atribuída por Hegel à questão do desejo de reconhecimento, Butler (2004: 2) considera que a identidade sexual é movida pelo desejo na procura do reconhecimento, tornando-se este um local de poder. Interroga-se Butler, “If I desire in certain ways, will I be able to live?”. Esta questão é o cerne do seu argumento, pois a autora chama a atenção para a mutabilidade das condições pelas quais cada indivíduo é reconhecido enquanto humano: se existem condições que conferem humanidade a certas pessoas, essas circunstâncias podem destituir outras do mesmo estatuto de humano, lançando-as para o anonimato, em última análise para uma não existência. “I may feel that without some recognizability I cannot live. But I may also feel that the terms by which I am recognized make life unlivable” (Butler, 2004: 4). Se, por um lado, existem pessoas que reivindicam um reconhecimento enquanto homens ou mulheres, por outro, há as que reivindicam um reconhecimento que escape a essas categorias limitadoras, ambicionando reconhecimento enquanto seres humanos com autonomia sobre os seus corpos, libertos de manipulações médicas e de constrangimentos discursivos.⁷⁶ Enquanto as normas que regem o mundo não forem

⁷⁵ A categoria mulher nem sempre foi reconhecida como pertencente de modo completo à humanidade: em tempos foi tida como metade animal, metade humana (como se não o fosse toda gente!) e tomada pelos filósofos como desprovida de razão (no sentido de *logos*). Assim como se abriu espaço à inclusão das mulheres talvez um dia se abra a outras formas de sexo.

⁷⁶ O linguista James P. Gee (2008) estabelece uma relação entre *discurso* e *Discurso*, correspondendo o primeiro ao uso da linguagem (escrita ou falada) e o segundo a uma linguagem social, funcionando como uma lei que pauta a nossa acção, determinando o que é normal ou anormal. É constituído por processos sociais e ideológicos que modelam os discursos, implica modos particulares de agir, interagir e pensar, assim como valores, perspectivas e instrumentos ao cumprimento da identidade social que representa (“Discourses operate to integrate and

repensadas e este reorganizado, os locais de poder serão sempre codificados pelo binarismo e os corpos, não só intersexuais mas todos, suas vítimas. Posso afirmar, tal como Butler (2004: 21), que “o meu corpo é e não é meu”. O corpo, segundo a filósofa, possui uma dimensão pública ao relacionar-se com outros; acrescento eu que o que se espera do meu corpo pertence à heteronorma, ao consumo, à medicina, à moda, à religião. Conforme Braidotti (2001: 384-385), sendo o sujeito um campo de forças de intersecção, cresce envolto em códigos culturais e afectos – o imaginário social, que constitui os sujeitos de múltiplas e complexas formas. Apesar da tentativa de resistência, tenho o corpo formatado pelas normas. Mais do que biológico, o meu corpo é cultural.

Em *Undoing Gender*, Judith Butler reflecte sobre as consequências de uma vida vivida à margem dos padrões sexuais dualistas vigentes na sociedade, que tem no seu expoente o não reconhecimento da pessoa enquanto ser humano, uma vez que as concepções normativas do sexo podem impedir alguém de ter uma vida habitável, isso a que Butler chama *becoming undone* (Butler, 2004: 1). É a vulnerabilidade que define o humano, a condição humana. Ele vê-se determinado pelas normas e, uma vez inserido numa sociedade, deve deixar-se definir pelo que aquelas ditam de modo a ser aceite pela comunidade. Portanto, de acordo com um dos dois sexos que nos foi designado, ou re-designado, temos um padrão de práticas sociais a seguir, que pouco tem a ver com as do sexo oposto. São as normas que constituem o sexo e nos determinam, já que o nosso destino será estabelecido em função dele. Se por um lado, as normas permitem a construção do sujeito, sendo essa construção impositiva, ela vai impossibilitar que ele se faça de outra forma, portanto, impossibilita um outro possível. Nas palavras de Butler, são as normas que nos *fazem*, construindo-nos de determinada forma, e por outro lado, nos *desfazem*, impedindo-nos de nos constituirmos de outra forma não correspondente. Mas não só pela interdição se desfaz o ser: o relacionamento com o que nos rodeia, nomeadamente com as pessoas, influencia a nossa (des)formação. Abro aqui espaço para exemplificar com o caso prático de Lea T (Cf. Capítulo II, *supra*). A modelo submeter-se-á no futuro a uma CRS, desfazendo-se de uma parte de si, apenas por uma questão estética, social e legal, porque segundo as concepções normativas do sexo é imperativo ter-se vagina para ser uma “verdadeira mulher”, para enquanto mulher ser aceite por um homem, e porque precisa de

sort persons, groups, and society. [...] each ”. Gee, 2008, p. 4). A relação entre os Discursos pode ser solidária ou conflituosa. Por exemplo, os Discursos médicos, entre tantos outros, dialogam positivamente com o Discurso da sexualidade. O Discurso da sexualidade é o da heteronormatividade hegemónica que categoriza pessoas em macho e fêmea e lhes atribui normas de acordo com isso. Desta forma, os Discursos dos movimentos intersexo, principalmente pelo modo como se apresentam os corpos (poderia dizer-se, pelos discursos visuais), são conflituosos com o Discurso da sexualidade porque não se deixam materializar por ele.

uma vagina para mudar de nome. Por outro lado, se o que se anular for a restrição normativa, abre-se caminho a uma nova forma de habitabilidade. Se Lea T. afastasse esta restrição, não necessitaria de alterar os genitais e permaneceria na forma de habitabilidade transgressora em que se mantém actualmente. A identidade sexual é então um lugar por excelência da norma, já que é aqui que se produzem e normalizam as noções de feminino e de masculino, juntamente com a coerência, esperada, das hormonas, cromossomas, anatomia e performance. O corpo, a par da identidade, é também um lugar da norma. Recorde-se o pénis que é amputado ao nascimento porque é considerado insuficiente para no futuro penetrar uma vagina, ou porque se prevê a incapacidade de micção em pé. Na óptica das entidades médicas, que realizam operações tão importantes como as de redesignação sexual em nome não de preocupações medicinais mas sociais, se a heterossexualidade é a norma, então o pénis deve ser capaz de penetrar uma vagina, assim como, se urinar em pé é símbolo da masculinidade, então os casos de hipospádias devem ser corrigidos. A mente e o corpo são lugares da norma, mas também a funcionalidade (coito heterossexual e micção em pé) o é. Também as vaginoplastias realizadas em pessoas com síndrome de MRKH, discutidas no capítulo anterior, reflectem a violação em nome da normalização, tanto corporal como funcional, de um ponto de vista heterossexista e machista, ou a terapia de reposição hormonal de testosterona quando diagnosticado um caso de síndrome de Klinefelter, ou ainda a terapia à base de estrogénios e hormonas do crescimento para a síndrome de Turner em nome da “normalização” estética. Esta importância estética e funcional do corpo que é “normal” parece ligar-se com a noção de estética na filosofia da Grécia antiga, em que a beleza, mais do que uma questão estética, possuía uma dimensão moral. O belo era o útil e vantajoso. “Devemos considerar belo o que é útil” (Platão, 1980: 595c) afirmou Sócrates. No diálogo entre o filósofo e Hípias, a colher de pau de figueira aparece como sendo mais bela do que a colher de ouro quando usada para cozinhar, porque trará mais benefícios à comida (Ibid. 291). De modo similar, a mulher com vagina trará mais benefícios ao homem do que a mulher com agenesia vaginal. A mulher bela será a mulher “normal” e “útil” ao homem. Tal como para Marx (*apud* Rubin, 2006: 87), em citação já aqui referida, um escravo negro só é escravo porque está inserido num sistema de relações, também uma mulher é considerada útil quando posta em relação com um homem.

Vigora então a ideia de que precisamos de normas para viver sem sofrer discriminação. Judith Butler racionalizou a ideia de norma como aquilo que une excluindo: “The «norm» creates unity through a strategy of exclusion” (Butler, 2004: 206). Se, por um lado, as normas criam uma forma de pertença, por outro, e consequentemente, criam uma de exclusão, ou seja, criam a comunidade mediante um processo de exclusão. Também de certo modo para

Iris Young, os grupos dominantes são os que criam as normas a partir das ideologias heterossexistas (Young *apud* Cascais, 2004: 127). Assim, os grupos dotados de poder hegemónico suprimem publicamente as diferenças, criam normas a partir de si e em detrimento dos grupos excluídos. No capítulo “The question of sexual transformation”, Butler (2004: 213-214) acusa as categorias sexuais de actuarem como violações por não serem escolhidas mas impostas, penalizando quem ousa recusar as normas de cada categoria (perda de emprego, perda de poder maternal ou paternal, ou até perda da própria vida, entre muitos outros). No caso de Lea T., a recusa da norma (ter vagina enquanto mulher) poderia, entre outras coisas, fazê-la perder o emprego (se tivesse um que não no mundo da moda), uma vez que sem CRS não poderia alterar o nome, e incongruência entre aparência física e nome é nas profissões mais convencionais um preconceito.

No subcapítulo intitulado “Butch Desire”, de *Undoing Gender*, Butler compõe um futuro simbólico onde a feminilidade terá múltiplas possibilidades pela rejeição das normas singulares. A autora começa por denunciar a narrativa falocêntrica que não abarca todas as possibilidades da feminilidade e que por isso leva à depreciação do desejo *butch*. No entanto, este pode ser entendido como parte dos desejos das mulheres ou como um tipo de masculinidade que não é encontrada em homens. “Why shy away from the fact that there may be ways that masculinity emerges in women and that feminine and masculine do not belong to differently sexed bodies?”, pergunta-se Butler (2004: 197). Esta tese aproxima-se à da identidade/papel de género (G-I/R gender-identity/role) de John Money (1988: 53), nomeadamente quando este afirma que a G-I/R de um homossexual estereotipadamente “macho” é masculina, excepto na componente sexual e amorosa. Daqui se conclui que um homossexual travesti teria uma G-I/R feminina. No fundo, ambas as teorias remetem para o mesmo poço binário das identidades sexuais. Admitir que algumas mulheres possuem características ou desejos masculinos é admitir que a masculinidade não pertence em primeira instância às mulheres, existindo uma essência feminina e uma essência masculina que exclui naturalmente a feminilidade dos homens e a masculinidade das mulheres.

Foi feito, recentemente em Espanha, na Universidade Nacional de Educação à Distância, um estudo que visava investigar, através de ressonâncias magnéticas realizadas ao cérebro, se as regiões de massa branca (que se ligam, entre outros, aos processos sensoriais e percepção corporal) de transexuais FtM, antes do tratamento hormonal, são similares ao seu sexo biológico (feminino) ou ao sexo identitário (masculino). O que se verificou foi que essas regiões são similares às do sexo masculino. A mesma equipa realizou mais tarde um estudo semelhante, desta vez aplicado a transexuais MtF. Os resultados mostram que as estruturas

em questão não são nem semelhantes às do sexo feminino nem às do sexo masculino. Conforme um dos investigadores, Antonio Guillamon (*apud* Hamzelou, 2011), "Their brains are not completely masculinised and not completely feminised, but they still feel female". Falar em cérebros masculinos e cérebros femininos torna-se infrutuoso quando existem diferentes possibilidades de formações cerebrais, independentes do sexo.

Estes tipos de classificações, baseadas na diferença sexual de uma forma limitadora, funcionam como código para a normatividade heterossexual. Não pretendo abolir a diferença sexual, mas pelo contrário, realçá-la de um ponto de vista múltiplo e fluido. A diferença deve ser tal que rompa com as postulações de identidade e desnaturalize todas as essências sexuais. Se se abolisse a identidade sexual, se se abolissem os conceitos de masculino e feminino, abolir-se-iam os testes científicos fundados numa base sexual dicotómica que subordina a partir de si outras formas de sexo, a transexualidade deixaria de ser patologia porque simplesmente não faria sentido falar nela como sendo um desvio sexual. Recuso a noção de género dicotómica tal como ela se apresenta, porque esta é uma invenção social que originou dois grupos de expectativas que se projectam, de fora, nos seres humanos consoante nasçam com vagina ou pénis. No fundo, este tipo de noção de identidade sexual mais não faz do que atribuir às pessoas comportamentos que são os mesmos esperados pelo determinismo biológico. É uma idealização imperfeita, marcadamente heterossexista e limitada que despreza pessoas com características sexuais, principais ou secundárias, ambíguas. De modo algum pretendo aqui criar nem impor uma terceira identidade sexual para esses indivíduos, uma vez que isso seria cair no mesmo sistema de essencializações.

“The thought of a possible life is only an indulgence for those who already know themselves to be possible. For those who are still looking to become possible, a possibility is a necessity.” (Butler, 2004: 219). Pessoas intersexuais são aquelas que ainda estão à espera de se tornarem possíveis, de existirem, ou seja, de terem reconhecimento. É necessária intervenção política⁷⁷ para que a comunidade integre indiscriminadamente as pessoas que estão à margem da possibilidade, para que não sofram violência, para que as suas fantasias se tornem

⁷⁷ A par destas intervenções que se devem situar ao nível das instituições, também são importantes aquelas que visam desconstruir ou produzir novas subjectividades. Por exemplo, as workshops de *Drag King* de Diane Torr ou Beatriz Preciado, ou as performances de pornoterrorismo de Diana J. Torres. As performances *drag* demonstram a artificialidade das identidades sexuais, uma vez que podem ser incorporadas e imitadas por qualquer pessoa independentemente do sexo. Por esse motivo, e conforme Butler, as performances *drags* reduzem a própria identidade sexual a uma paródia. As performances de pornoterrorismo, e de resto todo o movimento do pós-porno, são espaços onde não há lugar para heteronormatividades, géneros nem sexos dicotómicos. Onde se descentralizam os órgãos sexuais dos genitais e se criam constantemente novas formas de sexo, novas formas de fazer sexo e novas identidades. *Mi sexualidade es una creación artística* (2011) é um documentário “homemmade” realizado por Lucía Egaña Rojas que reúne grupos activistas pós-porno e ilustra o que é a pós-pornografia.

reais. Fazendo uma aproximação a Beatriz Preciado (2008), é necessária intervenção política para uma reprogramação do sexo. Esta intervenção não é utópica, a definição de humano e das suas necessidades difere de cultura para cultura, não existem definições imutáveis nem no espaço nem no tempo, os conceitos estão sempre sujeitos a re-significações, as categorias sempre sujeitas a mudanças. O mesmo acontece às pessoas e ao mundo.

Apesar do risco da exclusão, devemos-nos opor às normas que agem violentamente sobre nós. Para Butler, sendo a identidade sexual o local onde se naturalizam a norma e as noções de género, é a partir dela que se podem des-naturalizar e desconstruir as mesmas noções, nomeadamente através da paródia *drag*. Considera ainda Butler que falar em *gender trouble*, *transgender* e *cross-gender* é uma forma de deslocação para além dos binarismos naturalizados. Aqui tomo uma posição cautelosa e não deixo que se confunda transexual com *transgender*. É sensato não desconsiderar os casos em que pessoas *transgender* se mantêm numa posição de flutuação entre o seu sexo biológico, que optam por não alterar,⁷⁸ e identidade sexual, mas encaro as transexuais *post-op* como uma reprodução do sistema binário, como já referi acima, já que transitam de um sexo masculino ou feminino, para o outro, de forma completa, isto é, de acordo com o que se espera que seja um homem ou mulher, desde sexo anatómico, estética e comportamento. Em *Gender Outlaw* (1994), Kate Bornstein descreve a transexualidade como um modo de passagem entre os sexos, a recusa da redutibilidade do sexo a uma instância normativa. Apesar de, em certa medida, concordar com esta recusa, há que admitir que, embora as pessoas nestas condições não se reduzam a uma determinada instância normativa, transitam de uma para outra, acabando por cair na normatividade do sexo oposto.

Butler apelou à recusa das normas e Beatriz Preciado (2002) desenvolveu a noção de “contra-sexualidade” como renúncia a uma identidade sexual fechada e natural, com consequente resignação aos benefícios sociais, económicos e jurídicos atribuídos às identidades, digamos, submissas. O corpo contra-sexual será aquele que não se reconhece nem como mulher nem como homem, mas que dialoga com todas as práticas significantes que a história determinou como femininas, masculinas ou perversas, situando-se fora de todas as oposições dicotómicas.⁷⁹ A verdadeira recusa situa-se assim no corpo contra-sexual, ou, diria eu, no *genderqueer*, que poderia ser o equivalente ao nomadismo de Rosi Braidotti, de influência deleuziana. O nomadismo é uma nova forma de pensar a subjectividade que se afasta da tra-

⁷⁸ Dou o exemplo de Hillary Thompson, a primeira skater transexual, que faz tratamento hormonal mas recusa fazer a CRS ou mesmo colocar implantes mamários. Entrevista em Chris Nieratko, “Meet Hillary”.

⁷⁹ Cf. Preciado (2002: 18-19).

dição kantiana do universalismo ético,⁸⁰ providenciando uma nova subjectividade ética e política, a partir de uma visão não-unitária do sujeito, entidade dinâmica e multi-dimensionada (Braidotti, 2006). O pensamento nómada recusa ajustar-se a modelos de pensamento e comportamento universais. Deleuze (1998) mostra que todas as pessoas são fluxos de sucessivos devires. Enquanto me torno no que sou, mudo-me a mim própria. Este fenómeno a que chamou de “devir” não é o fenómeno de imitação nem o ajustar a um modelo, mas antes uma aproximação a várias dimensões onde se operam transformações. Processo que se dá não de modo individual mas colectivo, no decurso do qual o sujeito se reinventa em cooperação com as outras pessoas. Conforme Braidotti (2001: 400), “«Others» are the integral element of one’s successive becomings.” A subjectividade nómada não é o ser, mas o devir, recusa qualquer identidade fixa, sendo a sua circunstância a constante transformação. O corpo ainda não é o que será, está em constante devir, e quando permissivo molda-se de acordo com as normas que recebe, sendo através da repetição das mesmas por actos performativos que ele se normaliza. Sendo o corpo o local onde se manifesta a norma, é a partir dele que ela pode e deve ser combatida; apesar de o intersexo ser o local por excelência deste combate, refiro mais uma vez que todos os outros corpos podem recusar a artificialidade que a norma lhes impõe. Adrienne Rich relembra, no poema “Tear Gas”: “The will to change begins in the body not in the mind. / My politics is in my body”.

Gender Hackers – Identidades fora da norma

“Atraco vuestras farmacias a punta de pistola / e ingiero vuestras soluciones para locos. / Lo que nunca sabréis es que esto que hago / lo hago sin creer en vuestro discurso, / sin confiar en el futuro que me deparan vuestras predicciones, / sin dejaros conocerme. [...] Mi carne, mi sangre, mi piel, mi reino. / Donde yo mando, donde yo decido.”

Diana Torres, *Transfrontera*

⁸⁰ Na *Fundamentação da metafísica dos costumes*, Kant elaborou a teoria dos imperativos categóricos, fundamento do universalismo ético que dita a acção humana baseada numa moralidade autónoma, de valores universais independentes da circunstância, fundados apenas na razão. Já Deleuze considera que os valores são contingentes e políticos.

Beatriz Preciado defende as políticas de experimentação corporal que se desenvolveram a partir do final do século XVIII,⁸¹ através das quais cada pessoa seria a sua própria cobaia de experiências com substâncias psicoactivas. Afirma que “una filosofía que no utiliza su cuerpo como plataforma activa de transformación vital es una tarea vacía” (Preciado, 2008: 248). É a favor da auto-experimentação de cada corpo, nomeadamente da administração de testosterona em gel por parte de bio-mulheres (mulheres biológicas), uma vez que, se “masculinidade” e “feminilidade” são construções culturais, estas devem ser experimentadas.⁸² Dando corpo ao manifesto, relata em *Testo yonqui* uma espécie de auto-ficção biográfica sobre a administração (ilegítima, porque não seguiu protocolo médico e a testosterona está interdita a mulheres não transexuais) de testosterona em gel por conta própria e relata as modificações corporais e emocionais por que passou. Autodefine-se como “gender hacker”, ou “pirata del género”, conceitos que servem para designar pessoas que administram hormonas sem pretensão de mudança de sexo genital ou legal, e sem protocolo psiquiátrico, que não se identificam, portanto, com o “transtorno de identidade sexual” que pessoas transexuais são obrigadas a assumir de modo a conseguirem mudança de sexo medicamente assistida. A bula do Testogel,⁸³ alcunhada por Preciado de “manual de microfascismo”, depois de apresentar a testosterona como “hormona masculina naturalmente produzida no organismo”, numa clara pretensão de omitir que essa hormona é produzida tanto por mulheres como por homens, tanto pelos ovários como pelos testículos, assim como pelas glândulas supra-renais, contra-indica a sua utilização em mulheres. O destinatário é indubitável: “Este medicamento destina-se apenas a ser utilizado por homens adultos”. A contra-indicação do uso em mulheres parece visar a preservação da divisão sexual, estética e emocional, já que a testosterona é uma hormona responsável pelo crescimento dos pêlos, pelo aumento da massa muscular, da libido e níveis de energia, aspectos considerados da masculinidade. Alerta ainda para o perigo de transferência do produto a terceiros durante um contacto íntimo, dando especial atenção às mulheres grávidas, uma vez que existe grande possibilidade de estimular o aparecimento de características masculinas na criança – talvez seja uma referência disfarçada à hiperplasia adrenal congénita.

⁸¹ A título de exemplo: Freud auto-administrou cocaína com o fim de avaliar o seu uso e efeitos psicofisiológicos.

⁸² Não indo contra o dito da autora, relembro que existem pessoas biologicamente do sexo feminino que não precisaram de recorrer à testosterona em gel para manifestarem a sua “masculinidade”, dependendo da quantidade de testosterona produzida e assimilada pelo corpo. Por exemplo, JD Samson, membro da banda feminista *Le Tigre*, apesar de se especular que é transexo e que toma hormonas masculinas, na realidade isso não acontece. JD não toma hormonas e exhibe orgulhosamente o seu bigode conjugado com aparência masculina. Bianca, membro da banda *Cocorosie*, também exhibe um pequeno bigode, que por vezes realça através de pinturas, e encarnando, de resto, uma aparência andrógina/extravagante. Ambas as artistas são consideradas *sex symbols* dentro da comunidade LGBT.

⁸³ Bula disponível em INFARMED.

Preciado vê a sociedade ocidental contemporânea como envolta numa indústria farmacêutica e audiovisual, base do biocapitalismo (ou capitalismo farmacopornográfico), cujos corpos vivos são os corpos pós-modernos de sujeitos inventados e produzidos à escala global. O corpo é, à semelhança do que Foucault já tinha sugerido, uma estrutura biomolecular e orgânica habitada por lugares disciplinares e regido por sistemas de controlo. Ainda para a autora (2008: 89), a certeza de se ser homem ou mulher é apenas uma ficção somatopolítica produzida por tecnologias farmacológicas e audiovisuais que domesticam e limitam as possibilidades do corpo, alterando a realidade.⁸⁴ Em toda a obra, reprova acerrimamente o uso da pílula anticoncepcional por parte das bio-mulheres. O estrogénio e a progesterona, componentes da dita pílula, são as substâncias mais fabricadas pela indústria farmacêutica mundial, sendo uso quase exclusivo de bio-mulheres. Os estrogénios provocam, em termos de características sexuais secundárias, o aumento dos seios, aumento dos quadris, concentração de gorduras nos quadris e coxas. A progesterona diminui a produção de testosterona, levando à diminuição da libido e dos pêlos faciais. A pílula interrompe o ciclo hormonal natural e provoca um ciclo menstrual artificial, transmitindo a ilusão de naturalidade, tornando os corpos das mulheres num corpo feminino quase universal, tecnicamente formado, como que travestido. Beatriz Preciado chega a referir a pílula e o viagra como métodos *bio-drag*, isto é, método de travestimento somatopolítico que implica a produção farmacopornográfica de ficções somáticas de feminilidade e masculinidade, construindo um estilo corporal, uma bio-feminilidade e bio-masculinidade que, em verdade, de bio não tem nada. “Las biomujeres son artefactos industriales modernos, tecno organismos de laboratorio, como las hormonas” (Ibid. 126).

O sexo, que era, no sistema disciplinar do século XIX, dicotómico, natural, intransferível e transcendental, agora é sintético, maleável, variável, susceptível de ser transferido, produzido e reproduzido tecnicamente (Ibid. 82). Se o sexo tem esta passividade de mudança, em que condições podem as tecnologias criar novas formas de sexo? Quando aplicadas a transexuais de forma completa, isto é, tratamento hormonal, CRS (histerectomia e faloplastia-

⁸⁴ Esta realidade é a que se situa ao nível da verdade dos corpos anterior à inscrição dos discursos. Alterando-se os corpos, altera-se consequentemente a realidade. Para Jean Baudrillard, é impossível aceder de forma imediata à realidade devido à deformação desta por parte dos *media*, sendo impossível distinguir real de irreal. Os simulacros – conceito central na sua teoria – constituem cada vez mais o mundo contemporâneo. Segundo o controlo teórico francês, a cultura do irreal sobrepõe-se ao real, deturpando a nossa percepção sobre o mundo. A verdade foi substituída por simulacros, virtualidades que deixam transparecer a ideia de uma realidade que, em verdade, não existe. Cf. Baudrillard, 1991.

tia⁸⁵ ou emasculação e vaginoplastia), mastectomia ou implantes mamários, com pretensão de assumir anatomicamente um corpo normatizado, não creio que seja formado um novo sexo, pois perante a sociedade essas pessoas transexuais serão reconhecidas como homens ou mulheres. Os seus corpos ganharam novo significado, mas não re-significam o esquema sexual. Não resistem às convenções sociais, médicas e legais nem mudam os padrões estéticos, culturais e sexuais. No caso de intervenções realizadas em pessoas intersexuais, também não se altera o esquema da sexualidade, pois a cirurgia de “correção” torna-las-á homens ou mulheres “normais”. Quando aplicadas a *transgenders* que optem por se submeter a algum tipo de modificação corporal de forma não completa, serão criados novos sexos e novas identidades que perturbarão o esquema sexual. As pessoas questionar-se-ão se tal indivíduo é homem ou mulher. As cirurgias de redesignação sexual, tanto para transexuais como para intersexuais, existem com vista a um mesmo fim: a construção de um sexo genital “normativo”. Por este motivo, seria impensável às entidades médicas a realização de cirurgias de redesignação sexual para alguém obter os dois sexos. As rejeições acima mencionadas partem de uma visão reducionista marcada pelo dualismo e pela observação apenas à forma (estética). Porque me coloquei numa posição influenciada pelos pré-conceitos de homem e mulher, acolhendo o que a eles está associado, particularmente a morfologia, considereirei bio-homem normativo um transexual FtM e bio-mulher normativa uma MtF. Pondo de lado esses pré-conceitos, admitiria que uma pessoa XY que se submetesse a uma CRS, portanto, uma pessoa geneticamente considerada masculina mas com vagina, seios, etc., constituísse uma nova forma de sexo e, conseqüentemente, de identidade sexual. O mesmo para uma fêmea XX com pénis após CRS. Assim como uma pessoa intersexual que teria formas de sexualidade diferentes antes e depois da cirurgia. Se pensar nas bio-mulheres que tomam a pílula, também estas constituem um novo sexo, ou, usando termos de Preciado, um tecno-sexo, uma vez que estão a alterar a quantidade de hormonas sexuais no sangue, o que por sua vez desencadeia uma modificação corporal, feminizando o corpo.

Através do caso de Agnes, Beatriz Preciado (2008: 272-278) demonstra o carácter construído da identidade sexual e a possibilidade de criação de novas formas de subjectividade, ou, conforme a autora, representações somáticas que se fazem passar por naturais. Agnes foi uma jovem que consultou, no ano de 1958, uma equipa de psiquiatras em Los Angeles, apresentando-se como uma rapariga, com seios de tamanho “normal”, sem pêlos corporais ou

⁸⁵ Como alternativa à faloplastia existe a metoidioplastia, em que, simultaneamente ao tratamento hormonal de testosterona que confere um alargamento considerável do clitóris, este é deslocado para a frente, colocando-se numa posição similar à de um pénis.

faciais, mas exibindo genitais masculinos. Pelo facto de se vestir de forma “apropriada” para uma rapariga daquela idade (19 anos) e não de forma exibicionista como os homens com “problemas de identificação sexual”, o diagnóstico fora feito e a hipótese de homossexualidade afastada: Agnes seria um hermafrodita verdadeiro, com testículos que produziam elevada quantidade de estrogénios. Um ano depois, foi-lhe realizada uma vaginoplastia e mudança legal de nome de forma a alcançar coerência entre sexo e identidade sexual. Se, por um lado e aparentemente, estamos perante uma história de sucesso médico que resolveu com êxito um caso de intersexualidade, por outro, sustemo-nos perante a face opressora dos dispositivos de controlo do corpo e da sexualidade das instituições médico-legais disciplinárias. Anos mais tarde, Agnes regressou ao médico devido a problemas ginecológicos. Confessou que sempre fora um rapaz mas que, na adolescência, iniciara a toma (ilegítima) de estrogénios, no decurso da qual, agradao com os resultados (redução de pêlos faciais), decidiu continuar a fazê-lo. Esta história demonstra a fragilidade da linha que une a identidade sexual ao sexo, ao ponto de as pessoas poderem manipular os relatórios médicos de acordo com os seus objectivos. No caso de Agnes, ela escondeu estrategicamente as suas tendências lésbicas e a história das pílulas, obtendo o direito a mudar de sexo sem passar pelos protocolos psiquiátricos e legais próprios da mudança de sexo na transexualidade. Este caso espelha ainda, como atenta Preciado, o carácter construído do sexo, ao mesmo tempo que reclama a possibilidade de intervir nessa construção - o poder de reapropriação das técnicas de subjectivação e sexualização do corpo. Estamos perante um desafio às formas de subjectividade determinadas pelas disciplinas normalizadoras biopolíticas de Foucault por parte das novas formas de subjectivação produzidas pelos corpos “anormais”, feitos da re-significação e re-apropriação performativa, aqui, através do acto de administrar num corpo “masculino” hormonas sintéticas destinadas a mulheres.

Não tirando o mérito a Agnes que, através da auto-experimentação (semelhante ao processo de Preciado mas com objectivos diferentes), trapaceou os catálogos de identidade sexual, não posso concordar inteiramente com Preciado quando esta profere (Ibid. 277) que Agnes não é matéria passiva dos dispositivos biopolíticos de normalização do sexo, nem efeito performativo dos discursos sobre a identidade. Pergunto eu: o que é a sua vagina senão um efeito do discurso sobre a identidade feminina? Quando se muda de sexo, essa mudança é um efeito, já que resulta numa adaptação aos discursos (que será a causa), neste caso discursos identitários do ser mulher, que engloba ter vagina. Para Preciado, o corpo de Agnes resultou numa nova forma de subjectividade: “El cuerpo de Agnes, verdadero monstruo sexual de autodiseño, es el producto de la reapropiación y del agenciamiento colectivo de ciertas

tecnologias del género para producir nuevas formas de subjetivación.” (Ibid. 278). No capítulo “Tecnogénero”, Preciado distingue dois tipos de transexuais: as pessoas que “nasceram no corpo errado” e recorrem às técnicas da medicina, devidamente prescritas, para reconstruir o seu sexo – ao que poderia chamar-se transexualidade normativa; e as pessoas que se tomam por “desviantes de género”, *genderqueers*, que rejeitam as imposições normativas que as designações de homem e mulher acarretam. Penso que este novo corpo de Agnes, ainda que constitua para ele próprio uma nova forma de subjectivação, não passa de um produto igual a um transexual normativo, *post-op*, já que se submeteu aos mesmos procedimentos cirúrgicos e hormonais, tendo sido no entanto mais perspicaz e alcançado o seu objectivo de uma forma célere e célebre.

Fora do campo da biologia, muito se tem teorizado sobre o sexo, o que é, o que o define, quantos sexos existem, sem se ter chegado ainda à proximidade de uma definição última e consensual. Quando as feministas dos anos 70 se reapropriaram do conceito de género para o contrapor a sexo, tomaram o sexo como propriedade biológica, portanto não sujeito à influência cultural. Mais tarde, a noção de sexo veio a perder este carácter de imutabilidade e independência cultural. Para Foucault (1994: 156) o sexo reagrupa numa unidade artificial, elementos anatómicos, funções biológicas, comportamentos e sensações. Luce Irigaray afirma em *An Ethics of Sexual Difference* (1993: 5) que a diferença sexual não é um facto, mas uma das maiores questões filosóficas contemporâneas que permanece em aberto. Para Beatriz Preciado (2008: 58), o sexo, a par da sexualidade e da raça, é uma ficção somática que existe apenas devido à performatividade.

Para Butler, por outro lado, a diferença sexual não é apenas uma facticidade; não sendo totalmente dada (é social) também não é totalmente construída (é física/biológica). Em *Bodies That Matter*, Butler reflecte sobre a noção de materialidade, considerando-a intrinsecamente ligada à linguagem, de tal modo que a materialidade apenas é acessível mediante o discurso. Sendo assim, a materialidade do corpo, e apesar de reconhecer as diferenças físicas entres os corpos, é apreendida e conhecida pelo discurso, reflectindo a urgência de à nascença atribuir um sexo às crianças, a necessidade em conhecer o corpo e poder designá-lo. Fora desse discurso médico, o corpo não teria existência. Para Braidotti, a diferença sexual não se reduz à biologia nem à cultura. A filósofa reivindica o pensamento positivo da diferença, especialmente da diferença sexual, tendo para tal, usado modelos deleuzianos (a teoria do devir) aplicados ao repensar da subjectividade através de um sujeito feminino, com o intuito de resgatar o “outro” que estava impregnado de conotações negativas, num momento em que

o saber entrou em crise devido á desestabilização do sujeito moderno. A teoria de Deleuze assenta não numa dicotomia masculino / feminino, mas numa multiplicidade de posições de sujeitos sexuados que pelo acto de devir transgridem a dicotomia maioritário / minoritário. Não existiriam dois sexos nem um sexo,⁸⁶ mas “n” sexos. Sendo o corpo uma máquina desejante, esta poderia subverter a ordem estabelecida:

Há uma trans-sexualidade microscópica presente em todo lado, que faz com que a mulher tenha em si tantos homens como o homem, e o homem mulheres, capazes de entrar, uns com os outros, umas com as outras, em relação de produção de desejo que subverte a ordem estática dos sexos. (Deleuze, 2004: 308)

É por isso que o acto de fazer amor não é a transformação num uno, mas num múltiplo, num “cem mil”. Tal como Deleuze, Braidotti reivindica uma identidade corporal não fixa, em constante devir, recusando identidades hegemónicas e proclamando a aniquilação do sujeito singular e universal em prol de um multiplamente articulado.⁸⁷

Negando a legitimidade da oposição binária dos sexos (masculino / feminino), Deleuze afirma que ninguém é exclusivamente um ou outro, ninguém é propriamente homem ou mulher, heterossexual ou homossexual, mas sim os dois (porque possui propriedades de ambos) e nenhum (porque não se reduz e nenhuma essência). No fundo, como afirma no *Anti-Édipo* (2004: 73), todas as pessoas são transexuais elementar e molecularmente. Monique Wittig (1990), tal como Deleuze, considera a existência de tantos sexos como indivíduos, mas admite que os mesmos estão fechados em guetos sexuais.

A minha posição, depois de tudo o que avalei, não pode ser outra que não a mesma das acima referidas, mas poderia ainda acrescentar que cada pessoa porta em si vários sexos (hormonal + psicológico + gonadal, etc.), como de resto já o tinha demonstrado, e que dentro de cada sexo pode haver atipicidade ou um outro sexo somado, nomeadamente no sexo genital, seja intersexo ou não, e no sexo cromossomático (recorde-se o mosaicismo e quimerismo onde o sexo cromossomático se multiplica por dois). Não existem dois sexos mas múltiplos sexos em cada pessoa, de tal forma que parece deixar de fazer sentido considerar o sexo como principal factor de distinção das pessoas, seja num sistema binário, seja num ternário (feminino/masculino ou feminino/masculino/outro). Às pessoas que se vêem incitadas a optar por um sexo: a melhor escolha é não escolher. Quanto à identidade sexual, tal como o sexo e conforme Irene Ramalho (2001: 528) “está longe de ser uma entidade fixa” pois ela é “histó-

⁸⁶ *Um sexo* nomeadamente na visão psicanalista Freudiana. Para a posição de Deleuze contra a representação antropomórfica do sexo na psicanálise, ver o *Anti-Édipo* (307).

⁸⁷ Por exemplo, Deleuze (2004: 26) afirma que não existe o eu-Nietzsche professor de filologia, etc., mas sujeito-nietzschiano, nómada, que afirma “Eu sou todos os homens da história”.

ricamente situada, sujeita às oscilações da ciência e da política, da cultura e da arte, e até da moda” – ser mulher, ou homem, ou mesmo transexual, em Portugal é diferente de ser mulher na Índia, por exemplo, e essa diferença varia com a época, com a classe, e com vários outros factores.

IV

A RECUPERAÇÃO DA DIFERENÇA PELA HOSPITALIDADE DERRIDIANA

Conforme relembra Braidotti (1994: 147), a noção de “diferença” foi desenvolvida na história da filosofia europeia, a qual, a partir de oposições binárias, criou categorias de alteridade com conotação de inferioridade. Esta noção de diferença foi adotada por modos de pensamento hierárquicos e excludentes, sobretudo pelos regimes políticos totalitários e fascistas que, encarando a diferença como biologicamente determinada, a tomaram como mote para o extermínio de milhares de humanos. Hoje em dia, ao invés de exterminada, a diferença é transformada em mesmidade. O intersexo, à semelhança da diferença para os regimes fascistas, é tomado por uma diferença pejorativa, censurado na sociedade, manipulado pela medicina e pelos discursos que sustentam a ordem social. O intersexo toma agora o lugar de *outro* que até então pertencia, no registo europeu, à população judia, à homossexual, à cigana, à do sexo feminino. O intersexo é o outro sexo, e o outro ser, destituído de reconhecimento enquanto humano. Não obstante, este outro pode ser recuperado e enaltecido pela hospitalidade e reassumir o estatuto de condição humana enquanto tal.

De Sófocles a Derrida, o alcance da palavra “hospitalidade” sofreu várias alterações: enquanto para Platão e Kant é merecedor de hospitalidade o ser humano na condição de cidadão, portanto, o sujeito jurídico-político, para Levinas e Derrida, o é todo e qualquer sujeito na condição humana, sendo o dever de acolher não jurídico mas absoluto. Esta questão liga-se directamente à questão do reconhecimento, discutida por Butler, que possibilita uma vida habitável. Butler proclama por uma maior abrangência do termo humano, de modo a que ao ser reconhecido enquanto tal, a pessoa tenha uma vida habitável, aproximando-se à ética de Derrida que proclama o acolhimento (que poderia ser análogo a uma forma de habitabilidade) a todo e qualquer outro. A hospitalidade, tal como é tratada por Derrida em *Da hospitalidade*, permite-me colocar o intersexo em analogia com o estrangeiro da hospitalidade em sede grega que o autor desenvolve recorrendo às obras de Platão, e com o *outro*⁸⁸ da hospitalidade em

⁸⁸ A palavra “outro” será aqui usada no âmbito da ética derridiana. Contrariamente ao “outro” do feminismo, este outro é o absolutamente outro (“tout autre”) uma alteridade absoluta, independente de qualquer identidade que lhe seja atribuída posteriormente, que vem antes do “eu” e a partir do qual o “eu” reconhece a sua existência. “Antes de *ser*, eu *porto*, antes de *ser eu*, eu *porto o outro*. Eu *porto-te* e devo *fazê-lo*.” (Derrida, 2008a: 54). A relação entre o eu e o outro é uma relação de heteronomia dissimétrica, na qual vigora a singular primazia do outro ao qual sou obrigada a responder (“il faut”). O outro situa-se ao nível do ser vivente, de modo que também o animal é um outro, antes de mim, diante de mim, em mim e fora de mim (Cf. Derrida, *L’animal que donc je*

sede bíblica, desenvolvida a partir da cena Bíblica do *Génesis*, em que Sara e Abraão acolhem três visitantes não convidados.

A hospitalidade no regime do absoluto é a hospitalidade incondicional, de lei anômica, que clama a cada momento por justiça. Se por um lado temos a pessoa convidada, cuja vinda é à partida prevista, por outro, temos a pessoa visitante que interrompe a normatividade sem aviso, causando perturbação – é um evento. A hospitalidade incondicional é aquela prestada ao “outro”, todo e qualquer outro independentemente de sexo, religião, nacionalidade, nome, etc., contrariamente à hospitalidade condicional (de Platão e Kant), que, sendo regida por leis, é prestada apenas ao indivíduo convidado - ao estrangeiro (alguém que vem de fora) ou cidadão da *polis*, - e não a um outro absoluto, enigmático.

A palavra hospitalidade tem na sua etimologia a latina *hospitalitate*, que designa o acto de hospedar. Daqui deriva a expressão *hospes* (“hôte” em frances) a qual apresenta, como atenta Benveniste (1969: 87-89), um carácter ambíguo. A expressão francesa “hôte”, quando traduzida para português, significa simultaneamente hospedeiro (indivíduo que acolhe) e hóspede (indivíduo acolhido) e é um acusativo de *hostis* e *hospes* (ou *hosti-pet*⁸⁹). *Hostis* significa hostil, inimigo, e *hospes* significa convidado, hóspede. Esta aglutinação, *hosti-pet*, é um aviso à ameaça que a hospitalidade porta, assim, a hostilidade no seio da hospitalidade alerta para o perigo desta. Ao acolher alguém em nossa casa não estamos livres do risco de esse alguém afectar negativamente a nossa interioridade, ainda assim, enquanto hospedeiras/os temos a obrigação de cuidar da pessoa acolhida, de igual para igual.

O que acontece quando nasce uma criança intersexo, é que o hospedeiro (sejam as entidades médicas, a família, a sociedade, ou o mundo em geral) abusa da soberania (*potis*) associada à sua condição, ditando as regras e estabelecendo os limites que o intersexo, enquanto hóspede, não poderá transgredir, e acabando por ser ele próprio (o hospedeiro) o hostil, por ver a hostilidade em potência do intersexo – a revolução à organização sexual da sociedade.⁹⁰

Evocando Montandon (2004), tudo começa na ombreira da porta. Esta representa uma linha que separa hospedeiro de hóspede e leva este a cometer a primeira violência: o acto de transgressão ao atravessar a linha, acto esse que implica, ainda assim, a aceitação das regras da pessoa anfitriã. Conforme Montandon (2004: 7), “son franchissement implique tacitement pour l’invité l’acceptation des règles de l’autre”. Uma mulher biológica dá à luz uma criança.

suis). O uso no masculino genérico gramatical justifica-se com a tradução assim feita pelas obras em português de “autre”, contudo, relembro que este outro é um outro para além do sexo.

⁸⁹ *Pet* apresenta-se sob a forma de *potis* (dono de casa) e *i-pse* (o poder mínimo do eu).

⁹⁰ “Eis a questão temível, a hipótese revolucionária do Estrangeiro”, afirmou Derrida (2008b: 32). O estrangeiro era o outro que com a sua vinda perturbava a ordem, analogamente ao que acontece com o intersexo, que vem lembrar a falsa dualidade nos sexos.

Enquanto presa pelo cordão umbilical mantém-se no limiar da hospitalidade, mas quando este é cortado dá-se a primeira violação. A recém-nascida é levada a transgredir a fronteira entre a sua casa (a bolsa amniótica), e a casa do mundo. Apresenta-se como refém⁹¹ ao curioso olhar dos/as obstetras que, tendo em consideração o perigo subjacente do evento que vem de fora, sem perda de tempo procuram a marca que consideram distintiva dos humanos (o sexo), e qual não é o desassossego quando observam que este ousado ser comete outra transgressão: trouxe consigo a ambiguidade. Esta chegou sem avisar, o inesperado rompeu com a norma binária dos sexos, mas ao mesmo tempo apresenta-se submissa a ela. Todos os sexos, em especial o intersexo, vêm ao mundo com o peso da sujeição às regras, de forma a alcançar, recordando Butler, uma vida habitável. Irrompo contra esta sujeição e esta falsa hospitalidade, pois o acolhimento feito ao intersexo não deve ser encarado como um acto de poder que estabelece à partida uma relação de assimetria de hóspede submisso (pessoa intersexo) para hospedeiro soberano (todo e qualquer outrem que o receba), mas deve ser antes como um dom, deve responder incondicional e responsabilmente ao apelo urgente de acolhimento.⁹² A lei da hospitalidade incondicional que Derrida dá a pensar, em *Da hospitalidade*, é uma lei jurídico-políticamente impossível, porque, se o mundo deve ser pensado como uma casa, então, o espaço geográfico deve ser pensado a partir dessa hospitalidade, uma hospitalidade incondicional arqui-originária,⁹³ pré-política, pré-social e pré-jurídica. A hospitalidade condicional, por sua vez, é jurídico-política já que tem uma série de leis impostas ao estrangeiro, na medida em que este é pensado a partir da *pólis*. Para além de uma recepção em forma de questionário, o estrangeiro é ainda obrigado a responder na língua do outro.⁹⁴ Sócrates, apesar de estar na sua cidade, assumiu-se perante os juízes do tribunal como estrangeiro à língua do direito. O estrangeiro é, antes de mais, “estrangeiro à língua do direito na qual o dever de hospitalidade está formulado” (Derrida, 2008: 35), e esta é a primeira violência. Tal como o estrangeiro é obrigado a falar uma língua que não é a sua, o intersexo é obrigado a assumir um sexo que não é o seu, não pode assumir o seu sexo enquanto tal, pois a hospitalidade incondicional está no campo da impossibilidade, e fazer o impossível é um desafio para uma

⁹¹ “Le sujet est otage” (Levinas, 1978: 177).

⁹² Abraão respondeu incondicionalmente aos visitantes misteriosos. Esta é “a grande cena fundadora da hospitalidade abraâmica”. Vide Derrida, 2008b: 94.

⁹³ Arqui-originariedade significa que antes de o sujeito “ser” (sujeito social, de direito), ele está subjogado ao dever absoluto de hóspede.

⁹⁴ N’*O sofista*, o estrangeiro é “alguém que não fala como os outros, alguém que fala uma língua estranha” (Derrida, 2008b: 43). Na *Apologia de Sócrates*, Sócrates “faz de Estrangeiro sem o ser” (Ibid. 35).

ética da incondicionalidade.⁹⁵ Mas o intersexo difere do estrangeiro na medida em que este tem um estatuto social enquanto sujeito dotado de nome próprio e sujeito de direito, enquanto o intersexo, até ver o seu o sexo redefinido, é um outro absoluto, sem nome nem lei, como um bárbaro.

A hospitalidade incondicional poderia ser definida pela feminilidade biológica enquanto corpo gestante, já que é no corpo biologicamente feminino que gere uma criança, onde se dá o primeiro acolhimento de forma incondicional, onde se acolhe o outro enquanto absolutamente outro, antes de qualquer conhecimento. Uma hospitalidade incondicional no âmbito de uma organização sócio-sexual binária é absolutamente impossível, uma vez que tal binarismo só existe na medida em que é moldado a partir da multiplicidade nunca acolhida como tal. É necessária uma hospitalidade absoluta que desafie a hospitalidade condicional, não a contrariando nem condenando, mas fazendo-a aceitar que é preciso acolher todo e qualquer outro. Conforme Derrida (2008: 40), “a hospitalidade absoluta exige que eu abra a minha casa e que dê, não apenas ao estrangeiro (dotado de um nome de família, de um estatuto social de estrangeiro, etc.), mas ao outro absoluto, desconhecido, anónimo, e que lhe dê lugar (...) sem lhe pedir reciprocidade, e sem mesmo lhe perguntar pelo nome.” Este sem perguntar pelo nome pode já ter implícito o desinteresse pelo conhecimento do sexo, já que o nome, apesar de considerado, por Derrida, marca da singularidade, é também marca da mesmidade, tendo em consideração que a maioria dos nomes visa uma diferenciação sexual, através do género gramatical.

A hospitalidade absoluta está no campo da justiça, é uma hospitalidade justa que rompe com a hospitalidade condicional, aquela que está no campo do direito. Entre as duas não há uma oposição delimitada, há em vez disso uma relação de heterogeneidade (diferença sem oposição) e indissociabilidade. A hospitalidade justa impulsiona a hospitalidade de direito à progressão, mas “é-lhe tão estranhamente heterogénea quanto a justiça é heterogénea ao direito” (Ibid.). As leis (as normas, os direitos, os deveres) precisam da Lei (da justiça) para que sejam mais justas; por seu lado, a Lei precisa das leis para ter significado de existência, precisa delas para as intersectar e dizer-lhes o que está errado. É necessário fazer do impossível a meta e retirar o Estado do âmbito do privado, acabar com o biopoder.⁹⁶

⁹⁵ “Eu interrogo a impossibilidade como possibilidade da ética: a hospitalidade incondicional é impossível, no campo do direito ou da política, até mesmo no da ética em sentido estrito. E, no entanto, é o que é preciso fazer, o im-possível” (Derrida *apud* Bernardo, 2004: 18).

⁹⁶ Se o Estado interfere na vida privada, quebra-se a hospitalidade: “A intervenção do Estado torna-se uma violação do inviolável, aí onde a imunidade inviolável permanece a condição da hospitalidade” (Derrida, 2008: 52).

Temos o dever incondicional de acolher o outro sem álibis, sem condições, sem preconceitos. Temos de fazer o impossível de Derrida e sermos hospitaleiras incondicionais, ir contra as leis do direito se for necessário, tal como o próprio filósofo fez quando acolheu indivíduos estrangeiros sem papéis, mesmo sabendo que isso era proibido, um crime até.⁹⁷ Há que reinventar a ética, a política, o direito. Há que acolher não só a pessoa convidada como também a visitante, com a mesma dignidade humana de que ambas são portadoras. Há que viver sem fronteiras, com diferenças sim, mas sem medos, sem preconceitos, sem patologias.

⁹⁷ O crime era denominado “delito de hospitalidade”. Vide Bernardo, 2002: 439.

BIBLIOGRAFIA:

- ABRANCHES, Graça, “Re-lendo a room of one’s own: onde se conta de mudas que ouvem, surdos que falam e mudas que aprendem a falar”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº4/5 Outubro, 1980.
- ANDRIYANTO, Heru, “Court Declares Alterina Male on Eyewitness Testimony”, *in: Jakarta Globe*, November 23, 2010.
- BAUDRILLARD, Jean, *Simulacros e simulação*, Lisboa: Relógio d’Água, 1991.
- BENVENISTE, E, “L’hospitalité” *in: Le vocabulaire des institutions indo-européenes*, Vol I, Minuit, Paris, 1969, pp. 87-88.
- BERNARDO, Fernanda, “A ética da hospitalidade, segundo J. Derrida, ou o porvir do cosmopolitismo por vir a propósito das *ciudades-refúgio*, re-inventar a *cidadania* (II)”, *in: Revista Filosófica de Coimbra*, nº 22, 2002, pp.421-446.
- BERNARDO, Fernanda, “Como uma língua por inventar. A hospitalidade poética de Derrida” *in: Phainomenon - Revista de Fenomenologia*, Nº 9, Outono de 2004.
- BRAIDOTTI, Rosi, “Becoming-Woman: the Positivity of Difference”, *Feminist Consequences: Theory for the New Century*. Ed. Elisabeth Bronfen & Misha Kavka. New York: Columbia University Press, 2001, 381-413.
- BRAIDOTTI, Rosi, *Transpositions: On Nomadic Ethics*, Cambridge: Polity Press, 2006.
- BUTLER, Judith, “Variations on Sex and Gender: Beauvoir, Wittig, and Foucault”, *in: Praxis International*, January 5, 1986, No. 4, pp. 505-516. Versão digitalizada disponível em <<http://www.egs.edu/faculty/judith-butler/articles/variations-on-sex-and-gender-beauvoir/>> (16-12-2011).
- BUTLER, Judith, *Gender Trouble*, New York: Routledge, 1999.
- BUTLER, Judith, *Cuerpos que importan. Sobre los materiales y discursivos del “sexo”*, Buenos Aires: Paidós, 2002.
- BUTLER, Judith, *Undoing Gender*, New York: Routledge, 2004.

- CALLAHAN, Gerald, *Between XX and XY. Intersexuality and the myth of two sexes*, Chicago, Ill: Chicago Review Press, 2009.
- CARRILHO, Jesus, “Entrevista com Beatriz Preciado”, in: *Revista Poiésis*, nº15, Julho, 2010, pp. 47-71. Artigo disponível em <
http://www.poesis.uff.br/PDF/poesis15/Poesis_15_EntrevistaBeatriz.pdf> (10-10-2011).
- CASCAIS, António Fernando (Org.), *Indisciplinar a teoria. Estudos gays, lésbicos e queer*, Lisboa: Fenda Edições, 2004.
- CASTAGNOLI, Cristina, “Transgender persons’ rights in the UE member states”, in: *Directorate General for Internal Policies*, Bruxelas: Parlamento Europeu, 2010.
- CLODE, William H., “O sentido do sexo”, in: *Revista ordem dos médicos*, Ano 27, Nº 115, Janeiro 2011, pp.30-33. Este artigo encontra-se disponível em formato digitalizado em <
<http://www.ilga-portugal.pt/noticias/Noticias/revistaOM.pdf>> (16-12-2011).
- COLAPINTO, John, *As Nature Made Him*, New York: Harper Collins, 2000.
- DELEUZE, Gilles, e GUATTARI, Felix, *A Thousand Plateaus. Capitalism and Schizophrenia*, London: University of Minnesota Press, 1987.
- DELEUZE, Gilles, e PARNET, Claire, *Diálogos*, Trad. Eloisa Ribeiro, São Paulo: Escuta, 1998.
- DELEUZE, Gilles e Felix GUATTARI, *O Anti-Édipo. Capitalismo e Esquizofrenia I*, Trad. Joana Varela e Manuel Carrilho, Ed. Assírio e Alvim, Lisboa, 2004.
- DERRIDA, Jacques, *Le Monolinguisme de L'autre ou la prothèse d'origine*, Galilée, Paris, 1996.
- DERRIDA, Jacques, *L'animal que donc je suis*. Paris: Galilée, 2006.
- DERRIDA, Jacques, *Carneiros. O diálogo ininterrupto: entre dois infinitos, o poema*, Coimbra: Palimage, 2008a.
- DERRIDA, Jacques, *Da hospitalidade*, trad. Fernanda Bernardo, Coimbra: Palimage, 2008b.

DIAMOND, Milton, "Variations of sex development instead of disorders of sex development", in: *Archives of Disease in Childhood*, 26 July 2006. Cópia do artigo cedido pelo autor à Association of Intersex Advocates, disponível em <http://www.intersexualite.org/English_OII/IAIA/Mickey/VSD_not_DSD.html> (8-11-2011).

DIAMOND, Milton; SIGMUNDSON, Keith, "Sex Reassignment at Birth: A Long Term Review and Clinical Implications", in: *Archives of Pediatrics and Adolescent Medicine*, No. 151, March 1997. Versão online disponível em <<http://www.hawaii.edu/PCSS/biblio/articles/1961to1999/1997-sex-reassignment.html>> (13-12-2011).

DIGUÊ, Patrícia, "Não é uma vagina que deixa uma pessoa feliz" (Entrevista a Lea T.), in: revista online *IstoÉ* (17-Fev-2011), disponível em <http://www.istoe.com.br/reportagens/124781_NAO+E+UMA+VAGINA+QUE+DEIXA+UMA+PESSOA+FELIZ+> (13-11-2011).

DREGER, Alice, "A History of Intersexuality, from the Age of Gonads to the Age of Consent" in: *Journal of Clinical Ethics*, vol. 9, no. 4, 1998a, pp. 345-355.

DREGER, Alice, "When Medicine Goes Too Far in the Pursuit of Normality" in: *The New York Times*, July 28, 1998b. Disponível em <<http://www.nytimes.com/library/national/science/072898sci-essay.html>> (10-01-2010).

DREGER, Alice, "Jarring Bodies: thoughts on the display of unusual anatomies", in: *Perspectives in Biology and Medicine*, vol. 43, no. 2, Winter, 2000, pp. 161-172.

DREGER, Alice, *Hermaphrodites and the Medical Invention of Sex*, Cambridge: Harvard University Press, 2003.

DREGER, Alice, "Pink boys with puppy dog tails", in: *Bioethics Forum*, June 12, 2010. Disponível em <<http://www.thehastingscenter.org/Bioethicsforum/Post.aspx?id=5002&blogid=140>> (12-11-2011).

- DREGER, Alice, “Redefining the Sexes in Unequal Terms”, in *The New York Times*, April 23, 2011a. Disponível em <http://www.nytimes.com/2011/04/24/sports/24testosterone.html?_r=1> (17-07-2011).
- DREGER, Alice, “Trans advocates, you’re doing it wrong”, in: *The Stranger*, June 22, 2011b. Disponível em < <http://www.thestranger.com/seattle/trans-advocates/Content?oid=8743338>> (12-11-2011).
- DWORKIN, Shari L., “Intersexual Female Athletes: Critical Reflections on Sex, Gender, and Sexuality Injustice in Sport”, October 12, 2009. Disponível em <<http://thesocietypages.org/sexuality/2009/10/12/intersexual-female-athletes-critical-reflections-on-sex-gender-and-sexuality-injustice-in-sport/>> (12-11-2011).
- “Este não é um modelo qualquer”, in: *Dezanove* - notícias e cultura LGBT em português, 14 Dezembro 2011. Disponível em <<http://dezanove.pt/282748.html>> (16-12-2011).
- EUGENIDES, Jeffrey, *Middlesex*, Alfragide: Dom Quixote, 2002.
- FAUSTO-STERLING, Anne, “Five Sexes, Revisited”, in: *The Sciences*, New York: The New York Academy, Julho / Agosto, 2000, pp. 17-23.
- FAUSTO-STERLING, Anne, “The five sexes: why male and female are not enough”, in: *The Sciences*, New York: The New York Academy, Março/Abril, 1993, pp.20-24.
- FAUSTO-Sterling, *Sexing the Body*, New York: Basic Books, 2000.
- FOUCAULT, Michel e Herculine BARBIN, *Herculine Barbin – Being the Recently Discovered Memoirs of a Nineteenth Century Hermaphrodite*, New York: Random House, 1980.
- FOUCAULT, Michel, *História da Sexualidade. A vontade de saber*, Lisboa: Relógio D’Água, 1994.
- FOUCAULT, Michel, *Os anormais. Curso no Collège de France (1974-1975)*, Trad. Eduardo Brandão, Martins Fontes Editora, São Paulo, 2001.
- GEDDES, Patrick & Arthur THOMSON, *The Evolution of Sex*, London: Walter Scott, 1889.
- GEE, James P., *Social Linguistics and Literacies. Ideology in discourses*, New York: Routledge, 2008.

GRAHA, Sharyn, “Sex, Gender, and Priests in South Sulawesi, Indonesia”, in: *IIAS (International Institute for Asian Studies) Newsletter*, 2002, p. 27. Artigo disponível em <http://www.iias.nl/iiasn/29/IIASNL29_27.pdf> (08-11-2011).

HAMZELOU, Jessica, “Transsexual Differences Caught on Brain Scan”, in: *NewScientist*, 26 Janeiro 2011. Disponível em <<http://www.newscientist.com/article/dn20032-transsexual-differences-caught-on-brain-scan.html>> (29-11-2011).

HORTA, Bruno, “Entrevista Buck Angel. Não preciso de ter um pênis para ser um homem”, *P2* (segundo caderno do jornal *Público*), 23 de Setembro 2008.

IAAF, *IAAF Regulations Governing Eligibility of Females With Hyperandrogenism to Compete in Women’s Competition*, disponível em <http://www.iaaf.org/mm/Document/AboutIAAF/Publications/05/98/78/20110430054216_httppostedfile_HARegulations%28Final%29-Appendices-AMG-30.04.2011_24299.pdf> (17-07-2011).

IAAF, *IAAF Regulations Governing Eligibility of Athletes Who Have Undergone Sex Reassignment to Compete in Women’s Competition*, in <http://www.iaaf.org/mm/Document/AboutIAAF/Publications/05/98/75/20110430053236_httppostedfile_SRRegulations%28Final%29-AMG-30.04.2011_24293.pdf> (17-07-2011).

INFARMED, folheto informativo de Testogel 25mg, disponível em <http://www.infarmed.pt/infomed/download_ficheiro.php?med_id=34016&tipo_doc=fi> (20-11-2011).

“Intersex”, in: *MedlinePlus*, 2011. Disponível em <<http://www.nlm.nih.gov/medlineplus/ency/article/001669.htm>> (16-12-2011).

IRIGARAY, Luce, *An Ethics of Sexual Difference*, New York: Cornell University Press, 1993.

ISNA, “Feminism and Intersex Movement: This is OUR Vagina Monologue”, 2002 <<http://www2.hawaii.edu/~lgbti/Feminism%20and%20Intersex%20Movement%20%20%20This%20is%20Our%20Vagina%20Monologue.pdf>> (18-12-2010).

- KLINFELTER, Harry F., "Klinefelter's Syndrome: Historical Background and Development," *in: Southern Medical Journal*, 79, 1986, pp.1089-1093. Artigo disponível em <<http://47xxy.com/Sitedocs/hkline.pdf>> (14-12-2011).
- LAURETIS, Teresa de, "Queer Theory: Lesbian and Gay Sexualities. An Introduction", *in: Differences*, Volume 3, nº 2, 1991.
- LEHRMAN, Sally, "Além do X e do Y", *Duetto Editorial*, edição 188, Setembro 2008, em <http://www2.uol.com.br/vivermente/reportagens/alem_do_x_e_do_y_imprimir.html> (19-01-2011).
- LEVINAS, Emmanuel, *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence*, La Haye: Nijhoff, 1978.
- LONG, Kathleen P., *Hermaphrodites in Renaissance Europe*, England: Ashgate Publishing Company, 2006.
- Lusa, Agência de Notícias de Portugal, "Bastonário dos médicos acha "normal" texto contra homossexuais", *in: Público*, 10-03-2011. Disponível em <<http://publico.pt/1484211>> (16-12-2011).
- MONEY, John, *Gay, Straight and In-Between. The Sexology of Erotic Orientation*, New York: Oxford University Press, 1988.
- MONTANDON, Alain, "Mirroirs de l'hospitalité", *in: MONTANDON, Alain (ed.), Le livre de l'hospitalité*, Paris: Bayard, 2004.
- MORRIS, Esther, "The Missing Vagina Monologue", *in: Sojourner, Women's Health Edition*, March 2001. Disponível em <http://mrkhorg.homestead.com/files/The_Missing_Vagina_Monologue_and_Beyond.pdf> (Dez-2010).
- MORRIS, Jan, *Conundrum*, Chatham: Faber and Faber, 2002.
- MURRAY, Laura, "The High Price of Looking Like a Woman", *in: The New York Times*, 19 Agosto 2011. Disponível em <http://www.nytimes.com/2011/08/21/nyregion/some-transgender-women-pay-a-high-price-to-look-more-feminine.html?_r=1&emc=eta1> (20-11-2011).

- National Geographic (prod.), “Mutaç o sexual” (episódio 2), na temporada *Tabu América latina*, [v deo], 2010.
- NICHOLSON, Linda, “Interpreting gender”, in: *Social Postmodernism. Beyond Identity Politics*, ed. Linda Nicholson and Steven Seidman, Cambridge: Cambridge University Press, 1995, pp. 39-67.
- NIERATKO, Chris, “Meet Hillary. The World’s First Transsexual Skateboarder”, in: *Kingshit Magazine*, Volume 3, Issue 2. Entrevista disponível em <kingshitmag.com/hillary> (03-12-2011).
- NIETZSCHE, *Ecce Homo*, Trad. José Marinho, Lisboa: Guimarães Editores, 2004.
- OLIVEIRA, Miguel, “Revista da Ordem dos Advogados: «A homossexualidade pode ser tomada como uma doença»”, in: *Dezanove* – notícias e cultura LGBT em português, 12 Dezembro 2011. Disponível em <<http://dezanove.pt/281381.html>> (16-12-2011).
- PAPPAS, Stephanie, “‘Gay Caveman’ Story Overblown, Archaeologists Say”, in: *Live Science*, 7 Abril 2011. Disponível em <<http://www.livescience.com/13620-gay-caveman-story-overblown.html>> (20-11-2011).
- PINO, N dia Perez, “A teoria queer e os intersex: experiências invisíveis de corpos desfeitos.”, In: *Cad. Pagu*, 2007, n.28, pp. 149-174. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332007000100008&lng=en&nrm=iso> (18-10-2010).
- PLATÃO, *Hípias Maior*, Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 1980.
- PRECIADO, Beatriz, *Manifiesto contra-sexual. Prácticas subversivas de identidad sexual*, Madrid: Editorial Opera Prima, 2002.
- PRECIADO, Beatriz, *Testo yonqui*, Madrid: Ed. Espasa, 2008.
- PREVES, Sharon E., *Intersex and Identity: the contested self*, Piscataway: Rutgers University Press, 2005.
- "queer" in: *Oxford Dictionaries*, Third edition, December 2007; online version September 2011, em <<http://www.oed.com/view/Entry/156237>> (14-11-2011).

- Queer Nation, *Queers Read This*, 1990. Manifesto disponível em http://zinelibrary.info/files/queers_read_this.pdf (11-12-2011).
- RAMALHO, Maria Irene, “A sogra de Rute ou intersexualidades”, in: SANTOS, Boaventura (org.), *Globalização. Fatalidade ou Utopia?*, Edições Afrontamento, Porto, 2001, pp. 526-555.
- RAMSEY, Gerald, *Transexuais: perguntas e respostas*, São Paulo: Edições GLS, 1998.
- REIS, Elizabeth, “Divergence or Disorder?” in: *Perspectives in Biology and Medicine*, Vol. 50, nº 4, 2007, pp. 535-543. Este artigo pode ler-se num formato pdf em <http://pages.uoregon.edu/healarts/studies/alternatives/Alt%20PDFs/Divergence%20or%20Disorder%20PBM.pdf> (16-12-2011).
- RUBIN, Gayle, “Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality”, in: VANCE, Carole S. (Ed.), *Pleasure and Danger: exploring female sexuality*, Routledge: Boston, 1984, pp. 267–319.
- RUBIN, Gayle, (2003), "Tráfico Sexual", entrevista com Judith Butler, *Cadernos Pagu* 21, 2003, pp.157-209. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n21/n21a08.pdf> (16-12-2011).
- RUBIN, Gayle, “Traffic in Women: Notes on the 'Political Economy' of Sex”, in: LEWIN, Ellen, ed., *Feminist Anthropology: A Reader*, Blackwell Publishing, 2006
- RUDACILLE, Deborah, “Conversation with Ben Barres, M.D., PH.D.”, *The Riddle of Gender: science, activism, and transgender rights*, New York: Pantheon Books, 2005
- SANTOS, Ana Cristina, “Heteroqueers contra a heteronormatividade: notas para uma teoria queer inclusiva”, in: *Oficina do CES* 239, Novembro 2005. Disponível em <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/ficheiros/239.pdf> (03-09-2011).
- SAX, Leonard, “How common is intersex? A response to Anne Fausto-Sterling”, in: *The Journal of Sex Research*, Volume 39, Number 3, Agosto 2002, pp.174-178. Versão online disponível em [http://www.thefreelibrary.com/How common is intersex? A response to Anne Fausto-Sterling.-a094130313](http://www.thefreelibrary.com/How+common+is+intersex?A+response+to+Anne+Fausto-Sterling.-a094130313) (3-11-2011).

- SEDGWICK, Eve Kosofsky, *Tendencies*, Durham: Duke University Press, 1993.
- STEPHEN, Lynn, “Sexualities and Genders in Zapotec Oaxac”, in: *Latin American Perspectives*, Issue 123, Vol.29 No.2, March 2002, pp. 41-59.
- STONE, Sandy, “The «Empire» Strikes Back: a Posttransexual Manifesto”, 1994, versão electrónica disponível em <<http://wiki.medialab-prado.es/images/1/15/PostTransManifest.PDF>> (16-12-2011).
- STUTHRELL, *Unzipping Gender: Sex, Cross-Dressing and Culture*, New York: Berq, 2004.
- The XXY Project*, sítio online em <<http://xyysyndrome.org>> (13-12-2011).
- TORRES, Diana, entrevistada por José Antonio Delgado, in: *Lamono*, disponível em <<http://pornoterrorismo.com/2011/06/08/entrevista-en-lamono-impresa/>> (13-11-2011).
- VAQUINHAS, Irene, org., *Entre garçones e fadas do lar: estudos sobre as mulheres na sociedade portuguesa do séc. XX*, Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2004.
- WAPTH, *Standards of Care for the Health of Transsexual, Transgender, and Gender Non-conforming People*, 7th Edition, 2011. Versão online disponível em <<http://www.wpath.org/documents/Standards%20of%20Care%20V7%20-%202011%20WPATH.pdf>> (16-12-2011).
- WATSON, Chalmers, ed., *Encyclopaedia Medica* vol. 4, Edinburgh: William Green and Sons, 1900.
- WHO (World Health Organization), *CID-10*, 2010. Versão online disponível em <<http://apps.who.int/classifications/icd10/browse/2010/en>> (20-11-2011).
- WILLIAMS, Walter L., “The Berdache Tradition”. Artigo disponível em <<http://crl.ucsd.edu/~elman/Courses/HDP1/2000/LectureNotes/williams.pdf>> (14-12-2011).
- WITTIG, Monique, “Paradigm”, 1990. Disponível em *Talawas*, <<http://www.talawas.org/talaDB/showFile.php?res=1064&rb=0503>> (29-11-2011).

WRIGHT, Elizabeth, “Re-evaluating Woolf's Androgynous Mind”, University of Durham Postgraduate English, Issue 14, 2006.

YESSIR, “Indonesian Court Says Alterina Hofan Is A Man”, in *A BIG MESSAGE for an upside down world*, 1 de Dezembro 2010, em <<http://www.abigmessage.com/indonesian-court-says-alterina-hofan-is-a-man.html>> (Jan-2011).